



UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE ASUNCIÓN
FACULTAD DE CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN Y LA COMUNICACIÓN
MAESTRÍA EN CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN

EDUCAÇÃO E RELIGIÃO: O IMPACTO DA TEMÁTICA RELIGIOSA NA
PERCEPÇÃO DOS ALUNOS DO TERCEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO DA ESCOLA
TÉCNICA ESTADUAL DR. CELSO CHARURI

Jonatas Francisco Ferraz

Orientador: Dr. Javier Numan Caballero Merlo

Asunción, Paraguay

2023

Jonatas Francisco Ferraz

**EDUCAÇÃO E RELIGIÃO: O IMPACTO DA TEMÁTICA RELIGIOSA NA
PERCEPÇÃO DOS ALUNOS DO TERCEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO DA ESCOLA
TÉCNICA ESTADUAL DR. CELSO CHARURI**

Dissertação apresentada, defendida e aprovada para curso de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Ciências Humanas e da Comunicação da Universidade Autônoma de Assunção como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Asunción, Paraguay

2023

Ferraz, Jonatas Francisco, 2023

Educação e Religião: O Impacto da Temática Religiosa na Percepção dos Alunos do
Terceiro Ano do Ensino Médio da Escola Técnica Estadual Dr. Celso Charuri.

Páginas: 133

Tutor: Professor Dr. Javier Numan Caballero Merlo

Dissertação acadêmica de Mestrado em Ciências da Educação

Universidad Autónoma de Assunción

Jonatas Francisco Ferraz

EDUCAÇÃO E RELIGIÃO: O IMPACTO DA TEMÁTICA RELIGIOSA NA PERCEPÇÃO
DOS ALUNOS DO TERCEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO NA ESCOLA TÉCNICA
ESTADUAL DR. CELSO CHARURI

Dissertação apresentada e defendida na
Universidade Autônoma de Assunção, como
requisito para a obtenção do título de Mestre
em Ciências da Educação.

Aprovada pelo COMITÊ EXAMINADOR em Asunción – Paraguai,

____/____/____

Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos! Quem, pois, conheceu a mente do Senhor? Ou quem foi o seu conselheiro? Ou quem primeiro deu a ele para que lhe venha a ser restituído? Porque dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas. A Ele, pois, a glória eternamente. Amém!

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus, o autor e mantenedor da vida, que me deu força e graça, podendo realmente dizer que até aqui me ajudou o Senhor.

A minha esposa Janaina Molinari de Campos Vieira Ferraz pelo companheirismo, amor e dedicação e pelo apoio a este trabalho. Ao meu querido filho Filipe Campos Viera Ferraz, minha alegria de todos os dias.

Aos meus pais Carlos Francisco Ferraz e Maria das Graças Ferraz pelo amor e incentivo.

Aos meus irmãos, Carlos Francisco Ferraz Junior, Mirela Cristiane Ferraz, Késia Cristina Trindade Ferraz pelo apoio. E meus cunhados, Thiago e Marina, não esquecendo da minha irmãzinha Ketlen.

Ao meu sogro (*in memoriam*) Celso Roberto Vieira e Zenildes Molinari de Campos Vieira, que sempre me incentivaram. Além da minha cunhada Geovana e Juliano

A todos os meus colegas de turma do Mestrado, especialmente, meus amigos Alison, Cláudio e Edval, pela ajuda e pelo respeito de um para com os outros.

A todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram ao longo deste trabalho para minha formação.

Resumo

A presente dissertação, analisa o processo de aquisição e aplicabilidade da temática religiosa na realização contínua de estudo e desenvolvimento para uma consciência cidadã com uma capacidade emancipatória ou não dos alunos. Dessa forma busca-se entender o que pensam, sentem e vivem os estudantes. Como pano de fundo, procura-se através de levantamento bibliográfico compreender as relações entre educação e religião desde a chegada dos jesuítas no período colonial, as mudanças que ocorreram no período republicano com a adoção da Lei de Diretrizes e Bases e pôr fim a Base Nacional Comum Curricular. O ensino de temática no Brasil ficou condicionado, por muito tempo, as interpretações de apenas uma visão religiosa e teológica, devido à relação muito estreita entre Estado e Religião. Buscou-se como objetivos específicos: Identificar se há espaço e tratamento igualitário para diversas religiões na sala de aula ou resquícios do pensamento hegemônico colonial; Verificar se a temática religião tem servido para aprofundamento filosófico, haja vista a laicidade do Estado, isto é, na reflexão de elementos religiosos e não adesão, o que requer uma reflexão histórica e filosófica ampla e não confessional e analisar as questões que envolverão a História Política e Religiosa da educação no Brasil e seus reflexos na sala de aula.

Palavras-chave: Religião. Educação. Base Nacional Curricular

Resumen

La presente disertación analiza el proceso de adquisición y aplicabilidad del tema religioso en el estudio y desarrollo continuo para una conciencia ciudadana con capacidad emancipatoria o no de los estudiantes. De esta manera, buscamos comprender lo que los estudiantes piensan, sienten y viven. Como antecedentes se intenta mediante un levantamiento bibliográfico comprender la relación entre educación y religión desde la llegada de los jesuitas en la época colonial, los cambios ocurridos en la época republicana con la aprobación de la Ley de Directrices y Bases y poner fin al Currículo Común de Base Nacional. La enseñanza temática en Brasil estuvo condicionada, durante mucho tiempo, a las interpretaciones de una sola visión religiosa y teológica, debido a la estrecha relación entre Estado y Religión. Se persiguieron los siguientes objetivos específicos: Identificar si hay espacio e igualdad de trato para las diferentes religiones en el aula o remanentes del pensamiento hegemónico colonial; Verificar si el tema religión ha servido para la profundización filosófica, dado el carácter laico del Estado, o sea, en la reflexión de los elementos religiosos y la no adhesión, lo que exige una reflexión histórica y filosófica amplia y no confesional y analizar las cuestiones que involucrarán Historia Política y Educación Religiosa en Brasil y sus reflexiones en el aula.

Palabras clave: Religión. Educación. Base Curricular Común

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Base Nacional Comum	8
Figura 2 – LDB e BNCC	11
Figura 3 - Áreas do conhecimento e Itinerários formativos da BNCC	16
Figura 4 - As 10 Competências Gerais	18
Figura 5 - Fotografia do município de Capão Bonito-SP	65
Figura 6 - Fotografia do município de Capão Bonito-SP	65
Figura 7 - Fotografia da Etec Dr. Celso Charuri	67
Figura 8 - Escola Técnica Estadual Dr. Celso Charuri	68
Figura 9 - Escola Técnica Estadual Dr. Celso Charuri	68
Figura 10 - Laboratório de informática	71
Figura 11 - O pátio da Etec Celso Charuri	72
Figura 12 - Esquema do Desenho, Tipo e Enfoque da Pesquisa	77
Figura 13 - Sexo dos participantes	88
Figura 14 - Idade dos participantes	89
Figura 15 - Sobre a obrigatoriedade do Ensino Religioso no Ensino Médio	89
Figura 16 - A coexistência de várias religiões nas aulas	92
Figura 17 - As disciplinas que mais tratam da temática religiosa	93
Figura 18 - Sobre Constrangimento na sala	96
Figura 19 - A religião do aluno	98
Figura 20 - As palavras-chave das pesquisas selecionadas	105
Figura 21 - Sobre a cultura indígena e afro-brasileira	107
Figura 22 - A atuação do docente na sala	109
Figura 23 - A formação dos professores	110
Figura 24 - As palavras-chave das pesquisas selecionadas	116
Figura 25 - Sobre a empatia dos professores	117
Figura 26 - O desrespeito na sala por parte do docente	118
Figura 27 - Conflitos e discussões na escola	119
Figura 28 – A intolerância religiosa no ambiente escolar	120
Figura 29 - As palavras-chave da pergunta selecionada	127

LISTA DE ABREVIATURAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
LDB	Lei de diretrizes e bases
ER	Ensino Religioso
FONAPER	Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso
MEC	Ministério da Educação
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
PISA	Programa Internacional de Avaliação de Alunos

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Pisa 2018 - resultado	36
Tabela 2 - Desenho da Investigação	63
Tabela 3 - População participante da pesquisa	84
Tabela 4 - Etapas da pesquisa	63
Tabela 5 - Aplicabilidade da temática religiosa na sala	100
Tabela 6 - A prática pedagogia que respeita as diferenças na sala de aula	111
Tabela 7 - A pedagogia jesuítica e sua presença em sala de aula	121

SUMÁRIO

RESUMO.....	vii
RESUME.....	viii
LISTA DE FIGURA.....	ix
LISTA DE ABREVIATURAS.....	x
LISTA DE TABELAS.....	xi
INTRODUÇÃO.....	1
1. A TEMÁTICA RELIGIOSA NA BNCC.....	9
1.1 - As competências da BNCC.....	10
1.2 - Unidades temáticas na BNCC.....	16
1.3 - BNCC e a temática religiosa.....	17
2 - As Relações Entre Educação e Religião Desenvolvidas Desde o Período Colonial Até os Dias Atuais.....	26
2.1 - A educação no Brasil e as relações com o catolicismo.....	26
2.2 - O início do ensino no Brasil e o papel dos jesuítas.....	31
2.3 - Origens e análise da religião no ensino.....	35
2.4 - História da educação no Brasil.....	39
2.5 - A Educação jesuítica.....	42
2.6 - Conceitos liberais na Educação.....	49
3 - O MARCO METODOLÓGICO.....	57
3.1 - Justificativa e problema da Pesquisa.....	57
3.2 - Objetivos geral e específicos.....	59
3.2.1 <i>Objetivo geral</i>	59
3.2.2 <i>Objetivos específicos</i>	59

3.3 - Decisões Metodológicas: Enfoque e Desenho.....	59
3.4 - Contexto da Pesquisa.....	64
3.4.1 - Local da Pesquisa.....	66
3.4.2 - Espaço Físico.....	71
3.4.3 - Missão.....	73
3.4.4 - Matriz swot.....	73
3.5 - População Participante.....	75
3.6 - Delineamento Metodológico.....	77
3.7 - Características da pesquisa.....	79
3.8 - Técnicas e instrumentos para coleta dos dados.....	79
3.8.1 - Questionário.....	81
3.9 - Processo da pesquisa.....	84
4. Implicações Éticas.....	86
5. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA.....	87
5.1 - Análise e discussão dos resultados da investigação.....	87
5.2 - Questionário aplicado aos discentes.....	88
5.2.1 <i>Objetivo específico 1: Identificar se há espaço e tratamento igualitário para diversas religiões na sala de aula ou resquícios do pensamento hegemônico da herança colonial.....</i>	91
5.2.2 - <i>Objetivo específico 2: Identificar se a temática religião tem servido para aprofundamento filosófico, haja vista a laicidade do Estado, isto é, na reflexão de elementos religiosos e não adesão, o que requer uma reflexão histórica e filosófica ampla e não confessional.....</i>	95
5.2.3 - <i>Objetivo específico 3: Analisar as questões que envolverão a História Política e Religiosa da educação no Brasil e seus reflexos na sala de aula.....</i>	97
5.2.4 - <i>Objetivo específico b.....</i>	108

5.2.5 - <i>Objetivos específico c</i>	117
6 - CONCLUSÃO.....	128
7 - RECOMENDAÇÕES.....	134
8 – REFERÊNCIAS.....	137
9 – APÊNDICES.....	146
10 - ANEXOS.....	165

INTRODUÇÃO

Os/as educadores não poderão ignorar, no próximo século, as difíceis questões do multiculturalismo, da raça, da identidade, do poder, do conhecimento, da ética e do trabalho que, na verdade, as escolas já estão tendo de enfrentar. Essas questões exercem um papel importante na definição do significado e do propósito da escolarização, no que significa ensinar e na forma como os/as estudantes devem ser ensinados/as para viver num mundo que será amplamente mais globalizado, *high tech* e racialmente diverso que em qualquer época da história. (Giroux, 2002, p. 88)

A realização desta pesquisa, cujo título é: *Educação e Religião: O impacto da temática religiosa na percepção dos alunos e alunas do terceiro ano do ensino médio na Escola Técnica Estadual Dr. Celso Charuri*, tem o propósito de investigar a aprendizagem e a aplicabilidade, ou seja, como o conteúdo aprendido referente à temática religiosa reflete na prática social dos alunos e alunas durante a conclusão do Ensino Médio. Existe no Brasil um ensino de temática religiosa que advém de uma herança cultural e histórica, que foi mal estabelecida, ficando em conflito com a Lei. A religião no Brasil funcionou como uma maneira de doutrinar e impor ideologias do velho mundo carregadas de valores cristãos, fortalecendo uma visão eurocêntrica de mundo.

Desde a formação do Estado Republicano do Brasil, em 1889, há uma separação entre Estado e Religiões de uma maneira geral. A primeira Constituição republicana de 1891, já estabelecia um Estado Laico que tentava desvincular os interesses da igreja com os interesses do Estado. A Constituição de 1988 procurou reconhecer a pluralidade religiosa, a liberdade de crença, buscando separar a doutrina religiosa das disciplinas curriculares. Todavia não tem como dissociar um ensino que não leve em consideração a temática religiosa e apara isso, tanto a Lei

de diretrizes e Bases (1996) como a Base Nacional Comum Curricular (2018), tentam pautar diretrizes que favoreçam um ensino na temática religiosa que contribua para a formação integral do indivíduo, garantindo a liberdade, a manifestação e a tolerância religiosa dentro das escolas.

A LDB (1996), protege a liberdade cultural e religiosa, entretanto na prática, a globalização, o multiculturalismo, e as novas questões ligadas a gênero, raça, etnias, religiões, tudo isso, enseja novas discussões e novas problemáticas, por isso, a importância de discutir o tema dentro da educação.

O ambiente escolar é um espaço que naturalmente propicia uma diversidade cultural, social e religiosa. Dentro da sala de aula, diante da multiplicidade de ideias e valores, as relações pessoais podem ser afloradas no momento que temas ou assuntos surjam sem a mediação imparcial do professor. Assuntos polêmicos podem causar constrangimento e exposição do aluno no processo de ensino aprendizagem. Alguns pensadores já esboçavam no século passado as dificuldades que aumentariam e outras que surgiriam no ambiente escolar. Com a elevação do acesso gratuito a escolarização, nas primeiras décadas do século XX, e conseqüentemente o aumento do número de alunos nas escolas, há necessidade cada vez mais de um melhor preparo da gestão escolar, dos professores, e profissionais ligados a educação, para entender e dirimir os vários problemas estão surgindo no ambiente escolar.

No Brasil um dos problemas frequentes e corriqueiro em sala de aula é o aumento da intolerância religiosa. Isso porque até as últimas décadas do século XX, a religião majoritária na escola era católica. Com o aumento de alunos nas escolas, vindos de todo lugar, bairros, vilas e zona rural, diversas religiões vão aparecendo dentro de uma sala de aula com cerca de quarenta alunos. E mesmo com um ensino laico sempre é possível verificar que na prática isso ainda não acontece. Um segundo ponto que merece atenção, nesse aspecto, é entender e compreender que

apesar do Estado ser laico, os alunos não são laicistas.

Estamos vivendo num tempo de profundas mudanças sociais, políticas, econômicas e religiosas com o aumento de reações fundamentalistas em diversos países. Faz-se necessário lembrar que as questões que envolvem intolerância religiosa sempre estiveram presentes na história da educação no Brasil desde chegada dos portugueses durante o processo de colonização. A religião no Brasil funcionou como uma maneira de doutrinar e impor ideologias do velho mundo carregadas de valores católicos, fortalecendo uma visão eurocêntrica de mundo. O próprio início do ensino de Filosofia em uma instituição escolar, no Brasil, se deu pela imposição do pensamento cristão dos jesuítas com a *Ratio Studiorum*.

Conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1999, p.156, incisos I, II, III e IV, art.35 e 36): “a educação deverá nortear a totalidade da natureza do ser humano propiciando o crescimento harmonioso de suas faculdades para o convívio em cidadania”, e entre esses diversos conhecimentos a Religião se faz presente no dia a dia na sala de aula. Faz-se necessário lembrar que a educação no Brasil sempre esteve ligada a religião durante a colonização, Primeiro e Segundo reinado e possui uma enorme influência no Brasil republicano. Conforme afirma Saviani (2005, p. 88):

A educação brasileira desenvolveu-se, principalmente, por influência da pedagogia católica (a pedagogia tradicional de orientação religiosa), com os jesuítas, que, praticamente, exerceram o monopólio da educação até 1759, quando foram expulsos por Pombal. Isso não significou a exclusão da influência católica na educação, mas sim, a quebra de um monopólio. Este período vai até o início do século XX, quando se torna forte a influência da Escola Nova, que se inspira naquilo que chamo de concepção humanista moderna de Filosofia da educação.

As questões que envolvem assuntos ligados a temática religiosa estão presentes no cotidiano dos alunos. As disciplinas que trazem nos seus currículos assuntos pertinentes as religiões são, em sua maioria, da área de humanas, História, Filosofia e Sociologia. Todavia as formas de abordar determinados assuntos variam de acordo com as experiências, ideologias e conhecimentos dos professores. Existem várias dificuldades no que tange como o aluno percebe, utiliza, entende, e se apropria de um assunto tão complexo, que perpassa pela exposição de um docente que as vezes interfere na aquisição do conhecimento, tentando implantar suas concepções sobre o assunto. Alguns aspectos históricos, de doutrinação religiosa, que começaram na colonização, ainda são sentidas na contemporaneidade. Geralmente o ambiente escolar não oportuniza a integração e a diversidade religiosa. Há uma indefinição do que se deve ser trabalhado e compreendido pelo aluno que passa a ter um entendimento mais profundo sobre religião e suas manifestações a partir do 9º ano do Ensino Fundamental, quando a LDB estabeleceu o Ensino Religioso nas escolas, e o estudante passa a ter um melhor entendimento, clareza e percepção dos assuntos ligados a temática religiosa nos três próximos anos no Ensino Médio. A resolução do MEC através da LDB n.9394/96 art. 33 diz:

O ensino religioso, de matrícula facultativa, constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, sendo oferecido, sem ônus para os cofres públicos, de acordo com as preferências manifestadas pelos alunos ou por seus responsáveis, em caráter: I - Confessional, de acordo com a opção religiosa do aluno ou do seu responsável, ministrado por professores ou orientadores religiosos preparados e credenciados pelas respectivas igrejas ou entidades religiosas; ou II - Interconfessional, resultante de acordo entre as diversas entidades religiosas, que se responsabilizarão pela elaboração do respectivo programa.

Sempre que é colocado em pauta o tema Religião, em qualquer lugar do mundo surgirão discordâncias, divergências, podendo até mesmo ocorrer uma discussão exacerbada que ocasionará em violência, seja esta, de ordem moral, psicológica ou física. Encontramos ações de violência, produtos da intolerância religiosa, em todos os lugares inclusive no espaço escolar. Diante de tantas calamidades que vemos, e repudiamos todos os dias, precisamos encontrar explicações para as perguntas que estão sendo formulada, de o porquê de tudo isso, cujas respostas por melhores que estejam sendo elaboradas não justificam as ações e as reações. Quando se fala em religião e religiosidade, nota-se que muitas vezes o elo foi perdido na ligação entre crença e respeito, veneração e caridade, dando lugar ao fanatismo e à intolerância.

Desde tempos primórdios, podemos verificar como a religião está ligada e enraizada nas diversas culturas espalhadas pelo mundo. As primeiras civilizações se estabeleceram como Estados teocráticos e monárquicos, onde muitos tiranos eram considerados como representantes divinos na Terra. Os povos mesopotâmicos, egípcios, hebreus, persas, fenícios, entre tantos outros, sempre organizaram seus Estados tendo a religião como suporte.

A cada fase da sociedade corresponde uma concepção particular da educação, conforme aos interesses da classe dominante. As civilizações antigas foram monárquicas e teocráticas e seus resquícios prolongam-se nas escolas, pois, enquanto na vida ativa do exterior, os homens liberam-se das opressões antigas, as crianças, relativamente sacrificadas, bem como as mulheres, em razão de sua fraqueza, têm de suportar por mais tempo as rotinas das práticas de outrora. O tipo de nossos manuais de educação existe há vários milênios, e ainda se repetem quase nos mesmos termos os preceitos “moralizadores” que ali se encontram. “Obedecer!”, tal é, no fundo, a única moral pregada em um livro do príncipe Phtah-Hotep [...] Obedecer a fim de ser recompensando

por uma longa vida e pela benevolência dos senhores, eis toda sabedoria. (Reclus, 2010, pp. 15-16)

Durante a Idade Média o clero se impôs com rigor, utilizando de mecanismos de tortura física, conforme verificamos na instalação do Tribunal da Santa Inquisição, ou até mesmo de ordem psicológica, com a criação da doutrina do purgatório. A religião ocupa um papel fundamental na sociedade. No Ocidente, a religião também está presente na esfera econômica, política e educacional.

No dia a dia realizamos inconscientemente escolhas carregadas de valores pessoais influenciados por doutrinas religiosas, pois passamos a conviver com crenças religiosas e nem paramos para analisá-las. Dentro da sala de aula é preciso desassociar religião de religiosidade. A religiosidade somada à diversidade religiosa gera intolerância, preconceito, violência, guerra e morte.

Essas questões que envolvem Religião e Educação conduziram a elaborar o seguinte problema: Entender as relações entre Educação e Religião na perspectiva do aluno quando a temática religiosa é tratada e sala de aula seja em Sociologia da religião, História, literatura, Filosofia ou até mesmo outras disciplinas. Verificar se os assuntos trabalhados pelo professor têm servido apenas como conhecimento teológico, de doutrinação como na colonização do Brasil ou tem sido trabalhado na perspectiva ontológica, para a necessidade do ser.

A presente proposta de pesquisa visa analisar como tem sido trabalhado na sala de aula assuntos relativos à religião na percepção dos alunos de perspectiva histórica, teológica e ontológica, bem como a apropriação do tema ao final do 3º ano do Ensino Médio. Assim, fundamenta-se como problema a presença da temática religiosa no ambiente escolar, e os aspectos ligados à sua transmissão através da prática docente e recepção por parte do discente.

Definido o objeto de estudo, concluiu-se que o **objetivo geral** seria analisar o impacto da temática religiosa na sala de aula na perspectiva do aluno, durante a conclusão do Ensino Médio, e sua percepção sobre como tem sido trabalhado assuntos que abordam a religião.

No decorrer do trabalho, buscou-se como **objetivos específicos**:

- a- Identificar se há espaço e tratamento igualitário para diversas religiões na sala de aula ou resquícios do pensamento hegemônico colonial
- b- Verificar se a temática religião tem servido para aprofundamento filosófico, haja vista a laicidade do Estado, isto é, na reflexão de elementos religiosos e não adesão, o que requer uma reflexão histórica e filosófica ampla e não confessional.
- c- Analisar as questões que envolverão a História Política e Religiosa da educação no Brasil e seus reflexos na sala de aula.

No primeiro capítulo desenvolve-se um referencial teórico sobre as principais abordagens metodológicas a respeito do ensino religioso no Brasil, as quais serão utilizadas enquanto referencial para método analítico no desenrolar da aplicação de certos conhecimentos gerados na sala de aula vivenciados pelos alunos. Existiu a ideia fixa e antecipada de analisar e obter informações, através de observação documental no que tange as questões ligadas a religião previstas na LDB (1996), na Constituição da República Federativa do Brasil (1988) e, principalmente, na BNCC (2018). Apresenta-se, também, um breve histórico sobre a educação no Brasil desde o processo da colonização portuguesa (séculos XVI, XVII, XVIII e XIX) até o regime republicano.

No segundo capítulo apresentou-se o **desenho metodológico**. A presente pesquisa seguiu o modelo não experimental, ou seja, um desenvolvimento no qual não teve manipulação de variáveis, os fatos acontecidos foram observados em um espaço natural, e consecutivamente

analisados. Tratou-se de uma pesquisa descritiva com enfoque qualitativo. Os instrumentos de coleta de dados utilizados foram: Questionário semiestruturado e observação direta (registros fotográficos).

A análise dos dados obtidos bem como a discussão foi realizada no terceiro capítulo: a verificação se a intolerância religiosa está presente na escola, se há espaço para as diferentes religiões, se a mediação por parte do docente está sendo neutra, se o que está sendo ensinado quando se trata da temática religiosa têm, de fato, servido para responder as necessidades do ser, pois é importante identificar se ainda há resquício do pensamento hegemônico, originária de uma herança colonial, de apenas uma religião em detrimento das demais. Por fim, apresenta-se a conclusão sobre a pesquisa realizada na Escola Técnica Dr. Celso Charuri, localizada no município de Capão Bonito, Estado de São Paulo, com alunos que concluirão o 3º ano do Ensino Médio ano de 2022.

1. A Temática Religiosa na BNCC

A temática religiosa faz parte do currículo das escolas de todos os Estados do Brasil. Esse ensino está previsto na Constituição Federal 1988 (artigo 210) e na Lei de Diretrizes e bases nº 9.394/1996 (artigo 33, alterado pela Lei nº 9.475/1997), está última voltada para o ensino religioso do E.F, todavia sendo a base para o entendimento do aluno ao ingressar no ensino médio, podendo ao final desse ciclo ter uma visão mais ampla do assunto com uma consciência mais crítica e uma emancipação cidadã. Os assuntos ligados a religião fazem parte de uma das cinco áreas do conhecimento definidas na BNCC. Porém, a BNCC estabelece que sejam abordadas manifestações religiosas de diferentes culturas e sociedades, partindo de pressupostos éticos e científicos. Não se deve privilegiar nenhuma crença em detrimento das demais ou convicções generalizadas.

Depois de um processo de estudos em nível nacional que envolveu educadores, Ministério da Educação e Cultura, o legislativo, o judiciário e toda a sociedade, com muitas opiniões, convergências e divergências, versões, votações, o país teve homologada a sua Base Nacional Comum Curricular para o Ensino Infantil e Fundamental e, posteriormente, para a etapa do Ensino Médio. (Brandenburg, et al., 2019, p. 159)

A BNCC deveria ter sido implementada nas escolas de todo o Brasil até o final de 2020 nos diferentes níveis da Educação e incorporada nos cursos de formação docente para a área do Ensino Religioso. Ainda em 2019 algumas mudanças foram sentidas, pois essa normativa passou a integrar os materiais didáticos, os Projetos Políticos-Pedagógicos nas secretarias de ensino, chegando até as escolas. Por isso é fundamental compreender como a Base se faz ou pode se fazer presente no dia a dia das escolas e nos segmentos da educação básica. Bases Nacionais são normativas, ou seja, regulamentárias. Todavia, o texto da BNCC não é inflexível como muitos

textos normativos, é referencial. “Sua linguagem resiliente já aponta no início da obra para Dez Competências Gerais que são passíveis de contextualização” (Brandenburg, et al., 2019, p. 159).

Faz necessário registrar, nesse momento, que a proposta da BNCC, ainda em vigor no país, poderá sofrer algumas mudanças, visto que já existem tratativas da atual gestão do governo federal, para uma revogação ou mudanças no atual sistema educacional brasileiro, uma vez que os alunos no ensino médio são obrigados a escolher um itinerário formativo para o andamento de seus estudos, porém, nem todas as escolas oferecem os cinco itinerários formativos que estão em vigor.

Figura nº 1:

Base Nacional comum



Nota. Fonte: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/implementacao>

1.1 As Competências da BNCC

Competência é definida na BNCC da seguinte forma: a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho. (Brasil, 2017, p. 8)

Destaca-se, nesta definição, o emprego dos seguintes verbos de ação: mobilizar, conhecer, conceituar, praticar, resolver, exercer. Fica evidente a proposta do dinamismo e clareza daquilo que se pretende no quesito competência.

Verifica-se na BNCC a integração e a articulação entre as quatro áreas do conhecimento, voltado para o Ensino Médio, conforme Conselho Nacional de Educação (CNE, 2018, p.6):

I – Língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas, também, a utilização das respectivas línguas maternas; II – Matemática; III – conhecimento do mundo físico e natural e da realidade social e política, especialmente do Brasil; IV – Arte, especialmente em suas expressões regionais, desenvolvendo as linguagens das artes visuais, da dança, da música e do teatro; V – Educação física, com prática facultativa ao estudante nos casos previstos em Lei; VI – História do Brasil e do mundo, levando em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígena, africana e europeia; VII – História e cultura afro-brasileira e indígena, em especial nos estudos de arte e de literatura e história brasileiras; VIII – sociologia e filosofia; IX – Língua inglesa, podendo ser oferecidas outras línguas estrangeiras, em caráter optativo, preferencialmente o espanhol, de acordo com a disponibilidade da instituição ou rede de ensino.

Figura nº 2:

LDB e BNCC

The infographic is set against a teal background and is divided into three horizontal sections, each with a distinct color header and an icon in a circle. The top section has an orange header, a lightbulb icon, and text in black. The middle section has a blue header, a graduation cap icon, and text in white. The bottom section has a red header, a stack of books icon, and text in white. At the bottom right of the infographic, the source is cited as 'Fonte: Ministério da Educação'.

Lei de Diretrizes e Bases da Educação
É O "QUÊ?"
Define e regulariza a organização do sistema educacional brasileiro com base nos princípios constitucionais. É na LDB que está prevista a construção da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Base Nacional Comum Curricular
É O "ONDE?"
É uma política de Estado para referência nacional que estabelece os objetivos a serem alcançados pelo aluno. A BNCC determina competências e habilidades que devem ser atingidas pelo componentes curriculares.

Currículos de ensino
É O "COMO?"
Define o percurso para alcançar os objetivos propostos na BNCC, de acordo com a autonomia das redes de ensino, que podem elaborar ou adequar seus currículos de acordo com as demandas e interesses locais.

Fonte: Ministério da Educação

Nota. Fonte: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/implementacao>

A BNCC, promulgada em dezembro de 2017 e ainda em andamento para a sua efetivação apresenta um grupamento de habilidades que nortearam o ensino e o desenvolvimento do discente de maneira gradual ao longo da educação básica. Essas bases servem de suporte para que o aluno ao final da educação básica possa atingir os objetivos elencados na BNCC. As competências gerais da BNCC são:

1 Conhecimento: valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

✓Objetivo: entender e explicar a realidade, colaborar com a sociedade e continuar a aprender.

2 Pensamento Científico, Crítico e Criativo: exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.

✓Objetivo: investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções.

3 Repertório Cultural: valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.

✓Objetivo: fruir e participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.

4 Comunicação: utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.

✓Objetivo: expressar-se e partilhar informações, sentimentos, ideias, experiências e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.

5 Cultura Digital: compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar

informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

✓Objetivo: comunicar-se, acessar e produzir informações e conhecimento, resolver problemas e exercer protagonismo de autoria.

6 Trabalho e Projeto de Vida: valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

✓Objetivo: entender o mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas à cidadania e ao seu projeto de vida com liberdade, autonomia, criticidade e responsabilidade.

7 Argumentação: argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.

✓Objetivo: formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns com base em direitos humanos, consciência socioambiental, consumo responsável e ética.

8 Autoconhecimento e Autocuidado: conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.

✓Objetivo: cuidar da saúde física e emocional, reconhecendo suas emoções e a dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.

9 Empatia e Cooperação: exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

✓Objetivo: fazer-se respeitar e promover o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade, sem preconceito de qualquer natureza.

10 Responsabilidade e Cidadania: agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

✓Objetivo: tomar decisões com princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e democráticos.

As competências gerais também se orientam por estudos e tendências sobre o que os estudantes precisam aprender para lidar com os desafios do mundo atual, caracterizado por um alto nível de volatilidade, incerteza, complexidade e ambiguidade. Ou seja, estamos preparando as novas gerações para viver em uma realidade marcada por um permanente estado de mudança, em que o futuro é incerto, os problemas são de difícil resolução e boa parte das perguntas que nós fazemos remete a um conjunto variável de respostas. Um contexto bastante diferente daquele no qual foi forjado o modelo de escola atual, em que as transformações aconteciam em passo muito menos acelerado, o que

permitia planejar nosso futuro pessoal e profissional com alguma previsibilidade e ter mais clareza sobre por onde caminhar. (Penido, 2018, p.14)

1.2 Unidades Temáticas na BNCC

“Unidade temática é o arranjo dos objetos de conhecimento ao longo do Ensino adequado às especificidades dos diferentes componentes curriculares” (Brasil, 2017, p. 29). A proposta da BNCC traz consigo, fortemente, a valorização cultural, respeito as diversidades religiosas e harmonia e respeito as diferenças.

Figura nº 3:

Áreas do conhecimento e Itinerários formativos da BNCC



Nota. Fonte: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/implementacao>

1.3 BNCC e a Temática Religiosa

O Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso – FONAPER, uma organização e instituição cívica voluntária, que reúne uma grande gama de docentes, cientistas, investigadores, pessoas ligadas a ordens religiosas e educacionais, já havia sugerido uma proposta no campo da educação religiosa na LDB, essa instituição fez uma enorme pressão, para que na BNCC houvesse o retorno das aulas de cunho religioso específico, ficando facultativo no nono ano do ensino fundamental, na maioria dos estados brasileiros.

Apesar dos grandes desafios que são colocados para o ER, a BNCC pode ser o começo de uma renovação epistemológica e metodológica para tal disciplina, isto é, uma educação pautada, como vem propondo o Fonaper ao longo dos seus mais de 20 anos, nos fundamentos do pensamento científico. (Silva, 2018, p. 64)

Proposto na BNCC, a temática religiosa servirá para construir conhecimentos através de um diálogo sereno e construtivo de colaboração e de respeito mútuo, desde o ciclo 1 da educação básica, quando a criança ainda estado no seu estado mitológico conforme escreveu Carl Rogers. “A criança é uma questão muito importante. Chamo isso em termos filosóficos, ou, melhor, psicológicos, o estado mitológico de Adão e Eva antes da Queda: a inocência sonhadora. Ainda não alcançou a realidade; ainda está sonhando” (Rogers & Tillich, 2008, p.124). A temática religiosa delineada na BNCC faz parte da educação integral do estudante.

Há uma dimensão de funcionalidade dessas aprendizagens que precisam ter sentido e significado na vida. Porém essa capacitação adquirida contempla todas as dimensões humanas. Muito mais do que o saber fazer determinada tarefa, o desenvolvimento de

competências melhora o desempenho intelectual, relacional, comunicativo e de conduta. (Scussel, 2013, p.45)

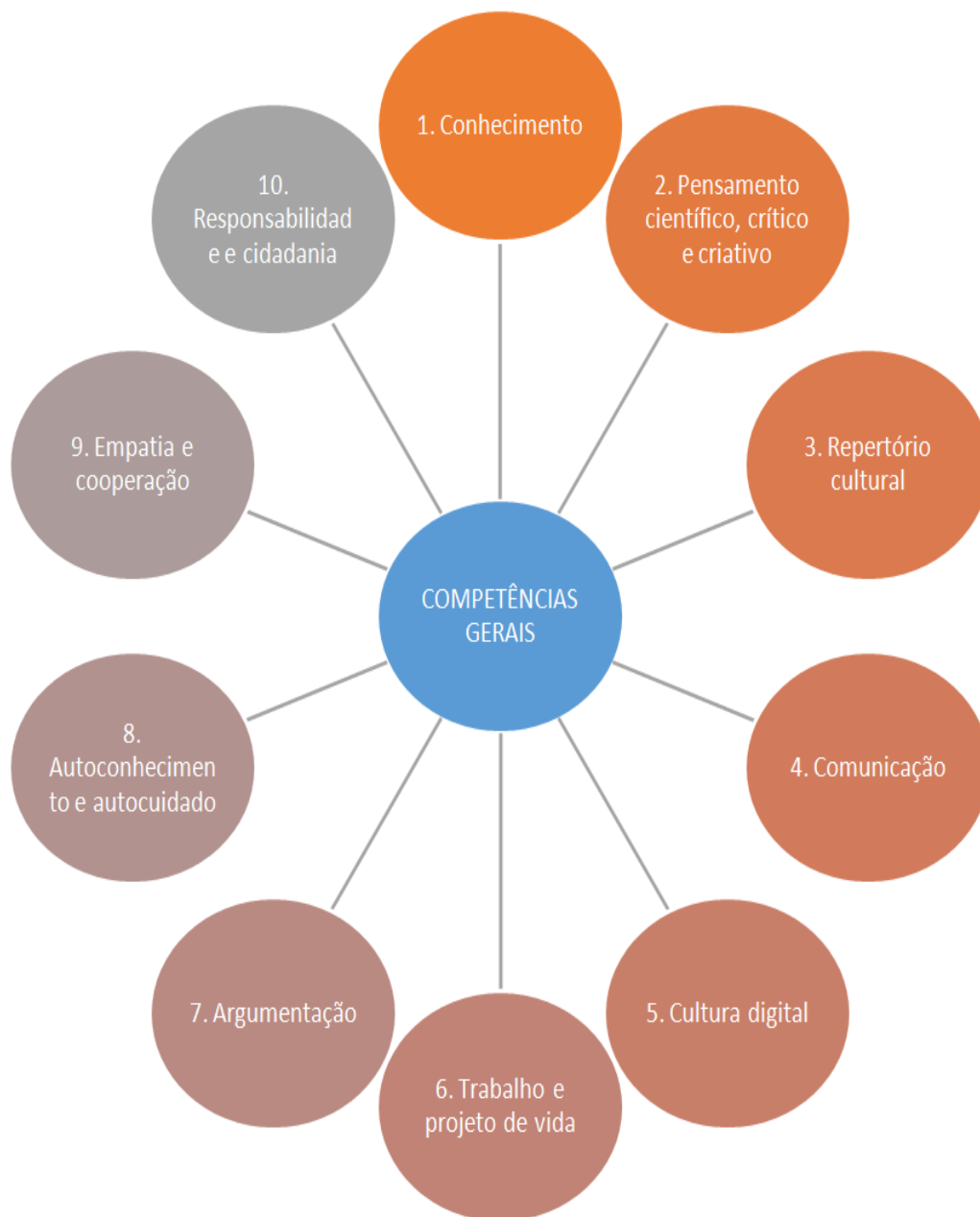
O caráter religioso é também educacional e dão sentido a existencialidade do ser, conforme escreveu Vale:

É a dimensão de profundidade do ser humano: O ser busca a transcendência; na busca pela transcendência através de um sentido para sua condição limítrofe vê-se inserido numa realidade já dada com símbolos que irão dar-lhe condições de entrever um significado para sua existencialidade convocada. Então: qual o sentido da existência? O humano não se contenta com sua situação limite da finitude, busca transcender esta condição dada; na primeira infância a criança apesar de não conseguir fazer indagações a respeito do sentido do ser, ela tem a fase do "porquê: A criança indaga-se pela existência das coisas, dos seres, do cosmos, poderíamos assim dizer que há uma indagação filosófica e epistemológica de maneira pré-consciente. (Vale, 2015, p. 742)

Na BNCC o ER é apresentado e está definido como uma das cinco áreas do conhecimento. Antes do aluno adentrar no Ensino Médio, ao longo dos nove anos do Ensino Fundamental, ele já terá uma percepção da temática religiosa, de acordo com a proposta da BNCC, pois cada área do conhecimento tem suas competências específicas que estão em consonância com as 10 Competências Gerais.

Figura nº 4

As 10 Competências Gerais



Nota. Fonte: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/implementacao>

Cabe, pela BNCC, ao Ensino Religioso, como área e como componente curricular, tratar os conhecimentos religiosos a partir de pressupostos éticos e científicos, sem privilégio de nenhuma crença ou convicção. Isso implica em abordar esses conhecimentos com base nas diversas culturas e tradições religiosas, sem desconsiderar a existência de filosofias seculares de vida. Ao tratar de questões que envolvem religião, a BNCC definiu alguns objetivos que devem

ser levados em consideração pelo professor no tocante ao ensino religioso. As competências explícitas na BNCC são:

Proporcionar a aprendizagem dos conhecimentos religiosos, culturais e estéticos, a partir das manifestações religiosas percebidas na realidade dos educandos; b) Propiciar conhecimentos sobre o direito à liberdade de consciência e de crença, no constante propósito de promoção dos direitos humanos; c) Desenvolver competências e habilidades que contribuam para o diálogo entre perspectivas religiosas e seculares de vida, exercitando o respeito à liberdade de concepções e o pluralismo de ideias, de acordo com a Constituição Federal; d) Contribuir para que os educandos construam seus sentidos pessoais de vida a partir de valores, princípios éticos e da cidadania. (BNCC, 2018, p. 434)

As competências gerais da BNCC, se expressam em pelo menos seis competências específicas na área que alude as questões religiosas, sendo elas:

1. Conhecer os aspectos estruturantes das diferentes tradições/movimentos religiosos e filosofias de vida, a partir de pressupostos científicos, filosóficos, estéticos e éticos.
2. Compreender, valorizar e respeitar as manifestações religiosas e filosofias de vida, suas experiências e saberes, em diferentes tempos, espaços e territórios.
3. Reconhecer e cuidar de si, do outro, da coletividade e da natureza, enquanto expressão de valor da vida.
4. Conviver com a diversidade de crenças, pensamentos, convicções, modos de ser e viver.
5. Analisar as relações entre as tradições religiosas e os campos da cultura, da política, da economia, da saúde, da ciência, da tecnologia e do meio ambiente.
6. Debater, problematizar e posicionar-se frente aos discursos e práticas de intolerância,

discriminação e violência de cunho religioso, de modo a assegurar os direitos humanos no constante exercício da cidadania e da cultura de paz (BNCC, 2018, p. 435).

Essas competências devem estar enraizadas nos alunos que frequentam o ensino médio.

Interessante notar que a última competência está diretamente ligada a nona competência geral da BNCC que é:

Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza (BNCC, 2018, p. 10).

Existem habilidades envolvidas nessas competências. A BNCC estabelece diferentes habilidades desde os anos iniciais, por exemplo, identificar e respeitar práticas celebrativas (cerimônias, orações, festividades, peregrinações, entre outras) de diferentes tradições religiosas (BNCC, 2018, p. 447); reconhecer a importância da tradição oral para preservar memórias e acontecimentos religiosos e identificar elementos da tradição oral nas culturas e religiosidades indígenas, afro-brasileiras, ciganas, entre outras (BNCC, 2018, p. 451), que faz parte da ancestralidade e tradição oral. Sobre os objetos de estudo que tratam a respeito de questões místicas e espiritualidades, lideranças religiosas, princípios éticos e valores religiosos, liderança e direitos humanos a BNCC descreve as seguintes habilidades:

Reconhecer e respeitar as práticas de comunicação com as divindades em distintas manifestações e tradições religiosas. Identificar práticas de espiritualidade utilizadas pelas pessoas em determinadas situações (acidentes, doenças, fenômenos climáticos).

Reconhecer os papéis atribuídos às lideranças de diferentes tradições religiosas.

Exemplificar líderes religiosos que se destacaram por suas contribuições à sociedade.

Discutir estratégias que promovam a convivência ética e respeitosa entre as religiões. Identificar princípios éticos em diferentes tradições religiosas e filosofias de vida, discutindo como podem influenciar condutas pessoais e práticas sociais. Identificar e discutir o papel das lideranças religiosas e seculares na defesa e promoção dos direitos humanos. Reconhecer o direito à liberdade de consciência, crença ou convicção, questionando concepções e práticas sociais que a violam (BNCC, 2018, p. 455)

Dessa forma, ela vem construindo ao longo das etapas de desenvolvimento do estudante um caminho que favorece o reconhecimento e respeito às histórias, memórias, crenças, convicções e valores de diferentes culturas, tradições religiosas e filosofias de vida. A respeito de crenças, convicções e atitudes, doutrinas religiosas, filosofias de vida e esfera pública, tradições religiosas, mídias e tecnologias, as seguintes habilidades proporcionadas deverão ser:

Discutir como as crenças e convicções podem influenciar escolhas e atitudes pessoais e coletivas. Analisar filosofias de vida, manifestações e tradições religiosas destacando seus princípios éticos. Analisar doutrinas das diferentes tradições religiosas e suas concepções de mundo, vida e morte. Discutir como filosofias de vida, tradições e instituições religiosas podem influenciar diferentes campos da esfera pública (política, saúde, educação, economia). Debater sobre as possibilidades e os limites da interferência das tradições religiosas na esfera pública. Analisar práticas, projetos e políticas públicas que contribuem para a promoção da liberdade de pensamento, crenças e convicções. Analisar as formas de uso das mídias e tecnologias pelas diferentes denominações religiosas. (BNCC, 2018, p. 457)

Nessas orientações promovidas pela BNCC, diante da construção do currículo, que leve em consideração a realidade inserida, espera-se ainda que o aluno antes de entrar no ensino

médio tenha as seguintes habilidades:

Analisar princípios e orientações para o cuidado da vida e nas diversas tradições religiosas e filosofias de vida. Discutir as diferentes expressões de valorização e de desrespeito à vida, por meio da análise de matérias nas diferentes mídias. Identificar sentidos do viver e do morrer em diferentes tradições religiosas, através do estudo de mitos fundantes. Identificar concepções de vida e morte em diferentes tradições religiosas e filosofias de vida, por meio da análise de diferentes ritos fúnebres. Analisar as diferentes ideias de imortalidade elaboradas pelas tradições religiosas (ancestralidade, reencarnação, transmigração e ressurreição). Reconhecer a coexistência como uma atitude ética de respeito à vida e à dignidade humana. Identificar princípios éticos (familiares, religiosos e culturais) que possam alicerçar a construção de projetos de vida. Construir projetos de vida assentados em princípios e valores éticos. (BNCC, 2018, p. 459)

Quanto aos alunos que estão matriculados no ensino médio, a escola deve levar em consideração uma organização acolhedora, que responda as diversidades de opiniões, promovendo sempre o respeito, a integração, a valorização do eu e do outro e o respeito mútuo.

Considerar que há muitas juventudes implica organizar uma escola que acolha as diversidades, promovendo, de modo intencional e permanente, o respeito à pessoa humana e aos seus direitos. E mais, que garanta aos estudantes ser protagonistas de seu próprio processo de escolarização, reconhecendo-os como interlocutores legítimos sobre currículo, ensino e aprendizagem. Significa, nesse sentido, assegurar-lhes uma formação que, em sintonia com seus percursos e histórias, permita-lhes definir seu projeto de vida,

tanto no que diz respeito ao estudo e ao trabalho como também no que concerne às escolhas de estilos de vida saudáveis, sustentáveis e éticos. (BNCC, 2018, p. 463)

Nesse sentido, o aluno deve ser respeitado nas suas escolhas religiosas, tendo oportunidade de expressar suas ideias e convicções a partir de aprendizagens necessárias que lhe conduzam a viver em plena liberdade de pensamento sendo capaz de responder, de maneira nobre, as demandas que apareçam.

Para formar esses jovens como sujeitos críticos, criativos, autônomos e responsáveis, cabe às escolas de Ensino Médio proporcionar experiências e processos que lhes garantam as aprendizagens necessárias para a leitura da realidade, o enfrentamento dos novos desafios da contemporaneidade (sociais, econômicos e ambientais) e a tomada de decisões éticas e fundamentadas. O mundo deve lhes ser apresentado como campo aberto para investigação e intervenção quanto a seus aspectos políticos, sociais, produtivos, ambientais e culturais, de modo que se sintam estimulados a equacionar e resolver questões legadas pelas gerações anteriores – e que se refletem nos contextos atuais –, abrindo-se criativamente para o novo. (BNCC, 2018, p. 463)

O aluno depois de passar cerca de doze anos nas cadeiras escolares, ao final desse ciclo, verifica-se que através das experiências e vivências na escola ele passará a ter uma outra visão da realidade, sendo capaz de solucionar problemas do cotidiano, agindo de maneira amistosa e ética, pois foi atendido as suas necessidades de formação geral e o exercício de cidadania. Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB, 1996 Art. 35) a finalidade do Ensino Médio deve proporcionar:

A consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos; II – a preparação básica para o

trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores; III – o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico; IV – a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina.

Coube as Ciências humanas e Sociais serem os investigadores e produtores do conhecimento, mais aprofundado, das manifestações religiosas nas diferentes sociedades e culturas.

O conhecimento religioso, objeto da área de Ensino Religioso, é produzido no âmbito das diferentes áreas do conhecimento científico das Ciências Humanas e Sociais, notadamente da(s) Ciência(s) da(s) Religião(ões). Essas Ciências investigam a manifestação dos fenômenos religiosos em diferentes culturas e sociedades enquanto um dos bens simbólicos resultantes da busca humana por respostas aos enigmas do mundo, da vida e da morte. De modo singular, complexo e diverso, esses fenômenos alicerçaram distintos sentidos e significados de vida e diversas ideias de divindade(s), em torno dos quais se organizaram cosmovisões, linguagens, saberes, crenças, mitologias, narrativas, textos, símbolos, ritos, doutrinas, tradições, movimentos, práticas e princípios éticos e morais. (Brasil, 2017, p. 436)

Para o teólogo luterano Paul Tillich “a dimensão cultural das religiões organiza-se num cosmos social e a manifestação do sentimento religioso é algo intrínseco do ser humano” (Tillich, 2009, p. 195), sendo, portanto, necessário amplo espaço para o conhecimento, descobertas e aprendizado.

2. As Relações Entre Educação e Religião Desenvolvidas Desde o Período Colonial

Até os Dias Atuais

2.1 A educação no Brasil e as relações com o catolicismo

O entendimento da construção e formação do Brasil torna-se imprescindível para os argumentos e fatos expostos nesta pesquisa, uma vez que a educação no Brasil sempre esteve ligada a religião durante a colonização, primeiro e segundo reinado e possui uma enorme abertura no Brasil republicano. Conforme afirma Saviani (2013, p. 88):

Educação brasileira desenvolveu-se, principalmente, por influência da pedagogia católica (a pedagogia tradicional de orientação religiosa), com os jesuítas, que, praticamente, exerceram o monopólio da educação até 1759, quando foram expulsos por Pombal. Isso não significou a exclusão da influência católica na educação, mas sim, a quebra de um monopólio. Este período vai até o início do século XX, quando se torna forte a influência da Escola Nova, que se inspira naquilo que chamo de concepção humanista moderna de Filosofia da educação.

Durante séculos a educação brasileira teve forte influência da religião, principalmente do catolicismo, vemos, porém, nos últimos anos uma enorme tentativa de se desvencilhar desse sistema. Não que as religiões não devam ter mais espaço, pelo contrário, se houver conhecimento do fenômeno religioso através da reflexão coletiva, sem caráter tendencioso, talvez os alunos encontrem um maior respeito pela fé do outro e suas tradições.

Não podemos extirpar as religiões ou agir da forma que elas agiam com os chamados hereges, pois, mesmo com o aumento da intolerância no mundo, por parte dessas religiões, sempre há coisas belas que merecem ser apreciadas. Os valores morais incutidos nas religiões foram e continuam sendo muito interessante e uteis a toda humanidade. A cultura, material e

imaterial, eclesiástica está associado a toda forma de artes como catedrais, poemas, cânticos, sinfonias, sendo assim, existe coisas que foram produzidas e propostas por judeus, cristãos e islamizados que são patrimônios culturais e espirituais da humanidade por um todo, podendo ser apreciado aquilo que há de belo e fecundo de outras vivências.

No século XVI, começou o processo da expansão marítimo-comercial. O período da Idade Moderna, iniciada em 1453 com a tomada dos Turcos-Otomanos a Constantinopla, trouxeram grandes transformações com a ocorrência de vários processos históricos nas áreas artísticas, científicas e teológicas. Pode-se citar, nesse período, como marcos históricos nesse período o Renascimento cultural, urbano, científico e comercial, as Reformas Religiosas, iniciada por Lutero, com a apresentação das suas 95 teses na Alemanha, em 1517, a ascensão da classe burguesa, bem como a formação dos Estados Nacionais e o absolutismo monárquico. Entre esses Estados Nacionais, Portugal e Espanha se consolidaram primeiro, com o pioneirismo português no processo as grandes navegações. Esses Estados nacionais alteraram profundamente a configuração da sociedade que existia no período anterior chamado de Medieval.

Nesse segmento surgiu juntamente com os Estados Nacionais, os Estados Absolutistas ou absolutismo monárquico, justificado pela ideia de um contrato social na concepção de se manter a ordem e o progresso.

Justificou o absolutismo tendo como base a ideia de que a sociedade primitiva vivia em um imenso caos, por falta de autoridade; e que, a partir de um dado momento, os homens delegaram poder a um dos seus membros, para estabelecer a ordem. Havia, portanto, um contrato social entre o rei e seu povo. Para alcançar a ordem e, conseqüentemente, o progresso e a felicidade, os seus poderes deveriam ser absolutos. (Schneeberger, 2010, p.165)

O trabalho que era até então servil e desvalorizado num processo chamado de suserania e vassalagem, passa-se, lentamente, a ser valorizado e assalariado. Na área econômica atrelada até então a subsistência, passa agora a se voltar para o mercado, com um progresso engendrado pela classe burguesa. A qualidade mental dos indivíduos deixava de ser coletiva e eclesiástica e teocêntrica se tornando cada vez mais individual com predominância do uso da razão moldado pelo humanismo e antropocentrismo.

Nessa transição do pensamento feudal para o capitalismo moderno, os Estados Nacionais necessitavam criar uma estrutura que favorecesse as alterações no cenário econômico. Para tanto, foi criado o mercantilismo, um conjunto de medidas econômicas que auxiliasse o comércio, as atividades da burguesia mercantil e favorecesse a riqueza das nações. O mercantilismo se alicerçava no metalismo, a busca por metais preciosos, especialmente ouro e prata, vertendo o capitalismo comercial.

Nela, contextualiza-se, ontologicamente, o nascimento das novas relações de produção e de forças produtivas que irão constituir a gênese do modo de produção capitalista. São essas condições históricas, qualitativamente diferenciadas do conjunto da estrutura do feudalismo, que irão desencadear a transição do feudalismo ao capitalismo, processo no qual aparecem não só as novas formas produtivas e comerciais, mas também as novas político-ideológicas, que irão acelerar o desenvolvimento da ordem burguesa até sua plenitude. (Mazzeo, 2015, p. 29)

Nos séculos XVI e XVII, a Espanha já tinha acesso a metais nobres por conquistar e dominar regiões como México e Peru. Além do metalismo, outras medidas mercantilistas foram importantes para o desenvolvimento de nações europeias que passaram a adotar o protecionismo de mercado, o intervencionismo, monopólio exclusivista, expansão colonial para alcançar um

superávit na sua balança comercial que passara a ser favorável, pois a expansão colonial poderia garantir mercados consumidores e principalmente matérias-primas.

É correto afirmar que durante o século XVI, a expansão marítima foram navegações oceânicas. Neste contexto, coube a Portugal e Espanha se estabelecerem como os protagonistas desse processo. Muitas foram as dificuldades, expresso nas palavras de Pessoa:

Ó mar salgado, quanto do teu sal; São lágrimas de Portugal! Por te cruzarmos, quantas mães choraram, quantos filhos em vão rezaram! Quantas noivas ficaram por casar. Para que fosses nosso, ó mar! Valeu a pena? Tudo vale a pena. Se a alma não é pequena.

Quem quer passar além do Bojador Tem que passar além da dor. Deus ao mar o perigo e o abismo deu, Mas nele é que espelhou o céu. (Pessoa, 1986, p.82)

O pioneirismo de Portugal, deve ser entendido como fruto do seu desenvolvimento como Estado Nacional, uma vez que já havia se consolidado com um poder centralizado, após a guerra de Reconquista decorrente entre 722 e 1492, com a conquista do Reino de Granada pelos reinos cristãos. Além disso, já havia uma forte classe Burguesa interessada na expansão colonial. Somase a isso a ausência de guerras, crise agrícola local, uma localização geográfica favorável e a existência da Escola de Sagres, fundada pelo infante D. Henrique, em 1416. Essa escola reunia um grupo de seletos de pessoas, que eram hábeis construtores de instrumentos para navegação, além de geógrafos, cartógrafos, navegadores, astrônomos e matemáticos, período chamado de Revolução Mercantil.

Em 1492, o navegador Cristóvão Colombo, liderando as caravelas, Nina, Pinta e Santa Maria chegaram ao Novo Mundo, atingindo a ilha de Guanaani, Cuba e São Domingos. Como seu projeto inicial era encontrar uma rota alternativa até as Índias, Cristóvão acabou dando o nome as novas terras de Índia Ocidentais, conseqüentemente chamando seus habitantes de

Índios. Esse equívoco só seria resolvido e deslindado por Américo Vespúcio, que em cuja condecoração e tributo as novas terras encontradas receberam o nome de América.

No ano seguinte, Portugal e Espanha estabeleceram a Bula Inter Coetera, criando um meridiano imaginário a 100 léguas da Ilha de Cabo Verde para dividir as terras encontradas. No ano de 1494, foi estabelecido o Tratado de Tordesilhas, aumento o limite do meridiano para 370 léguas, dividindo o atlântico e as terras entre os países ibéricos.

Durante o período colonial, Portugal e Espanha firmaram vários acordos e tratados de limites, tentando definir as fronteiras territoriais entre suas colônias. A linha do Tratado de Tordesilhas havia sido rompida, definitivamente, principalmente pelos portugueses. Em virtude disso, as negociações diplomáticas foram intensas e conflituosas, para tentar estabelecer uma linha divisória entre as áreas ocupadas pelos súditos das duas potências ibéricas. (Heinsfeld, 2007, p. 11)

Finalmente no dia 9 de março de 1500, saíram de Lisboa, em Portugal, uma grande esquadra em direção ao Sul do Novo Continente com o objetivo de fundar feitorias. No dia 22 de abril de 1500, Cabral chegou em terras brasileiras, sendo batizada de Ilha de Vera Cruz. Merece destaque nos primeiros dias da chegada das caravelas a celebração da primeira missa no dia 26 de abril, como um prenúncio da importância que se dará a religião católica no Brasil, como formadora de opinião, controlando a educação.

Os povos Tupis expandiam-se pelo litoral quando a esquadra de Cabral chegou à atual cidade de Porto Seguro, na Bahia, em 22 de abril de 1500. O que será que os tupiniquins pensaram quando viram os portugueses chegando às terras habitadas por eles? Os tupiniquins estranharam quase tudo: as enormes embarcações, as roupas, as botas, os chapéus, as armas de fogo os gestos e olhares daqueles homens de pele branca e face rosada. (Boulos, 2012, p. 231)

2.2 O início do ensino no Brasil e o papel dos jesuítas

Antes da chegada dos portugueses no Brasil o ensino, pelas comunidades aqui fixadas, estava totalmente ligado e estabelecido pela aprendizagem natural, onde o processo se dava a partir do desenvolvimento da criança e sua participação nos trabalhos estabelecidos pelo grupo.

Com efeito, havia, ali, uma educação em ato, que se apoiava sobre três elementos básicos: a força da tradição, constituído como um saber puro orientador das ações e decisões dos homens; a força da ação, que configurava a educação como um verdadeiro aprender fazendo; e a força do exemplo, pelo qual cada indivíduo adulto e, particularmente, os velhos ficavam imbuídos da necessidade de considerar suas ações como modelares, expressando em seus comportamentos e palavras o conteúdo da tradição tribal. As ideias educacionais coincidiam, portanto, com a própria prática educativa, não havendo lugar para a mediação das ideias pedagógicas que supõem a necessidade de elaborar em pensamento as formas de intervenção na prática educativa. Nessas condições havia, pois, educação, mas não havia pedagogia. (Saviani, 2013, pp. 38-39)

Esse processo começou a mudar com a vinda das missões religiosas para a América Latina. A Companhia de Jesus, idealizado por Inácio de Loyola, chegou ao país trazendo os soldados de cristo, com uma enorme missão que consistia em “civilizar” e converter os povos ao catolicismo.

Dentre os objetivos dos missionários jesuítas estava a levar o catolicismo para as regiões recém-descobertas no século XVI, principalmente à América; catequizar os índios, transmitindo-lhes as línguas portuguesa e espanhola, os costumes europeus e a religião católica; difundir o catolicismo na Índia, China e África, evitando o avanço do protestantismo nestas regiões; construir e desenvolver escolas católicas em diversas

regiões do mundo. (Calegari 2014, p. 2)

Embasados num comprometimento religioso, acreditando serem missionários escolhidos para uma grande obra, os jesuítas deram o valor devido à educação, controlando as instituições de ensino com o dever de expandir o catolicismo para o novo mundo. O método de ensino intitulado *Ratio Studiorum*, serviu como instrumento para atender os interesses comerciais da colonização e da Igreja Católica. Em suma, “evangelizar” era a missão, a educação era apenas um meio para chegar a esse fim. Eles educavam catequizando e catequizavam educando. Os soldados de cristo vinham ensinar e transmitir, principalmente, os valores cristãos e suscitar a adesão dos alunos ao catolicismo.

Havia basicamente dois modelos de ensinos jesuítas: os aldeamentos e os colégios. Enquanto os aldeamentos eram destinados para a catequização e a educação, goela abaixo dos índios, os colégios cuidavam da educação dos filhos das elites coloniais.

Há vários pontos que merecem destaque nas escolas jesuítas. Muitos alunos não estavam nos mesmos níveis de aprendizagem, aprendiam várias coisas e o discente era visto apenas como indivíduo. Ao olharmos as escolas na atualidade encontraremos um cenário parecido. Existe uma grande parcela de estudantes que chegam ao ensino médio sem o domínio de conceitos importantes, defasados em relação a outros.

O processo de emulação tornava o ensino uma competição acirrada podendo transformar a sala de aula num campo de batalha. Essa emulação acirrava os ânimos entre os alunos em sua decúria, e contra as outras decúrias jesuítas, levando isso até as últimas consequências. Na atualidade se faz necessário meios didáticos que tornem os alunos pré-dispostos a aprender, motivados, todavia que não haja separação entre romanos e cartaginenses, ateu, deísta ou teísta.

Os jesuítas investiam muito no quesito obediência individual, eles não queriam s

simplesmente atingir a mente, todavia a alma do aluno, talvez aqui possa haver uma aproximação com o intuito do ensino da Filosofia que busca algo mais profundo, uma nova vertente do conhecimento humano. Porém para alguns, como encontrados nas obras do escritor Gilberto Freire, que escreveu no século XX, Casa grande e senzala, sobrados e mocambos, além de Interpretação do Brasil e Ordem e progresso, entende-se que o ensino jesuíta não passou de um processo de desintegração deletéria de valores nativos.

As disposições de um colégio jesuíta são totalmente diferentes das disposições de uma sala de aula contemporânea. Apesar de haver um professor ele não se dirigia no coletivo, havia a sala de aula, mas não em termos de espaços com alunos como acontece atualmente. Não havia lousa, livros didáticos e nem mobiliários.

O espírito original da fundação da Companhia de Jesus encontrava-se na conversão dos povos não cristãos. O objetivo era a conversão dos povos monoteístas muçulmanos, no império otomano. Devido à grande dificuldade que encontraram, voltaram para Roma com a ideia de canalizar para onde apontar esse projeto. Surgiu a oportunidade de conversão dos povos gentios, ou seja, povos politeístas da Ásia, África e América. A questão do projeto educacional surgiu depois, mas sempre permaneceu em segundo plano, visto que a missão da Companhia era a conversão de fiéis. Do ponto de vista do comportamento moral da defesa dos valores da renovação dos métodos pedagógicos sempre estiveram na vanguarda da luta do catolicismo contra o luteranismo, o calvinismo e o anglicanismo.

A Companhia de Jesus percebeu muito cedo antes que todas as outras ordens religiosas existentes na cristandade, que a transmissão na experiência de evangelização, dos mais diversos locais do mundo, eram instrumentos de formação extremamente importantes. Em alguns momentos optaram pela enculturação, ou seja, adotaram hábitos de muitos povos em alguns

lugares da Ásia, pois perceberam que se não adotassem essa política seriam desprestigiados, não tendo capacidade de exercer influência na sociedade. Na América não adotaram essa prática porque as populações ameríndias, normalmente, faziam uso da nudez, pois era o próprio corpo que servia de simbologia social.

Agora, os jesuítas sabiam que precisariam trocar informações com culturas completamente antagônicas e criaram um sistema inovador que determinava que as províncias de ensino jesuítico, deveriam enviar, anualmente, sínteses e relatórios das atividades que tinham desenvolvidos ao longo de um ano. Esses relatórios eram enviados a sede da assistência, e a Roma. Essas cartas eram copiadas e enviadas aos colégios jesuítas, relatando as experiências que se passavam em diversos lugares. Portanto, esse sistema comunicativo de transformação de comunicação em rede, foi um sistema extremamente moderno e precursor, que é adotado nos dias de hoje, ao usarmos a internet, por exemplo, embora com outra tecnologia. Esses relatórios foram fundamentais para conhecer a história da cultura dos países em muitas partes do mundo. Diversas culturas e povos foram dizimados no processo da colonização, todavia permanecendo muitos conhecimentos desses povos, graças aos esforços dos métodos de ensino dos jesuítas. Esses relatórios, por exemplo, servem como base de informações que possuímos sobre a ex-colônia portuguesa.

A criação de colégios jesuítos às vezes não era imposta, todavia solicitada pela sociedade local, porque esses colégios significavam uma preparação de qualidade para os filhos até a idade de ingressarem na universidade. Não havia nenhum setor privado que conseguisse ter a qualidade do ensino e a disciplina era registrada no interior dos colégios jesuítos. Esse rigor de austeridade na disciplina, mais a atividade intelectual e as inovações pedagógicas que os jesuítas introduziram atraíram as elites e marcaram a sociedade dos séculos XVI e XVII, tendo

ainda muita influência nos séculos XVII e XIX, com resquícios na contemporaneidade. Vale ressaltar, que esses colégios eram para as elites locais, havendo a presença mínima de populações indígenas. Todavia nas aldeias, nos aldeamentos, aí sim havia um ensino generalizado.

Foi graças à mudança no cenário político burguês emergente que o processo de ensino aprendizagem sofreu uma alteração, conforme escreveu Meszáros (2015, p.9):

Deste modo, teve que abandonar a extrema brutalidade e violência legalmente impostas como instrumentos de educação – não só inquestionavelmente aceitos antes, mas até ativamente promovidos por figuras do início do período iluminista, como o próprio Locke. Elas foram abandonadas não devido a considerações humanitárias, embora tenham sido frequentemente racionalizadas em tais termos, mas porque uma gestão dura e inflexível revelou-se um desperdício econômico, ou era no mínimo supérflua.

2.3 Origens e análise da religião no ensino

A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) tinha divulgado o ranking mundial de qualidade de educação. Entre os 76 países avaliados, o Brasil ocupava a 60ª posição, em 2017. Em 2018, o País teve um dos 10 piores desempenhos do mundo em matemática no Pisa, a avaliação mundial de educação. Em leitura, de acordo com o Pisa (2018) os dados do Brasil apresentam estagnação nos últimos dez anos.

Os alunos, pais e responsáveis, além dos professores, respondem a um questionário que serve como base para tentar entender o que ocorre com a educação no país. Ao menos três dados são importantes salientar nesta pesquisa, visto que, quando tratamos de questões religiosas no meio do ambiente escolar, essas questões deveriam ser aplicadas de maneira ontológica, ou seja, que fizesse sentido para o ser e não de maneira confessional, teológica como ocorreu desde tempos coloniais. As três questões de suma importância que apareceram no Pisa (2018) foram

que 29% dos estudantes brasileiros relataram terem sofrido bullying. A média da OCDE é de 23%; 23% dos estudantes no Brasil concordam ou concordam plenamente que se sentem sozinhos na escola. A média da OCDE é 16%. E, 13% dos estudantes brasileiros afirmam que se sentem sempre tristes na escola.

Tabela nº 1

Pisa 2018 - resultado

Pisa 2018 - resultados do Brasil

País conseguiu avançar alguns pontos entre as edições 2015 e 2018 da prova, mas ainda não subiu de patamar e segue longe do desempenho dos países desenvolvidos

BRASIL	Leitura	Matemática	Ciências
Nota média 2018	413	384	404
Margem de erro	2	2	2
Variação 2015-2018	6	6	3
Posição no ranking	58-60	72-74	66-68

Fonte: OCDE/Pisa 2018

Nota: Fonte: <https://www.oecd.org/pisa/publications/pisa-2018-results>

A fraca e debilitada educação brasileira é decorrente com o seu aspecto estrutural e cultural. O país não cortou o cordão umbilical do ensino praticado no período do Brasil colônia.

A educação tem sido um dos problemas da sociedade como um todo. Edgar Morin (2000), um dos pensadores ligados a educação, trata-a como a formação do novo cidadão, como política de atuação na sociedade. Segundo ele, precisamos aprender a aprender. Precisamos sair

daquele pensamento mesquinho que o professor ensina e o aluno aprende. Precisamos inverter essa lógica, a escola tem que aprender, os professores terão que aprender. Os docentes têm o desafio de estimular a aprendizagem. Estimular, porque ninguém consegue ensinar o que o outro de algum modo não percebe, pois só conseguimos aprender aquilo que nos toca afetivamente, humanamente, ou seja, o que nos move. Dificilmente o docente consegue ensinar se o outro não esteja pronto para saber ou queira saber ou tenha interesse em saber.

A escola é produtora de células sociais, transformando cada indivíduo, cada possibilidade de uma subjetividade singular numa célula reprodutora da ideologia da máquina de produção. Podemos afirmar, assim, que além das funções de camuflagem, justificação e legitimação que a ideologia escolar tem, essencial importância deve ser atribuída a função material, produtora de indivíduos corretamente programados para o perfeito funcionamento social. (Gallo, 2009, p. 45)

As escolas precisam entender que, através das novas tecnologias, o domínio do conhecimento saiu das mãos dos docentes e tem passado para aquele que é curioso, o criativo, instigador, aquele que está sempre disposto a novas questões em detrimento de outrem que apenas acumula conteúdo.

Um dos desafios da educação na contemporaneidade não se resume apenas na crise de conteúdo, todavia estrutural, uma crise de modelo. Soma-se a isso a complexidade das relações entre direção, docente e discente, produzindo diversidade, mas também conflito. Apesar de, inegavelmente, estarmos vivendo um imenso desenvolvimento tecnológico, todavia vivemos uma proporcional imaturidade de ordem política e social. No instante em que a sociedade vai se desenvolvendo enquanto pensamento e tecnologia, a possibilidade de não convivência ou tolerância tem aumentado a cada dia.

A escola contemporânea não está alheia a isso, as vezes até consentindo com o que está acontecendo. A escola precisa estar voltada para a reflexão, para o pensamento, não apenas nas aulas de Filosofia, mas em literatura, arte, sociologia, enfim, através das disciplinas chegar a uma formação ampla, aberta, questionadora e reflexiva.

Um dos fatores problemáticos na educação atual se passa pelo aspecto estrutural. Hoje se prepara o aluno para o mercado produzindo com velocidade, numa linha de montagem, o conhecimento através das onze disciplinas com cadeiras permanentes no ensino médio, produzindo muita das vezes segmentação e fragmentação, com falta de noção de um todo. As escolas contemporâneas não têm amplos espaços com arejamento afetivo perdendo a ideia de conjunto, de unidade, participação e principalmente relacionamento. Essa estrutura produz o espaço isolado, reservado para a intolerância.

O ambiente escolar precisar ser democrático. Os docentes precisam ser respeitados, os estudantes precisam ser respeitados, os funcionários precisam ser respeitados e ouvidos, para que se possa construir um local democrático de convívio ético antes de pensamento e conhecimento.

Infelizmente, a educação jesuíta de cunho religioso e econômico deixaram traços sentidos até a contemporaneidade.

Sem a concorrência do protestantismo e com as injunções políticas e econômicas da condição colonial, a educação jesuítica reproduziu no Brasil o espírito da Idade Média, com o aprisionamento do homem ao dogma da tradição escolástica, a sua submissão à autoridade e à rígida ordenação social, avesso ao livre exame e à experimentação. Em contraste, portanto, ao homem de livre-pensamento, de visão igualitária e espírito associativo, confiante no conhecimento como instrumento de transformação do mundo natural". (Oliveira, 2006, p. 946)

É bom salientar que essa educação religiosa e econômica produzira também efeitos no tocante ao uso de uma única Língua, a portuguesa, em todo território nacional, além de trazer uma vertente europeia na Terra de Pindorama.

2.4 História da educação no Brasil

A Educação no Brasil, só é possível ser amplamente entendida quando voltamos os nossos olhos para o Período Colonial, iniciado com a chegada dos portugueses, no século XVI. O Período Colonial é marcado pelo sistema de exploração e submissão.

O que é ser colônia? De um modo geral, ser colônia era ser um “país” dependente, sem autonomia política e econômica para decidir e encaminhar seus próprios destinos. Tudo passa a existir em função dos objetivos e necessidades da metrópole (país colonizador). Essa relação de dependência entre colonizado e colonizador caracteriza um sistema colonial. Tal sistema enquadra-se no capitalismo comercial e sua política mercantilista europeia entre os séculos XV e XVIII. A essência desse sistema de submissão e exploração era o monopólio do comércio da colônia pela Metrópole. (Rosário & Melo 2015, pp. 380-381)

O Brasil Colonial servia unicamente para sustento da metrópole portuguesa. Boris Fausto (2010), descreve como era proveitoso para os grupos sociais e instituições portuguesas o processo da expansão marítima.

Nesses anos iniciais, entre 1500 e 1535, a principal atividade econômica foi a extração do pau-brasil, obtida principalmente mediante troca com os índios. As árvores não cresciam juntas, em grandes áreas, mas encontravam-se dispersas. À medida que a madeira foi se esgotando no litoral, os europeus passaram a recorrer aos índios para obtê-la. O trabalho coletivo, especialmente a derrubada de árvores, era uma tarefa comum na sociedade

tupinambá. Assim, o corte do pau-brasil podia integrar-se com relativa facilidade aos padrões tradicionais da vida indígena. Os índios forneciam a madeira e, em menor escala, farinha de mandioca, trocadas por peças de tecido, facas, canivetes e quinquilharias, objetos de pouco valor para os portugueses. (Fausto, 2010, p. 42)

É importante salientar que todo esse processo foi influenciado pela área religiosa que estava bem presente na época em toda a sociedade portuguesa. Portugal abraçou a teologia católica, garantindo a difusão do catolicismo em suas colônias. Isso contribuiu para as bases teóricas das ações dos Jesuítas, ou “Soldados de Cristo”, na cristianização dos povos de culturas diferentes do europeu. A Companhia de Jesus, idealizada por Ignácio de Loyola, passou a monopolizar o ensino e eram primorosos educadores no tocante a difundir o catolicismo.

A organização da difusão do catolicismo em terras brasileiras, coube as missões jesuíticas, que através da educação conseguiram, ou lograram com êxito a influência sobre a educação, que perpassou o período colonial, Primeiro e Segundo Reinado, sendo profundo no Brasil, mesmo após a Proclamação da República.

Inicialmente na construção da educação brasileira, tivemos a atuação dos jesuítas que, além do objetivo imediato de catequizar, tinham o objetivo principal de colonizar o novo território descoberto, com eles os primeiros exemplos educacionais tão marcantes no Brasil colônia que iriam influenciar até o Brasil República. (Oliveira & Barros, 2010, p. 5)

As missões jesuíticas iam muito além da catequização do indígena, que eram considerados seres sem alma, incultos, bárbaros. Podemos notar claramente, que a educação passa a ser um trunfo da Igreja Católica no novo mundo, pois estava enfrentando resistência e obstáculos na Europa, com o avanço do protestantismo, que teve como grande expoente o monge

agostiniano Martinho Lutero, no ano 1517, ao divulgar as suas 95 teses contra as ações do papa e da Igreja Católica. Para Portugal a educação jesuítica era proveitosa, pois contribuía para que o indígena se tornasse uma peça importante na exploração do Brasil como mão-de-obra.

Os jesuítas procuravam expor, a partir desse quadro, que todos os homens, indistintamente, eram detentores de igual alma e com um mesmo potencial de entendimento; todavia, a diversificação da criação é que, ao final, acabou levando-os à diferença entre si. Para os jesuítas, enfim, os indígenas encontravam-se, naquele momento, bestial demais para a apreensão de uma fé mais complexa, que lhes era naturalmente bloqueada e exigia-lhes, portanto, um bom entendimento. Mas Deus, em sua complacência, segundo eles, houve por bem dar-lhes uma oportunidade. (Riga, 2013, p. 3)

Embora os primeiros contatos com os índios brasileiros tenham sido, em certa ocasião, pacifistas, não demorou muito para que essa certa pacificidade se tornasse violenta no que tange aos claros sinais de exploração. Seja no trabalho, seja no ensino.

A atuação pedagógica dos jesuítas influenciou o modo de educar os indivíduos na colônia segundo suas posições sociais. Isso levou a níveis distintos de instrução: para os índios, os rudimentos da língua e os ofícios; para os brancos libertos, os rudimentos da escrita, da leitura e os ofícios; para as classes abastadas, os ensinamentos superiores que garantiriam a manutenção da estrutura de poder; já para os escravos africanos e alforriados, os ofícios. (Silva & Amorim, 2017, p. 187)

A educação jesuítica garantiu uma educação religiosa, além disso, esse sistema educacional também garantia o funcionamento da ordem comercial, sendo que a busca pelo acúmulo de capital da Metrópole era o mais importante no processo colonizador, não apenas de

Portugal, como também de outras. Os indígenas passaram a ser domesticados na América Ibérica, garantindo o processo colonizador do enriquecimento de Portugal e deixando uma herança negativa para a Colônia, transformada uma área periférica nos tempos atuais, se comparado com as grandes economias capitalistas.

Merece destaque a instalação do organismo repressor e explorador nos chamados aldeamentos. Para sobreviver muitos indígenas preferiram o isolamento do restante do grupo.

Uma forma excepcional de resistência dos índios consistiu no isolamento, alcançado através de contínuos deslocamentos para regiões cada vez mais pobres. Em limites muito estreitos, esse recurso permitiu a preservação de uma herança biológica, social e cultural.

Mas, no conjunto, a palavra “catástrofe” é mesmo a mais adequada para designar o destino da população ameríndia. Milhões de índios viviam no Brasil na época da conquista e apenas cerca de 250 mil existem nos dias de hoje. (Fausto, 2010, p. 40)

Fausto mostra que a pedagogia colonial marcou os traços da sociedade brasileira, promovendo um genocídio incalculável, seja em números e porcentagem, como também em culturas e tradições.

Os índios tinham uma cultura incompatível com o trabalho compulsório e contínuo imposto pelos portugueses, ao contrário dos africanos; estes eram acostumados ao trato do gado e ao uso do ferro, coisas desconhecidas por aqueles; os índios, ao contrário dos africanos, possuíam a excepcional vantagem estratégica de conhecer muito bem território, facilitando a fuga e resistência; e a gigantesca mortandade de índios decorrente das doenças trazidas pelos europeus. (Fausto, 2010, p. 49)

2.5 A Educação Jesuítica

A pedagogia jesuítica na América Ibérica estava centrada em dois importantes pilares: Domesticar os povos indígenas e barrar o avanço da reforma protestante que avançava em parte

da Alemanha, Inglaterra, Suécia, Suíça, Dinamarca e Países Baixos. Contudo, destacamos o início do processo educacional pedagógico no Brasil. A “*Ratio Studiorum*”, forneceu as bases teóricas para o primeiro sistema de educação no Brasil, que foi de caráter religioso.

O *Ratio Studiorum* fora pensado para ordenar as instituições de ensino de uma única maneira, com vistas a permitir uma formação uniforme a todos que frequentassem os colégios da Ordem Jesuítica em qualquer lugar do mundo. Exceções foram necessárias para que as diversidades mais “berrantes” de algumas localidades fossem minimamente respeitadas. Assim, o *Ratio Studiorum* seria a base comum que serviria de suporte do trabalho dos jesuítas. (Bortoloti, 2003, p. 3)

A *Ratio Studiorum* funcionou de maneira ordenada para a implementação de uma estrutura pedagógica, catequizadora, cristianizadora e principalmente administrativa.

O plano de estudos dos jesuítas em suas regras gerais ditava qual o comportamento mais aconselhável ao Provincial, ao Reitor, ao Prefeito de estudos, aos Professores e até aos funcionários menos graduados para o bom funcionamento do estabelecimento e resultados positivos da educação. (Bortoloti 2003, p. 4)

No que tange a ação dos jesuítas na forma catequizadora sobre os primeiros grupos humanos que existiram no Brasil, havia uma clara tentativa de transformar os costumes dos indígenas.

Devemos voltar a nossa atenção a outro nível de instrução que estava presente no trabalho dos padres e irmãos, mesmo que não declarado abertamente. As condições infra estruturais do Brasil exigiam que houvesse uma formação mais técnica, voltada a construção e manutenção, daí a necessidade de formar vários profissionais. Para os jesuítas, instituir um modo de vida e de lidar com a natureza também deveria fazer parte

do projeto civilizador que tinham para o Brasil. Acreditavam que impor subsídios materiais era fundamental para afastar os nativos de seus antigos hábitos. Perceberam que civilizar requeria algo mais que formação espiritual. (Silva & Amorim, 2017, p. 191)

Portanto, a prática do ensino na colônia deveria ser alterada em alguns pontos da *Ratio Studiorum*, todavia mantendo o principal instrumento colonial que era o atendimento aos desejos do Reino português.

Os padres procuravam suprir o mercado, pedindo que viesse oficiais especializados do reino e paralelamente aprendiam eles próprios os diversos ofícios para ensinar aos colonos e índios. O aprendizado de cada ofício, pelo que podemos verificar, dava-se de modo informal e prático, durante a execução de uma obra ou no exercício do ofício. Os jesuítas aprendiam para ensinar e para executar, colaborando com o progresso da colônia. (Bortoloti, 2003, p. 3)

Nesse sentido, é possível verificar que os Soldados de Cristo, de certa forma, cumpriram a ação pedagógica no quesito religioso, cultural, social. Era tudo que a Coroa Portuguesa desejava, visto que um dos grandes obstáculos era fazer com que o indígena deixasse de ser nômade e se tornasse fixo, tendo uma sede num só lugar, para que produzisse e fizesse com que o projeto colonizador desse fruto.

Entre março de 1549 e outubro de 1570, o Padre Manuel da Nóbrega foi chefe, provincial e superior, da missão da Companhia de Jesus enviada para o Estado do Brasil pelo rei português Dom João III. Desenvolvendo o programa de “catequese e escola” que põe o Estado do Brasil sob a jurisdição imediata da Coroa, a missão funda colégios de ler e escrever, abre seminários para as vocações religiosas, ensina ofícios mecânicos a jovens índios, mamelucos e brancos. Ainda reduz ao catolicismo populações indígenas das

capitanias do Nordeste, Pernambuco, Bahia, Ilhéus, Porto Seguro, e do Sudeste, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Vicente. (Hansen, 2010, p. 11)

Todas as questões ligadas ao ensino no Brasil colônia, deve ser visto a partir da ótica exploratória entrelaçadas a religião e ideologias cristãs, visto que a Coroa portuguesa desejava o controle social vinculado as atividades econômicas. E, é nesse contexto, que surge uma das principais alianças capaz de englobar economia, trabalho e conversão com ganhos tanto para a Metrópole portuguesa como para a Igreja Católica. A Companhia de Jesus idealizada por Ignácio de Loyola serviu bem como instrumento capaz de contribuir nas duas frentes. Seja contribuindo para os desejos do papa, seja ajudando de certa fora, numa certa extensão aos desejos da Coroa portuguesa.

Nesse sentido, a Companhia de Jesus estava encarregada da catequização dos povos indígenas e imposição cultural e ideológica.

A Companhia de Jesus, criada pelo padre Inácio de Loyola, em 1534, e reconhecida em 1540 através de bula papal, possuía característica militante, missionária e instrutiva.

Enquanto a atuação da Ordem na Europa estava voltada para o combate à expansão do protestantismo, no Brasil, voltou-se para a educação dos povos silvícolas por intermédio da catequese e no estabelecimento de aldeamentos para ocupação do território. (Silva & Amorim, 2017, p. 187)

No que tange a educação jesuíta no período colonial, ficou sobre os ombros da Companhia de Jesus a formação estrutural e a transmissão do conhecimento pedagógico não apenas dos grupos dominados como também dos grupos dominantes.

A atuação pedagógica dos jesuítas influenciou o modo de educar os indivíduos na colônia segundo as suas posições sociais. Isso levou a níveis distintos de instrução: para os

índios, os rudimentos da língua e os ofícios; para os brancos libertos, os rudimentos da escrita, da leitura e os ofícios; para as classes abastadas, os ensinamentos superiores que garantiriam a manutenção da estrutura de poder; já para os escravos africanos e alforriados, os ofícios. (Silva & Amorim, 2017, p. 187)

Os Soldados de Cristo, foram se moldando ao sistema e estruturando o ensino conforme a necessidade da exploração da colônia para o enriquecimento da Cidade Mãe. Neste quesito, merece destaque a figura do padre Manuel de Nóbrega, chefe dos jesuítas, que buscou trazer um ensino para as crianças, possibilitando uma melhor eficácia no futuro para com a aculturação destes.

A atuação dos jesuítas na educação no Brasil foi marcada pelo plano de instrução criado pelo Padre Manoel de Nóbrega, chefe dos jesuítas no Brasil. Sua estratégia para organizar o ensino e ter maior efetividade teve como foco agir sobre os filhos dos indígenas, fazendo uso dos órfãos enviados de Lisboa à sua possessão no novo mundo. Essas crianças serviram de ponte entre os jesuítas e os meninos indígenas. (Silva & Amorim, 2017, p. 188)

Deve-se entender a atuação do Ensino no Brasil, como um ensino de caráter estritamente religioso, dominante, impositivo, que demonstrava arrogância e buscava alcançar um determinado fim ou propósito econômico. A transmissão de conhecimento do ensino no Brasil para os indígenas não passou de uma mera formalidade exploratória, distante dos verdadeiros valores cristãos.

Este formalismo consiste na contradição existente entre os princípios cristãos europeus e os ensinados nas escolas e a realidade moral dos trópicos. O formal se contrapõe ao real, existindo um contraste entre práticas e princípios ensinados nas escolas, nos colégios, na

Igreja e os efetivamente, vividos na prática. O proclamado está distante da realidade, com isto, aceitava-se que o importante não é ser, mas parecer correto. (Rosario & Melo, 2015, p. 385)

Esses historiadores evidenciam o caráter de ensino proposto pela *Ratio Studiorum*, que dividiam os métodos escolares em dois graus. Um de caráter universitário e outro para a formação fundamental.

A *Ratio Studiorum*, promulgada, em 1599, previa um currículo e método único para os estudos escolares, dividido em dois graus, supondo o domínio das técnicas elementares de leitura, escrita e cálculo. Dividiu o os estudos em dois graus: o inferior (correspondente ao nosso médio) e o superior (universitário). No ensino inferior propõe gramática, humanidades, retórica e no superior: filosofia e teologia. (Rosário & Melo, 2015, p. 385)

O Ensino Jesuíta era caracterizado, também, como uma forma de garantir a primazia do catolicismo novo mundo diante da ameaça protestante na Europa.

As escolas e colégios jesuítas, subsidiados pelo Estado português, se obrigava a formar gratuitamente sacerdotes para a catequese, instruir e educar os indígenas, os mamelucos e os filhos dos colonos brancos. O estudo é encarado como fundamental, um espaço para a guerra de ideias contra o protestantismo e na preservação dos valores morais e na difusão da cultura cristã europeia. (Rosário & Melo, 2015, p. 384)

Ao longo dos anos o ensino religioso dos jesuítas no Brasil passou a focar em ensinar os filhos das Elites que se encontravam na Colônia.

Se no início os colégios foram utilizados pelos jesuítas na catequese do nativo, principalmente junto às crianças, para que lhes servissem de intérpretes diante dos índios adultos, posteriormente passam a instruir apenas os descendentes dos colonizadores.

Coube aos indígenas e posteriormente aos mestiços e negros a educação para o trabalho através do convívio. (Rosario & Melo, 2015, p. 386)

A educação no Brasil foi sendo alterada aos poucos. Com a expansão dos valores da renascença, o teocentrismo e a fé religiosa, fortemente presente no ensino jesuítico, passou a ser combatido com o racionalismo, cientificismo, empirismo e o experimentalismo. Foi nesse contexto que o Brasil passou a adotar professores Laicos no chamado período pombalino.

Com a expulsão dos jesuítas do Brasil, em 1759, foram implantadas as reformas do Marquês de Pombal, pelo Alvará Régio de 28 de junho de 1759, que mudaram a estrutura de educação em Portugal e em suas possessões além-mar. Com a expulsão dos jesuítas, foram criadas escolas de ensino secundário e primário, o que demandou a contratação de professores laicos e religiosos. Com fortes influências das ideias iluministas, o Marquês de Pombal buscou reformar o currículo das escolas e da faculdade de Coimbra, alinhando Portugal às mudanças promovidas pelas luzes e pelo saber científico. (Rosario & Melo, 2015, p. 193)

Diante desse exposto, fica claro que o ensino jesuítico privilegiou camadas sociais em detrimento de outros.

Os Soldados de Cristo foram os primeiros educadores no Brasil, quando tratamos da implantação de um sistema único em todo território nacional. Nos dias atuais é possível, ainda, encontrarmos características de ensino no modelo jesuítico, principalmente quando tratamos da educação religiosa ou do ensino religioso. É certo que os povos indígenas tinham seu próprio sistema de ensino, um tanto que parecido, mesmo em diferentes localidades espalhadas pelo território brasileiro. “Quando os europeus chegaram à terra que viria a ser o Brasil, encontraram

uma população ameríndia bastante homogênea em termos culturais e linguístico, distribuída ao longo da costa e na bacia dos rios Paraná – Paraguai” (Fausto, 2010, p.37).

A transmissão de conhecimento dos povos indígenas era totalmente diferente do tipo de ensino praticado na Europa. A maior preocupação dos jesuítas era com a conversão dos indígenas ao catolicismo. “Constituiu no esforço de transformar os índios, através do ensino, em “bons cristãos significavam também adquirir os hábitos de trabalhos dos europeus, com o que se criaria um grupo de cultivadores indígenas flexível às necessidades da colônia” (Fausto, 2010, p.49).

Esse sistema jesuítico de ensino irá permanecer por séculos. Mesmo com a reforma proposta no período pombalino, as características marcantes do ensino voltado para os aspectos religiosos fluíam como que naturalmente. “E o discurso e a ação jesuíticos ficaram; não só porque são exemplos perfeitamente válidos hoje para tantos, mas porque conseguiram impor, mesmo a seus críticos, uma série de objetos culturais” (Flores, 2003, p. 88).

2.6 Conceitos liberais na Educação

Após a institucionalização do ensino jesuítico no Brasil, alguns conceitos foram sendo lentamente introduzido no sistema educacional brasileiro. O século XVI e a primeira metade do século XVII foram marcados pela educação religiosa. Todavia, a partir da segunda metade do século XVII, houve algumas mudanças no cenário europeu com influências, notadamente, até mesmo no continente americano. O liberalismo, amparado pelo iluminismo, vai romper fronteiras e alterar em grande parte a política, a cultura, a economia e o ensino.

As luzes são uma época de conclusão, de recapitulação, de síntese – e não de inovação radical. As grandes ideias das Luzes não têm origem no século XVIII; quando elas não vêm da antiguidade, trazem os traços da Idade Média, do Renascimento e da época

clássica. As luzes absorvem e articulam opiniões que, no passado, estavam em conflito, é por isso que os historiadores quase sempre observam que é preciso dissipar algumas imagens convencionais. As luzes são ao mesmo tempo racionalistas e empiristas, herdeiras tanto de Descartes como de Locke. (Todorov, 2008, p. 13)

Diante de um cenário marcado pelo centralismo de poder, no sistema absolutista que vigorava na Europa, com a predominância da cultura eclesiástica na cultura erudita, esse domínio de pensamento, onde a fé sobrepunha a razão, passou a ser combatido. O dogmatismo, o geocentrismo e o teocentrismo passaram a encontrar críticos que foram embalados pela reforma religiosa iniciada por Martinho Lutero, em 1517. René Descartes, o pai do racionalismo moderno e Isaac Newton, precederam o iluminismo e contribuíram para o desenvolvimento do racionalismo iluminista.

Movimento cultural e filosófico que aconteceu na Europa na era moderna, ao instaurar sua proposta pedagógica, retoma as ideias da natureza humana, da autonomia racional e moral do indivíduo e da perfectibilidade humana. No entanto, por outro lado, essas categorias têm seu sentido profundamente modificado. Marcado pela longa, lenta e sofrida constituição da moderna sociedade burguesa e mercantil, que vai se distanciando cada vez mais do mundo feudal e cristão, o pensamento iluminista se instaura sob o crescente impacto da formação dos estados como entidades políticas autônomas. (Severino, 2006, p. 625)

Seguindo o pensamento de Severino (2006), os autores iluministas com suas ideias, irão modificar todo panorama político, científico e educacional. Podemos, entre esses autores, citar John Locke (1632-1704). Locke é um representante do pensamento empírico. Para ele o homem nasce vazio de conhecimento, como uma folha em branco, que seria preenchida pela experiência

vivida. François Marie Arouet de Voltaire (1694 – 1778), defendia uma educação elitista, muito disso por frequentar reuniões nos salões da aristocracia da época. Voltaire, que era um crítico veemente dos privilégios da classe clerical, excluía os menos favorecidos do processo educacional. Jean Jacques-Rousseau (1712-1778), defensor do conhecimento pleno, em seu livro Contrato Social (1762), buscava uma forma de organização baseada no bem comum. Denis Diderot (1713 – 1784), um dos pilares da enciclopédia, apoiava o acesso à leitura e escrita. Adam Smith (1723-1790), o maior representante do liberalismo econômico, apoiava a leitura e escrita, pois elas seriam elementos fundamentais para o desenvolvimento capitalista.

O movimento em direção à modernidade iniciado pela renascença foi significativamente acelerado pela Revolução Científica do século XVII. A Revolução Científica destruiu a cosmologia medieval e estabeleceu o método científico – a observação e experimentação rigorosa e sistemática – como meio essencial de desvendar os segredos da natureza. No Ocidente, um número crescente de pensadores sustentava que a natureza era um sistema mecânico, governado por leis que podiam ser expressas matematicamente. As novas descobertas acenderam a imaginação. A ciência substituiu a religião como rainha do conhecimento, e a razão, que na idade média estivera subordinada a religião, afirmou sua autonomia. A grande confiança na razão inspirada pela revolução científica contribuiu para o surgimento do Iluminismo, que rejeitou explicitamente as ideias e instituições do passado medieval e articulou as normas essenciais da modernidade. (Perry, 2015, p. 282)

Enquanto a Europa passava por mudanças significativas, aqui no Brasil iniciava um novo período sob a batuta de Sebastião José de Carvalho e Melo (1699-1782), o marquês de Pombal, que imprimiu uma nova vertente aos aspectos mercantilistas do reino de Portugal, buscando modernizar e enrijecer o sistema colonial.

Para Figueira (2010, p. 187):

O Marquês de Pombal foi à figura-chave do governo português entre os anos de 1750 e 1777. Sua gestão, na colônia portuguesa na América, foi um perfeito exemplo de um despotismo esclarecido, forma de governo que combinava a monarquia absolutista com o racionalismo iluminista.

A educação nas escolas brasileiras teve suas estruturas alteradas durante o período pombalino. Pombal, que era um ferrenho combatente dos privilégios dos nobres e do clero, removeu toda a estrutura eclesiástica que exercia monopólio na Educação colonial. Praticamente expulsou os jesuítas do Brasil.

Segundo Aranha (2006, p. 133):

No decorrer do século XVII, cresce a animosidade contra a Companhia de Jesus. O governo temia o seu poder econômico e político, exercido maciçamente sobre todas as camadas sociais ao modelar-lhes a consciência e o comportamento. Ainda mais, desde os tempos de Nóbrega, a coroa se comprometera a destinar-lhe uma taxa especial de 10% da arrecadação dos impostos, além de doação de terras. A Companhia tornara-se então muito rica, com todos esses benefícios, mais a produção agrária das missões, altamente lucrativa.

A retirada dos jesuítas garantiu um aporte de bens dessa ordem religiosa, que seria enviada para a metrópole portuguesa. E, apesar de toda crítica existente ao processo educacional engendrado pelos jesuítas, sob a orientação da Companhia de Jesus, esse processo sofreu um rompimento drástico e incalculável sob o prisma de ensino já estruturado há décadas.

Segundo Aranha (2006, p. 134):

Pode-se questionar a validade do ensino dos jesuítas na formação da cultura brasileira,

mas é indiscutível que de início foi prejudicial o desmantelamento da estrutura educacional montada pela Companhia de Jesus. Os bens dos padres são confiscados, muitos livros e manuscritos importantes destruídos, nada sendo repostos.

O fechamento dos colégios jesuítas, bem como a saída dos jesuítas do Brasil, sem o devido acompanhamento de um novo sistema de ensino que fosse introduzido com urgência, possibilitaram consequências incalculáveis para a Educação na colônia. O Estado passou a assumir a responsabilidade, alterando as antigas instituições eclesiásticas em laicizadas, retirando a influência religiosa do ensino. A Educação deixa de ser de caráter religioso, apesar de ainda ter espaço e passa a ser de caráter capitalista, com a intenção de atender os interesses econômicos.

Beozzo (2011, p. 211) escreve:

E como essa determinação é a base fundamental da civilidade, que se pretende, haverá em todas as povoações duas Escolas públicas uma para os meninos, na qual se lhes ensine a Doutrina Cristã, a ler, escrever e contar na forma que se praticarem todas as Escolas das Nações civilizadas; e outra para as meninas, na qual além de serem instruídas na Doutrina Cristã se lhes ensinará a ler, escrever, fiar, fazer renda, costura e todos os mais ministérios próprios do seu sexo.

A política do Marquês de Pombal não mediu esforços para a continuidade da centralidade domínio do reinado de Portugal sobre o Brasil. Esse combate aos Jesuítas e em partes da nobreza e todos os sistemas desenvolvidos em seu governo serviu, em grande parte, para fortalecer o arrocho do Pacto Colonial e a continuidade exploratória da colônia brasileira.

Com a chegada da corte portuguesa em 1808, o Brasil passou por uma série de mudanças. O período joanino marcou uma ruptura significativa e de importantes desdobramentos. Vale ressaltar aqui o fim do pacto colonial, o país passando a ser um Reino Unido a Portugal e

Algarves, além da implantação da Academia Real Militar, A criação do Museu Nacional, a Escola de Medicina, Jardim Botânico, a abertura dos portos as nações amigas, entre outros.

A fase monárquica inicia-se, de fato, com a chegada de D. João VI ao Brasil em 1808, e vai-se efetivando aos poucos. Instalada a corte no Rio de Janeiro, só isso já importa em mudança do status colonial. Em 1815, o Brasil é elevado, pela lei de 16 de dezembro, a categoria de Reino Unido a Portugal, pondo em consequência fim ao Sistema Colonial, e monopólio da Metrópole. Um passo à frente foi à proclamação da Independência a 7.9.1822, da qual surgiu o Estado brasileiro sob a forma de governo imperial, que perdurou até 15.11.1889. (Silva, 2010, p. 74)

Durante a fase da monarquia no Brasil, primeiro e segundo reinado, as relações entre Estado e Igreja católica foram conturbadas e ficaram mais conflituosas após a criação da Primeira Constituição, outorgada por Dom Pedro Primeiro, em 1824, sendo este último o poder moderador.

A Constituição do Império era guardadas as proporções, restritiva em relação às religiões em geral, tanto a católica quanto as acatólicas. A religião privilegiada, embora instituída religião do Estado, não era uma religião nacional. Os dispositivos constitucionais que regulavam os poderes do imperador sobre a instituição eclesiástica geraram mais tensão do que propriamente organização. Ainda que não se tratasse de uma novidade — eis que os institutos que subordinavam a Igreja ao poder civil seguiam uma estrutura pombalina estabelecida ainda no período colonial — não se tratava também de uma situação plenamente consolidada. (Leite, 2011, p. 34)

Dom Pedro I procurou distanciar-se um pouco dessa opressão que a Igreja exercia sobre o governo. Acabou abdicando o trono em 1831 em favor de seu filho D. Pedro II. A partir

de 1840, com o golpe da maioria, iniciava-se o período do segundo reinado. D. Pedro II procurou se afastar ainda mais do domínio de Roma. Afastou-se tanto que acabou perdendo um dos braços de apoio ao governo que era o catolicismo romano na figura do papa, junto com os militares e os grandes latifundiários, principalmente, os cafeicultores, culminando na sua deposição.

Após a Proclamação da República, 1891, depois do período monárquico, o país promulgou a sua Primeira Constituição Republicana, fazendo a separação definitiva entre Estado e Religião, passando a responsabilidade do ensino para o Estado, tornando-se um ensino laico.

O Brasil foi um país cuja religião oficial, até a promulgação da Constituição Republicana de 1891, era o catolicismo. Inspirada por alguns princípios e ideias da Independência americana (1776) e da Revolução Francesa (1789), essa Carta Magna brasileira instituiu a separação Estado-Igreja, definindo que não haveria uma religião oficial no País e passando a responsabilidade do ensino para o Estado. (Valente, 2018, p.109)

A partir da Primeira Constituição da República, percebe-se claramente a tentativa de desvinculamento do modelo colonial enraizado no país.

No que tange à separação entre o Estado e a religião, o art. 11 da primeira constituição da República vedava que os estados e a União estabelecessem, subvencionassem ou embaçassem o exercício religioso. Esta diretriz foi reforçada no art. 72, §7º, ao dispor que “nenhum culto ou Igreja gozará de subvenção oficial, nem terá relações de dependência ou aliança com o governo da União ou dos Estados” Além da proibição de embaraço a cultos pelo Estado mencionado no art. 11, a liberdade religiosa também foi garantida na permissão do exercício de culto de forma ampla e sem distinção de crença, conforme o disposto no art. 72, §3º: “todos os indivíduos e confissões religiosas podem

exercer pública e livremente o seu culto, associando-se para este fim e adquirindo bens, observadas as disposições do direito comum”. (Zylberstajn, 2012, p. 20)

As demais Constituições brasileiras mantiveram a laicidade do Estado. O Brasil adotaria ainda outras Constituições até a promulgação da Constituição Cidadã, que entrou em vigor a partir do ano de 1988.

3. Marco Metodológico

3.1. Justificativa e problema da Pesquisa

O ensino religioso no Brasil ficou condicionado, por muito tempo, as interpretações de apenas uma visão religiosa e teológica. Devido à relação muito estreita entre Estado e Religião, o processo do ensino aprendizagem ficou comprometido e direcionado, pois não havia a abertura para a discussão das questões religiosas como manifestação e fenômeno social de grande importância de diversas religiões.

A aquisição de conhecimentos sobre a temática religiosa de maneira adequada é de suma importância para o desenvolvimento do ser, pois faz parte da terceira competência da BNCC: valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural, aumentando o repertório cultural dos alunos. Em outras palavras:

O estudo dos fenômenos religiosos presentes em contextos sociais cada vez mais diversificados, contribui para a formação integral dos estudantes, na medida em que favorece a liberdade de expressão religiosa e não-religiosa, a convivência com a pluralidade de ideias, crenças e convicções, e o respeito aos diferentes e às diferenças.

(Chechite & Pozzer, 2015, pág. 347)

Entende-se que a temática diversificada dos assuntos ligados a religião e suas manifestações criam um ambiente de aceitação e convivência, favorecendo a diminuição da intolerância religiosa. O espaço escolar é amplo “que transmutam as desigualdades sociais em dificuldades individuais”. (Souza & Viotto, 2018, p. 107)

A temática religiosa incutida nas diversas disciplinas do Ensino Médio, como sociologia

religião, filosofia da religião, história da religião e até mesmo os marcos geográficos, localizações e movimentações das religiões, contribuem para a liberdade de expressão religiosa.

No primeiro capítulo, foi exposto as novas vertentes trazidas pela BNCC, mostrando um novo caminho para o ensino no Brasil, tanto no ensino fundamental como também no ensino médio. Essas novas propostas apontadas pela BNCC favorecem a pluralidade e diversidade dos assuntos ligados a temática religiosa. Também foi exposto a proximidade entre religião, educação e Estado ao longo da história do Brasil, bem como o sistema educacional. E, nota-se ainda a forte tendência e predominância da religião católica em detrimento das demais como herança das relações que ocorreram nos períodos históricos do Brasil, como a época colonial com presença dos jesuítas, Brasil Império e republicano.

Conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996, p.156, incisos I, II, III e IV, art.35 e 36) conclui que: “a educação deverá nortear a totalidade da natureza do ser humano propiciando o crescimento harmonioso de suas faculdades para o convívio em cidadania”, e entre esses diversos conhecimentos a Religião se faz presente no dia a dia na sala de aula.

Justifica-se a pesquisa diante das mudanças propostas na BNCC e em virtude do município de Capão Bonito-SP ainda não possuir nenhuma pesquisa que ofereça subsídios relacionados ao impacto da temática religiosa no ambiente escola. Ao visitar a Escola Técnica Dr. Celso Charuri constatou-se que os alunos tinham um bom entendimento sobre as discussões que envolvem assuntos de temáticas religiosas, o que contribui para o enriquecimento de ideias e a possibilidades de novas vertentes que levem ao entendimento da temática religiosa em sala de aula que favoreçam a pluralidade e diversidade de opiniões.

Assim, fundamenta-se como problema a maneira como tem sido trabalhado na sala de aula assuntos relativos à religião na percepção dos alunos de perspectiva histórica, teológica e

ontológica, bem como a apropriação do tema ao final do 3º ano do Ensino Médio.

3.2 Objetivos geral e específicos

3.2.1. Objetivo geral

- ✓ Analisar o impacto da temática religiosa na sala de aula na perspectiva do aluno, durante a conclusão do Ensino Médio, e sua percepção sobre como tem sido trabalhado assuntos que abordam a religião.

3.2.2. Objetivos específicos

- a) Identificar se há espaço e tratamento igualitário as diversas religiões na sala de aula ou resquícios do pensamento hegemônico colonial
- b) Verificar se a temática religião tem servido para aprofundamento filosófico, haja vista a laicidade do Estado, isto é, na reflexão de elementos religiosos e não adesão, o que requer uma reflexão histórica e filosófica ampla e não confessional.
- c) Analisar as questões que envolverão a História Política e Religiosa da educação no Brasil e seus reflexos na sala de aula.

3.3. Decisões Metodológicas: Enfoque e Desenho

Utiliza-se a abordagem qualitativa como procedimento que atenua e suaviza este estudo por se intentar a realidade de difícil compreensão, peculiar, próprio e pertencente ao ensino de assuntos ligados a temática religiosa em sala de aula. Nesse sentido, se dá a importância metodológica como diretriz, coleta e premissas conforme afirma o autor:

A metodologia é compreendida como um conjunto flexível de diretrizes que vinculam os paradigmas teóricos às estratégias de investigação e aos métodos para a coleta e análise

de materiais empíricos. Metodologias são, portanto, compostas por premissas epistemológicas, metateóricas, ontológicas e metodológicas, e determinam a escolha de estratégias ou métodos que, por sua vez, ancoram estes paradigmas em terrenos empíricos específicos ou em uma prática metodológica específica. Assim, a metodologia se refere a mais que um simples conjunto de métodos ou procedimentos. (Santos & Greca, 2013, p. 17)

É importante frisar que “a neutralidade do pesquisador é de suma importância durante o processo, pois na ação de pesquisar, há o acesso, pelas/os pesquisadoras/es e pessoas participantes, a uma gama de elementos subjetivos, inconscientes, com sentidos e teorias implícitas” (Moraes & Galiazzi, 2016, p. 51).

Diante da tarefa e do encarregamento de conhecer ou entender as circunstâncias ou situação real, acionando como instrumento de investigação científica a abordagem qualitativa, dispusemo-nos diante dos participantes, cômico da ideia que eles compreendem de maneira mais assertiva o que acontece todos os dias dentro do ambiente escolar.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, sendo que o ponto de convergência são as interrogações de teor ou natureza coletiva.

A pesquisa qualitativa trabalha com um universo de sentidos, significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um fazer científico focado nas relações, nos processos e nos fenômenos que não devem ser tratados pela racionalização de variáveis. (Mussi et al., 2019, p. 427)

Nesta abordagem o entrevistado é levado a reflexão, proporcionando uma discussão gerada entre suas próprias ideias, suas crenças, vivências e experiências.

Considerando-se que no ambiente de educação o processo das relações humanas é

dinâmico, interativo e interpretativo, justifica-se que o arcabouço metodológico seja alicerçado nas técnicas qualitativas, pois esses estudos são importantes por proporcionar a real relação entre teoria e prática, oferecendo ferramentas eficazes para a interpretação das questões educacionais. (Oliveira, 2008, p. 15)

Optamos, nesse sentido, além da abordagem qualitativa uma entrevista semiestruturada como meio de acesso e busca de informações, pois permite ao entrevistado falar ou expressar suas ideias através do discurso oral ou escrito.

Um dos principais instrumentos da pesquisa qualitativa, sobretudo pelo facto de não haver uma imposição rígida de questões, o que permite ao entrevistado discorrer sobre o tema proposto ‘respeitando seus quadros de referência’, salientando o que para ele for mais relevante, com as palavras e a ordem que mais lhe convier, e possibilitando a captação imediata e corrente das informações desejadas. (Amado & Ferreira, 2013, p. 209)

É necessário a produção ou criação de mecanismos criteriosos, procedimentos ou atividades que visam descobrir novos conhecimentos em vários domínios, no sentido de que os dados coletados não sejam diminutos, escassos e inauditos. Nesse sentido, é importante realizar com muito zelo, sendo meticuloso no desenvolvimento da pesquisa.

Todavia, ainda compreendemos que uma pesquisa não será capaz de abranger os múltiplos aspectos e elementos cujas relações de interdependência são incompreensíveis no âmbito estudado, sendo necessário investigar minuciosamente seguindo os objetivos específicos da pesquisa. De acordo com Campoy (2019), os objetivos têm uma “função orientadora, uma vez que direcionam toda a trajetória da pesquisa”. “A metodologia da pesquisa é o coração de todo trabalho acadêmico, pois é através da metodologia que conhecemos o caminho que o pesquisador

trilhou para construir a sua pesquisa" (Anjos & Bregonci, 2016, p. 159).

O que se pretende realizar ou estudar nesta pesquisa busca esquadriñar, verificar o entendimento as questões ligadas a temas religiosos na sala de aula na perspectiva dos discentes da Escola Tecnológica Dr. Celso Charuri, compreendendo sobre as interferências ou imposições conflitantes na abordagem de assuntos ligados a esse tema pelos professores, além de mapear os limites de tais assuntos, verificando se está voltado para o saber, o respeito, a diminuição da intolerância religiosa e sua contribuição ontológica para a formação do indivíduo.

Percepciona o estudo de caso como um processo de pesquisa de organização lógica e sistemática, sendo este processo o mais apropriado, por abarcar em si mesmo a necessidade de entender o cotidiano que acontece no ambiente escolar da referida escola. Neste método de análise será procurado a melhor maneira de investigação sobre o objeto de estudo que será o impacto do ensino religioso na percepção dos alunos e alunas do terceiro ano do Ensino Médio da Escola Técnica Estadual do município de Capão Bonito, por conseguinte haverá conhecimento e descrição de maneira mais clara no que se refere a conjuntura dentro da sala de aula da referida Instituição escolar.

Nesse modelo de exame é permissível ir cada vez mais longe nas interrogações metodológicas a respeito da temática religiosa dentro do espaço escolar, verificando os argumentos levantados sobre o assunto que fora trabalhado no Ensino Médio, tendo um conjunto de elementos para formar um sistema organizacional nessa Escola Tecnológica compreendendo este espaço como um lugar diferenciado, pelo valor e nome de referência que ela ocupa na cidade onde está localizada.

Compreender as particularidades verificadas na Escola Técnica do Centro Paula Souza no olhar do discente verterá em um estudo de caso, sendo levado a aspirar a preciosidade em que

esta pesquisa está sendo investigada. As questões serão mistas, uma vez que nas questões fechadas de múltipla escolha facilita o participante na identificação do problema, com maior objetividade, porém com menos liberdade havendo uma certa restrição. As questões abertas têm maior flexibilidade com possibilidade de avaliar melhor as atitudes e valores.

Tabela 2

Desenho da Investigação

DESENHO DA INVESTIGAÇÃO
Educação e Religião: o impacto da temática religiosa na percepção dos alunos e alunas do terceiro ano do ensino médio da Escola Técnica Estadual Dr. Celso Charuri
QUESTÃO PROBLEMA
Como tem sido trabalhado na sala de aula assuntos relativos à religião na percepção dos alunos de perspectiva histórica, teológica e ontológica, bem como a apropriação do tema ao final do 3º ano do Ensino Médio
OBJETIVO GERAL
Analisar o impacto da temática religiosa na sala de aula na perspectiva do aluno, durante a conclusão do Ensino Médio, e sua percepção sobre como tem sido trabalhado assuntos que abordam a religião.
OBJETIVOS ESPECÍFICOS:
<p>a) Identificar se há espaço e tratamento igualitário para diversas religiões na sala de aula ou resquícios do pensamento hegemônico colonial</p> <p>b) Verificar se a temática religião tem servido para aprofundamento filosófico, haja vista a laicidade do Estado, isto é, na reflexão de elementos religiosos e não adesão, o que requer uma reflexão histórica e filosófica ampla e não confessional.</p>

c) Analisar as questões que envolverão a História Política e Religiosa da educação no Brasil e seus reflexos na sala de aula.
Tipo Descritiva Desenho não Experimental Transversal Enfoque Qualitativo
Instrumentos de coleta de dados Questionário impresso Questionário <i>online</i> via <i>forms</i>
CONTEXTO Escola Técnica Estadual Dr Celso Charuri do Município de Capão Bonito-SP

Nota: Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

3.4. Contexto da Pesquisa

Para uma melhor compreensão e entendimento é de suma importância adicionar componentes que melhorem a percepção do espaço e local que a pesquisa está inserida.

A cidade de Capão Bonito é um município do estado de São Paulo, no Brasil. Localiza-se a uma altitude de 730 metros, sua população foi estimada em 2018 como tendo 47 159 habitantes. Possui uma área de 1641 km, sendo o 5º maior município do estado.

Figura 05

Fotografia do município de Capão Bonito-SP



Nota: Fonte: www.portalcapaobonito.com

Figura 06:

Fotografia do município de Capão Bonito-SP



Nota: Fonte: Elaboração própria (2023)

Dados Geográficos

- 1 Área: 1.641 km²
- 2 Localização: O município de Capão Bonito está localizado na zona fisiográfica do Paranapiacaba. Vale do Alto do Paranapanema, estado de São Paulo. Situado a 222 quilômetros da cidade de São Paulo.
- 3 Altitude: 730 metros
- 4 Clima: subtropical, com média máxima de 22°C e média mínima de 14°C
- 5 Rios: Conchas, Almas e Paranapanema, que nasce no município.
- 6 Com relevo acidentado a cidade possui enorme potencialidade para ecoturismo, é conhecida como "Portal da Mata Atlântica" possui diversas cachoeiras e grutas.

3.4.1 Local da Pesquisa

A Escola Técnica Estadual Dr Celso Charuri, iniciou suas atividades em 23 de março de 2005, sendo uma extensão da ETE Dr. Demetrio de Azevedo Junior, da cidade de Itapeva, com a abertura de 6(seis) salas de aula, oferecendo os Cursos Técnicos em Administração, Edificações e Informática, nos períodos da tarde e noturno. A unidade foi implantada através de esforços do prefeito da época, Dr. Roberto Tamura (2001-2004) que tinha bons relacionamentos com o governo estadual, em parceria com empresários da região, como o Sr. Luiz Pagliatto, da entidade Pró-Vida que construiu o prédio e equipou a escola com mobiliários, e, posteriormente, doou ao Estado. As grandes dificuldades encontradas pela unidade no início de seu funcionamento, foram a distância e falta de estrutura no acesso, visto que, o doador do terreno para a Pró-Vida, embora o terreno de sua propriedade fosse muito extenso, com limites para a área urbana, doou um terreno muito mal localizado, distante da área urbanizada, sem iluminação e sem asfalto, o que

gerou muitas evasões na época. Com a chegada da escola, houve gradativamente, uma melhora na estrutura, pois o poder público pavimentou e iluminou o acesso, embora a distância seja um fator que incomoda muitos alunos até os dias de hoje, chegando a atrapalhar um melhor desenvolvimento da Etec.

A cerimônia de inauguração oficial, aconteceu em 16 de abril de 2005, numa festa que contou com a presença do Sr. Governador do Estado de São Paulo, Dr. Geraldo Alckmin, da Sr^a. Diretora Superintendente do Centro Paula Souza, professora Laura Laganá, do Prefeito da Cidade de Capão Bonito, Senhor José Carlos Tallarico Júnior (2005-2008), do professor Paulo Keiroglo, Diretor de implantação da unidade, e de várias personalidades da educação e da política municipal e regional, além de populares da região, sob a animação da Banda Marcial do Corpo de Bombeiros Voluntários de Capão Bonito.

Em 02 de junho de 2005, foi publicado no Diário Oficial do Estado, o Decreto do Governador nº. 49.645, que autorizou a criação da ETE Dr. Celso Charuri em Capão Bonito, portanto, desvinculando-se da escola de Itapeva. A escola foi fundada para atender as necessidades de jovens e adultos que precisavam de capacitação técnica e para suprir a demanda da região carente de profissionais capacitados para atuar no mercado de trabalho.

Figura 07:

Fotografia da Etec Dr. Celso Charuri



Nota: Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

A área do terreno da construção da escola possui um total de 25.000 m², contendo três grandes blocos, em que, 2 desses blocos abrigam 12 salas de aulas de 64 m² cada, 1 laboratório de edificações com 120 m², 4 laboratórios de informática de 64 m², sala de estudos com 64 m². Ainda contempla, o bloco da administração com 300 m², 1 quadra poliesportiva coberta com 1.000 m², vestiários de 75 m² e um pátio coberto de 600 m², além de um amplo estacionamento pavimentado e áreas verdes.

Figura 08:

Escola Técnica Estadual Dr. Celso Charuri



Nota: Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

Figura 09:

Escola Técnica Estadual Dr. Celso Charuri



Nota: Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

A Pró-Vida, Instituição Filantrópica com filosofia Espiritualista que acredita na Integração Cósmica, na Liberdade, Verdade, Coragem e Justiça, que fez a construção da escola, tem como seu fundador, o médico Dr. Celso Charuri, que dá nome a esta escola, sendo assim, em homenagem a esse grande ser humano, que se baseou na premissa de que o homem possui capacidades que, quando desenvolvidas, permitem uma ampliação da consciência, da percepção de si próprio e do meio em que vive, favorecendo a realização de seus objetivos.

A comunidade de Capão Bonito passou a admirar e respeitar os docentes, funcionários, e, principalmente, alunos egressos dos cursos da Etec. Foi notado que o ensino é diferenciado e que os professores buscam capacitações para acompanhar o mercado de trabalho, oferecendo aos alunos informações fidedignas e coerentes.

Em 2006, foi eleito o primeiro Diretor da unidade, o Professor Denis Maurilio Maricato, oriundo da Etec Dr. Augusto Tortorelo de Araújo, do município de Paraguaçu Paulista, em substituição ao Diretor de implantação, professor Paulo Keiroglo, assumindo suas atribuições no dia 01 de abril de 2006, primando por uma administração e pedagogia democrática, incentivando projetos culturais, esportivos e intercâmbio regional.

Em 2008, numa ação do governo estadual de expansão de Ensino Médio nas Etecs, iniciou-se 2 turmas nessa unidade, e se iniciou o oferecimento do Curso de Técnico em Turismo, sendo oferecido na sede, com uma turma no período noturno, e outra turma no município vizinho de Ribeirão Grande, em parceria entre o Centro Paula Souza, FAT (Fundação de Apoio à Tecnologia) e Prefeitura, sendo esta, a única turma a ser formada em município diferente da sede. Também em 2008, a Etec participou de forma determinante para a abertura da Fatec em nosso município, pois foi cedido salas administrativas e de aulas até 2011, sempre em harmonia com a administração da unidade parceira, sendo fundamental para o funcionamento desta

instituição em nossa cidade, pois o prédio próprio da “nossa irmã” Fatec só inaugurou em 2011.

Em 2010, através do plano de expansão do ensino técnico no Estado de São Paulo, em parceria do Centro Paula Souza com a Secretaria do Estado de Educação, foi criada a Extensão da Etec Dr. Celso Charuri na EE. Dr. Raul Venturelli, oferecendo no período noturno, os cursos de Logística e Informática para Internet. Ainda em 2010, o Professor Denis Maricato foi reconduzido pela Sr^a. Diretora Superintendente, para continuar respondendo pela Direção da Escola até 2011, ano em que haveria novamente o processo de eleição de diretores. Entre os anos 2008 e 2015, foram oferecidos vários cursos técnicos no Eixo Tecnológico de Hospitalidade e Lazer, como o Curso de Técnico em Agenciamento de Viagens, Técnico em Guia de Turismo e o Curso Técnico em Turismo Receptivo. Em 2011, o Professor Denis Maurílio Maricato foi reeleito Diretor por mais um mandato de quatro anos, obtendo a maioria dos votos da comunidade escolar.

Em 2014, através do Programa Vence, foi implantado o Curso de Técnico em Administração Integrado ao Ensino Médio na modalidade EJA (Educação de Jovens e Adultos), na Extensão na EE. Dr. Raul Venturelli, fazendo parte um projeto piloto, sendo oferecido somente no 1º semestre de 2014. Em 2015, foi implantado o Curso Técnico em Serviços Jurídicos, no período noturno, e também, o Curso de Técnico em Edificações Integrado ao Ensino Médio – ETIM/Edificações, em período integral, ambos oferecidos na Etec sede. Também em 2015, foi designado pela Diretora Superintendente do Centro Paula Souza, para responder pela Direção da escola até junho de 2019, o Professor Alison Cesar Sudário de Freitas, funcionário da instituição desde a inauguração em 2005, tendo desempenhado diversas funções administrativas e pedagógicas, antes de ocupar a função de diretor, por ter sido eleito pelos alunos, professores e funcionários.

3.4.2 Espaço Físico

A unidade escolar está localizada em uma área distante do centro urbanizado do município, dificultando razoavelmente o desenvolvimento de atividades educativas, porém, a construção e instalações são novas e modernas. Em um espaço que conta com 25.000 metros quadrados, sendo edificados três grandes blocos de salas, sendo dois para classes e laboratórios, e um para administração, anexo a um amplo pátio coberto para o abrigo dos alunos. No bloco administrativo estão abrigados 02 amplos banheiros, e salas da direção, dos professores, de reuniões, da coordenação, da secretaria acadêmica e da diretoria de serviços, que contam com instalações amplas, arejadas e com boas acomodações.

O mobiliário atualmente já corresponde às necessidades básicas dos serviços administrativos prestados à escola. Nos dois blocos destinados aos discentes há 13 salas de aulas e 04 banheiros, sala do servidor, sala de manutenção de computadores, 03 laboratórios de informática e uma cozinha para uso de funcionários, também utilizada para práticas pedagógicas do curso de Turismo Receptivo. Existe um espaço de duas salas interligadas onde funciona a biblioteca, e abriga a sala de estudos e leitura, convenientemente equipados com mesas redondas e cadeiras e computadores com internet, sendo disponibilizados para uso frequente.

Figura 10

Laboratório de informática



Nota: Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

No pátio coberto, espaço que interliga os blocos, existe um espaço para cantina escolar, que está em funcionamento, além de uma cozinha adaptada para oferecimento de merenda escolar, que foi inaugurada em 2015, inicialmente para 40 alunos matriculados no ETIM Edificações, e posteriormente, para utilização de todos os alunos matriculados, pois passamos a oferecer merenda em todos os períodos, atendendo diariamente aproximadamente 550 alunos. Há também uma pequena lavanderia e área de serviços e um espaço para reprografia. Existem bancos de concreto instalados no pátio e mesas com cadeiras com 80 vagas, sendo utilizadas como refeitório, para um maior conforto dos alunos da unidade. Ao lado do pátio, há um laboratório de edificações, amplo e bem equipado, para as aulas práticas do referido curso.

Figura 11

O pátio da Etec Celso Charuri



Nota: Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

Os blocos são interligados por rampas cobertas que seguem o estilo arquitetônico da construção. Existe acessibilidade para portadores de necessidades especiais em todo espaço edificado da escola. O estacionamento é amplo e com capacidade para aproximadamente oitenta veículos e toda área de circulação possui pavimentação asfáltica ou calçamento. Também a adequação do estacionamento para acomodação de motocicletas e bicicletas, devida sinalização de trânsito e o paisagismo que foi colocado em prática com a plantação de árvores e flores.

A Escola conta com uma residência para zelador, amplos vestiários equipados com banheiros, para acomodar os alunos atletas. Na área externa há uma quadra poliesportiva coberta, com rampa de acessibilidade, um campo para a prática de futebol, estilo society. O restante da área que era coberta por um gramado, um espaço de aproximadamente 11.000 metros quadrados.

A escola tem água tratada pela SABESP, e é bem servida em termo de iluminação externa e nas salas de aula. A rede de esgotos dá vazão completa aos dejetos e o lixo é regularmente coletado pelo pessoal da reciclagem e pelos funcionários da Prefeitura Municipal.

3.4.3 Missão

Oferecer à comunidade regional um serviço educativo de qualidade, formando alunos capazes de atuar como agentes de mudança, num ambiente democrático, participativo, aberto e integrador, numa Escola reconhecida pela excelência em ensino público e por elevados padrões de exigência e responsabilidade, que valoriza o conhecimento, como condição de acesso ao mundo do trabalho e ao prosseguimento de estudos.

3.4.4 Matriz swot da Instituição

Forças:

- Equipe pequena e motivada;
- Cursos técnicos de qualidade;
- Oferecimento de merenda escolar para todos os alunos matriculados, em todos os

cursos e períodos;

- Excelente estrutura nas instalações prediais;
- Quadra poliesportiva coberta;
- Condições de acessibilidade nas instalações da Etec Sede;
- Planejamento de várias visitas técnicas em todos os cursos;
- Empenho de todos em busca de melhores resultados;
- Oferecimento de transporte gratuito;
- Bom relacionamento entre os servidores, mantendo um agradável local de trabalho.
- A valorização da escola perante a comunidade em geral;
- Referência regional em ensino de qualidade.
- A estrutura do Centro Paula Souza instalada no município é uma força, já que a cidade não dispõe de outros cursos gratuitos de qualificação profissional. O clima escolar é bastante favorável e tendo em vista que a equipe é pequena demonstra-se unida e engajada para o desenvolvimento das ações focadas nas metas da unidade.

Fraquezas:

- Alto índice de perdas de alunos (desistências);
- Distância da escola do centro urbanizado;
- Desinteresse dos alunos.
- Comunicação entre todos os níveis da escola é deficitária;
- Baixo índice de alunos concluintes;
- Acervo da biblioteca.

Oportunidades:

- Ampliação das relações de parcerias com a comunidade externa
- Disponibilidade de Passes Escolares e Merenda Escolar, em convênio com as Prefeituras Municipais
- Número expressivo de alunos que são aprovados em Vestibulares
- Oferecimento de novas habilitações

Ameaças:

- Concorrência de entidades particulares de Ensino Técnico, e, principalmente de cursos Superiores na modalidade EAD;
- Baixa oferta de empregos na área.
- Segurança externa nos arredores da Etec é precária;
- Baixa demanda de alguns cursos.

3.5 População Participante

Esta pesquisa tem como principais agentes, os alunos do 3º ano do Ensino Médio do Novotec, da Escola Técnica Estadual Dr. Celso Charuri, que prontamente aceitaram participar, contribuindo para o entendimento do assunto em questão. Essa escola fez parte da pesquisa pelos seus reconhecimentos no processo de ensino-aprendizagem na cidade de Capão Bonito-SP, e mediante a complexidade de elementos que essa pesquisa exige, sua observação será *in locu* para a realização contínua e prolongada a partir do método adotado. A escolha dos métodos ou documentos, é de sua importância, conforme escrito por Kripka, **et al**, (2015):

Consiste em delimitar o universo que será investigado. O documento a ser escolhido para a pesquisa dependerá do problema a que se busca uma resposta, portanto não é aleatória a escolha. Ela se dá em função dos objetivos e/ou hipóteses sobre apoio teórico. É importante lembrar que as perguntas que o pesquisador formula ao documento são tão importantes quanto o próprio documento, conferindo-lhes sentido. (p. 245)

As salas de terceiros anos foram escolhidas, por propiciar uma visão mais assertiva dos elementos pesquisados, sendo que o aluno ao final do último ano do ensino médio, já está mais preparado criticamente para o processo de autonomia e uma melhor consciência cidadã.

Os alunos são os sujeitos principais e primordiais, pois a partir dos levantamentos e observações documentadas, ou seja, os resultados da medição geradas pelos questionários, pode-

se ser identificado como são e estão as relações das questões de assuntos de temáticas religiosas no ambiente escolar. A BNCC sugere a seguinte tratativa sobre assuntos religiosos:

Tratar os conhecimentos religiosos a partir de pressupostos éticos e científicos, sem privilégio de nenhuma crença ou convicção. Isso implica abordar esses conhecimentos tendo como base nas diversas culturas e tradições religiosas, sem desconsiderar a existência de filosofias seculares de vida. (Brasil, 2018. p. 434)

As populações que constituíram a pesquisa foram 67 discentes, considerando a população total existente no terceiro ano do Ensino Médio. Essa pesquisa, de abordagem qualitativa, foi realizada com os discentes do período matutino, que iniciam os seus estudos a partir das 7h e 30 minutos, com o término das aulas as 12h e 50 minutos. A abordagem qualitativa, é expressa por Tuzzo e Braga (2016) da seguinte forma:

Enquanto exercício de pesquisa, não se apresenta como uma proposta rigorosamente estruturada, permitindo que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques, sugere que a pesquisa qualitativa oferece ao pesquisador um vasto campo de possibilidades investigativas que descrevem momentos e significados rotineiros e problemáticos na vida dos indivíduos. Os pesquisadores dessa área utilizam uma ampla variedade de práticas interpretativas interligadas, na esperança de sempre conseguirem compreender melhor o assunto que está ao seu alcance (p.142).

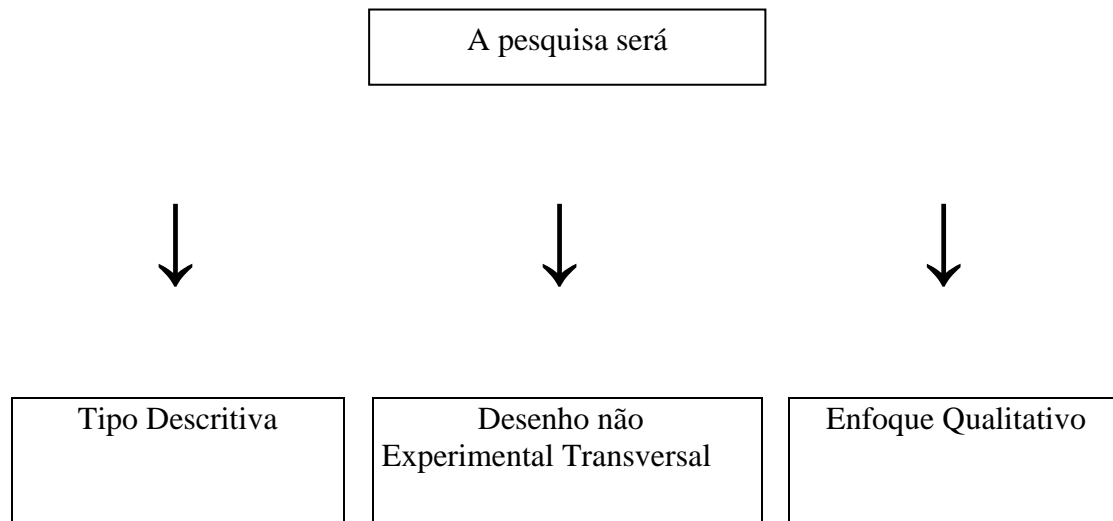
A preferência pelos discentes do 3º ano do Ensino Médio se deu em decorrência desses, de estarem finalizando o ciclo obrigatório do sistema escolar, e de terem perpassado pelas cadeiras do ciclo I e II do EF, além do primeiro e segundo ano do Ensino Médio.

Tabela nº 3

População participante da pesquisa

População participante	Quantidade
Alunos	67

Nota: Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

3.6 Delineamento Metodológico**Figura 12***Esquema do Desenho, Tipo e Enfoque da Pesquisa*

Nota: Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

Na opção do método de pesquisa, como relatado anteriormente, foi decidido pelo pela abordagem qualitativo com o objetivo de realizar um levantamento descritivo do olhar do discente sobre a temas ligados a assuntos religiosos que são frequentemente abordados no ensino.

Minayo (2014) escreve o seguinte:

O método qualitativo é o que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações

que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam. (p. 57)

Vicentini (2019) corrobora ao afirmar que:

A partir dos resultados obtidos nessa primeira fase, uma segunda fase, desta vez, qualitativa, é elaborada para identificar questões a serem explicadas ou desenvolver perguntas e procedimentos qualitativos. Em um terceiro momento ocorre a coleta e análise dos dados qualitativos. São eles que vão explicar os resultados da primeira fase mais profundamente. (p. 3)

Além do enfoque qualitativo, buscou-se, também, em decorrência da pesquisa, o método descritivo.

A maioria dos estudos que se realizam no campo da educação é de natureza descritiva O foco essencial desses estudos reside no desejo de conhecer a comunidade, seus traços característicos, suas gentes, seus problemas, suas escolas, seus professores, sua educação, sua preparação para o trabalho, seus valores, os problemas do analfabetismo, a desnutrição, as reformas curriculares, os métodos de ensino, o mercado ocupacional, os problemas do adolescente etc. (Trivinões, 2011, p.112)

Sendo assim, para o desenvolvimento dessa pesquisa será utilizada a análise qualitativa com características de pesquisa de campo, análise documental não experimental e pesquisa bibliográfica. A pesquisa foi descritiva por buscar entender as várias situações e contextos. De acordo com Sampieri et al (2006, p. 101): “Eles medem avaliam ou coletam dados sobre diversos aspectos, dimensões ou componentes do fenômeno a ser pesquisado”. Em resumo, a presente pesquisa seguirá o modelo não experimental, ou seja, a análise aqui seguira um desenvolvimento

no qual não terá manipulação de variáveis, os fatos acontecidos serão observados em um espaço natural, e consecutivamente analisados.

A pesquisa não experimental segundo Campoy (2019) é aquela na qual “o pesquisador não manipula qualquer tipo de variável, nem há nenhum tipo de medida antes do fato, ao contrário dos projetos experimentais” (p. 151). A pesquisa também será transversal, pois a coleta de dados ocorrerá apenas em um dado momento.

3.7 Características da pesquisa

Esta pesquisa investigativa teve como núcleo o levantamento de dados produzidos pelos indivíduos da pesquisa, tendo como propósito que se deseja alcançar, as informações sobre as questões apontadas, com enfoque qualitativo.

Afirmamos que pesquisar é perseguir uma interrogação em diferentes perspectivas, de maneira que a ela podemos voltar uma vez e outra ainda e mais outra. A interrogação se comporta como se fosse um pano de fundo onde as perguntas do pesquisador encontram seu solo, fazendo sentido. (Bicudo, 2021, p. 22)

A pesquisa produzida buscou colher os dados *in loco* para se ter uma maior precisão e um maior e melhor domínio estatístico, com modelo não experimental transversal descritivo. Alicerçados com os pressupostos elencados nos itens acima esta investigação irar ser debruçada no enfoque qualitativo de investigação. Esta pesquisa preocupa-se com a circunstância de uma realidade que não pode ser calculada e muito menos quantificada.

3.8 Técnicas e instrumentos para coleta dos dados

A coleta dos dados é de suma importância para bom andamento da investigação, pois são essas técnicas que servem como base para o êxito da pesquisa. O trabalho investigativo recorreu a técnica de questionário com questões abertas e fechadas, ou seja, mista, tendo como

instrumento auxiliar o questionário. O questionário é uma técnica de investigação com questões que possuem o propósito de obter informações. A utilização indevida de um questionário, ou um questionário mal formulado, pode resultar na geração de informações equivocadas e causar erros de conclusões, afetando a validade do estudo.

Segundo Oliveira (2016, p. 83):

O questionário pode ser definido como uma técnica para obtenção de informações sobre sentimentos, crenças, expectativas, situações vivenciadas e sobre todo e qualquer dado que o pesquisador (a), deseja registrar para atender os objetivos de seu estudo ou de sua pesquisa.

Nessa pesquisa, decidiu-se realizar com perguntas abertas e fechadas produzidas de forma impressa, para antecipar possíveis problemas de conexão e online pelo formulário *google forms*. Foram aplicados 67 questionários aos discentes do 3º ano do Ensino Médio, a respeito da temática religiosa na sala de aula. O questionário poderia ser respondido pelo forms pelos alunos que tivessem acesso à internet. Faz necessário ressaltar que os instrumentos foram devidamente verificados antes de serem aplicados. Chizzotti (2006, p. 56) recomenda o seguinte:

“instrumentos devem ser testados antes de serem aplicados, a fim de se identificar problemas de linguagem, de estrutura lógica ou das demais circunstâncias que podem prejudicar o instrumento”.

Portanto, a pesquisa através do questionário com perguntas abertas e fechadas, ou seja, mistas, foi direcionado a seguinte população: discentes devidamente matriculados no 3º ano do Ensino Médio da Etec Dr, Celso Charuri, pertencente ao Centro Paula Souza, localizada no Município de Capão Bonito-SP. Com o intuito de organizar o estudo, o pesquisador deverá escolher o tipo de pesquisa que irá utilizar pois segundo Kauark et al (2010, p. 25): “O tipo de

pesquisa categoriza a pesquisa na sua forma metodológica de estratégias investigativas”. E acrescenta ainda: “Mas é preciso que o pesquisador saiba usar os instrumentos adequados para encontrar respostas ao problema que ele tenha levantado”. Deste modo, para a compreensão da temática, foram selecionadas as seguintes técnicas de obtenção de dados: 1. Técnica de observação direta; 2. Questionário.

✓ Ficha de Observação - Permite direcionar o pesquisador com o fenômeno estudado, através de um roteiro de perguntas, em que esse se baseia para a identificação de estratégias e práticas utilizadas pela equipe educativa das escolas.

✓ Questionário - Auxilia o pesquisador para o objetivo pretendido.

Terá subsídios bibliográficos, pois tem como explicar um problema através de referenciais escritos. Assim, os instrumentos de coleta de dados utilizados são o questionário e a observação direta.

3.8.1– Questionário

O questionário é um instrumento de suma importância na pesquisa científica a fim de buscar mais informações a respeito de algo, e corresponde a transposição dos objetivos específicos em enunciados em que se pede ao observador uma informação. O questionário, segundo Gil (2011, p.128), pode ser definido como “A técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.” A aplicação de questionário, seja impresso ou online está associada a um referencial teórico do próprio investigador, ou seja, o pesquisador organiza e estrutura os temas sobre os quais pretende recolher informações do participante.

Para o recolhimento de dados foi devidamente feito o uso de questionário impresso e com

opção para aqueles que quisessem responder pelo *forms*. Sendo assim, em primeiro momento foi apresentado o questionário a ser respondido. Após a conclusão, os alunos foram levados para a sala de informática, onde acessaram e repassaram as respostas através da ferramenta *forms* da Microsoft. Apresentou-se perguntas abertas e fechadas, ou seja, mistas, para sessenta e sete (67) estudantes da população participante com o objetivo de coletar respostas sobre o impacto da temática religiosa na sala de aula na percepção dos alunos e alunas do terceiro ano do ensino médio na Escola técnica Estadual Dr. Celso Charuri na Cidade de Capão Bonito-SP. Esse instrumento de recolhimento de dados demanda absoluto rigor e fácil percepção, do que é inteligível, para que não exista complicações, contrariedades, contratempos, hesitações, impedimentos, indecisões ou obstáculos no momento de os participantes responderem.

As questões do questionário foram enviadas ao professor orientador, e aos doutores que validaram as questões, cujo currículo está nos anexos deste trabalho, para que eles fizessem as ponderações sobre o questionário e ajustes se for necessário. O questionário analisado foi norteado com fundamentação racional de escolha levando em consideração:

- ✓ **Objetividade:** verificar se o questionário aborda a população da pesquisa sem que haja emissão de opinião a respeito do assunto abordado que garanta a pessoa decidir sobre aquilo que ela julga ser o melhor para si.
- ✓ **Pertinência:** Examinar se as questões elaboradas estão corretamente conduzidas, oportuno ou apropriadas, correspondendo perfeitamente ao objetivo da pesquisa.
- ✓ **Credibilidade:** examinar a exatidão dos instrumentos que servirão ao método escolhido.

Sendo feito a análise, as perguntas norteadoras desta pesquisa são:

a - O multiculturalismo religioso, ou seja, a coexistência de várias religiões esteve

presente quando tratado de assuntos sobre a temática religiosa nas aulas?

b - Os temas religiosos na sala de aula servem para doutrinação e crítica apenas, ou para compor os conhecimentos necessários e sentido para o ser?

c - Seus professores mostram empatia quando tratam de assuntos ligados a temática religiosa na sala de aula?

d - A pedagogia imposta pelos jesuítas no Brasil colonial, tendo o catolicismo como religião predominante, ainda é sentida na sala de aula?

e - Os temas religiosos na sala de aula servem para doutrinação e crítica apenas, ou para compor os conhecimentos necessários e sentido para o ser?

f - O ensino religioso deve integrar o currículo do ensino médio, se transformando em disciplina permanente?

g - A temática religiosa é apresentada no modelo confessional ou considera a dimensão pedagógica do ensino?

O levantamento das informações e apresentação do questionário aos alunos ocorreu no segundo semestre do ano 2022, no mês de outubro, ano de retorno as aulas presenciais após a paralização da Escola Técnica Estadual Dr Celso Charuri com o início do ensino remoto decorrente do avanço da Covid 19 no país.

Faz necessário, relatar que a questão que envolve a pesquisa é de um grau de complexidade, mediante as diferenças e divergências que envolvem e abarcam a fé de cada indivíduo. Por isso, houve uma preocupação ética muito grande, sendo necessário tomar as devidas providencias quanto a participação da população da pesquisa, no que tange explicar para a coordenação da escola, direção e alunos o sentido desse trabalho, além de providenciar o termo de concessão de direitos sobre as respostas escritas, que seriam analisadas na pesquisa.

3.9 Processo da pesquisa

A pesquisa foi feita considerando o momento oportuno para sua realização, não atrapalhando a trabalho pedagógico dos professores da Etec. O contato com a referida escola foi realizado de forma documental, através de ofício, 68/2022, direcionado ao diretor. Diante disso, houve a necessidade de ser passado o questionário em dias diferentes para as salas do 3º ano. Por se tratar de duas turmas do período matutino, foi realizado com a turma A e no outro dia com a turma B. A aplicação do questionário foi feita apenas na primeira quinzena de outubro de 2022.

Apesar das tratativas terem sido iniciadas em agosto, houve toda uma preparação e conversa com a equipe pedagógica da escola, a explicação da realização da pesquisa, conversa com professores e alunos e pôr fim a realização do questionário aplicados aos alunos. Os discentes tiveram um tempo bastante oportuno e generoso para responderem. As aulas iniciam as 7h:30 minutos, momento no qual estive na sala conversando com os alunos. O questionário começou às 8 horas sem tempo para a entrega, assim ficaram despreocupados em fazer rapidamente, sendo que poderiam refletir em cada pergunta antes de respondê-la.

Os procedimentos que se calculou com antecipação na pesquisa foram legitimadas, ou seja, se tornaram válidos a partir das regras em vigor. Essa pesquisa acompanhou, percorreu as etapas listadas abaixo:

Tabela 4

Etapas da pesquisa

- | | |
|-----------|--|
| 1ª Etapa: | Recorte da totalidade de elementos que formam um todo que se intenta fazer saber; |
| 2ª Etapa: | Criação, produção, desenvolvimento e aprovação do instrumento de pesquisa, além do Termo de autorização de direitos a respeito dos depoimentos escritos; |

- 3ª Etapa: Realização e execução das entrevistas;
- 4ª Etapa: Agrupamento e análise das informações;
- 5ª Etapa: Averiguação, procedimentos e seguimentos, além das discussões sobre das informações;

Nota: Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

Entende-se que apesar da pesquisa ser no ambiente escolar ele, transcende essa norma, assim como ensinar também se expande para além da sala de aula.

Uma educação humanizada não se limita a fornecer um serviço de formação, mas cuida dos seus resultados no quadro geral das capacidades pessoais, morais e sociais dos participantes no processo educativo; não pede simplesmente ao professor para ensinar e ao aluno para aprender, mas exorta cada um a viver, estudar e agir de acordo com as premissas do humanismo solidário; não prevê espaços de divisão e contraposição mas, pelo contrário, oferece lugares de encontro e debate para realizar projetos educativos válidos; trata-se de uma educação – ao mesmo tempo – sólida e aberta, que derruba os muros da exclusividade, promovendo a riqueza e a diversidade dos talentos individuais e expandindo o perímetro da própria sala de aula a cada âmbito da experiência social em que a educação pode gerar solidariedade, partilha, comunhão. (Versaldi, 2017, p.1)

Nesse segmento, após o recolhimento dos dados, eles revistos de forma detalhada, profunda, com o objetivo de organização do material obtido durante a investigação. O material coletado e analisado foi utilizado na íntegra, sem manipulação ou interferência, percorrendo as fases e sendo transparente.

4. Implicações Éticas

A criação deste trabalho tem como segmento verificar as situações observadas e assinalar os dados coletados sem exprimir ou manifestar julgamento sobre os indivíduos envolvidos no processo da pesquisa. Segundo Fare, et al (2014, p. 252), deve se ter uma “boa conduta na pesquisa, tais como a honestidade no tratamento dos dados e na divulgação do conhecimento”.

Diante desse quadro, procurou-se guardar com cuidado a identidade daqueles que cooperaram com essa pesquisa, usando denominações específicas:

- ✓ P1, P2, P3, P4, P5, P6, P7, P8, P9, P10, P11, P12, P13, P14, P15, P16, P17, P18, P19, P20, P21, P22, P23, P24, P25, P26, P27, P28, P29, P30, P31, P32, P33, P34, P35, P36, P37, P38, P39, P40, P41, P42, P43, P44, P45, P46, P47, P48, P49, P50, P51, P52, P53, P54, P55, P56, P57, P58, P59, P60, P61, P62, P63, P64, P65, P66 e P67 para denominar cada sujeito da pesquisa.

5. Apresentação e Análise dos Resultados da Pesquisa

Nesse capítulo será desenvolvido a análise de dados e discussão dos resultados que foram realizados nessa pesquisa após serem recolhidos os questionários que foram devidamente aplicados a população participante da Etec Dr. Celso Charuri do Município de Capão Bonito-SP.

As informações colhidas nesse trabalho possibilitaram analisar os dados para a obtenção e execução que se faz necessário para as possíveis representações, ideias, sentimentos, além, é claro, da conclusão do tema proposto: *Educação e Religião: O impacto da temática religiosa na percepção dos alunos do terceiro ano do ensino médio na Escola Técnica Estadual do município de Capão Bonito.*

A análise seguirá com severidade os padrões científicos. A análise de conteúdo consiste em “um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (Bardin, 2016, p. 38).

5.1 Análise e discussão dos resultados da investigação

A investigação deu início na busca de obter informações sobre o tema proposto junto aos discentes da Etec Dr. Celso Charuri, levando em consideração uma população de 67 indivíduos.

Na contemporaneidade, o assunto sobre religião é bastante explorado durante as aulas no Ensino Médio, podendo surgir vários conflitos que as vezes podem passar despercebido por parte do docente no processo de ensino aprendizagem. Vive-se numa sociedade líquida, conforme escreveu Zygmunt Bauman, onde tudo é muito rápido e não há tempo para o processo de maturidade.

Os líquidos se movem facilmente. Eles fluem, escorrem, esvaem-se, respingam, transbordam, vazam, inundam, borrifam, pingam, são filtrados, destilados; diferentemente dos sólidos não são facilmente contidos, contornam outros obstáculos, dissolvem outros e

invadem ou inundam seu caminho. [...] A extraordinária mobilidade dos fluidos é o que os associa à ideia de leveza [...]. Essas são as razões para considerar fluidez ou liquidez como metáforas adequadas quando queremos captar a natureza da presente fase, nova de muitas maneiras, na história da modernidade. (Bauman, 2001, pp 8-9)

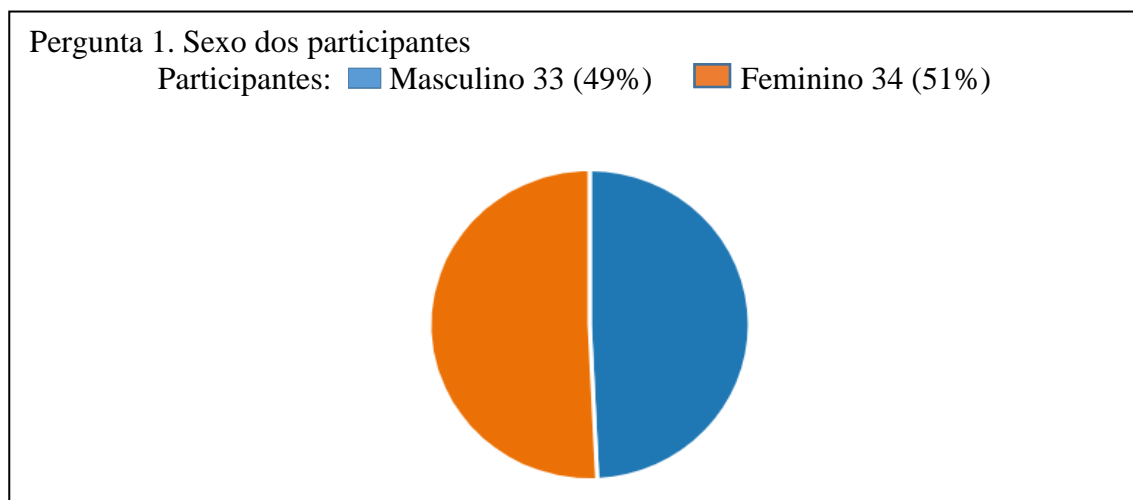
Há necessidade de entendimento, que a temática religiosa está presente na sala de aula desde os primeiros anos da Educação Básica. Sendo que o professor deve ter em mente que a maneira que determinado assunto é trabalhado em sala, concernente a essa temática, poderá tanto favorecer a questão ontológica e tolerante quanto doutrinária e intolerante.

5.2 Questionário aplicado aos discentes

Passe-se a analisar o questionário que foi elaborado e aplicado aos estudantes. A questão inicial foi para a verificação do número de estudantes correspondentes ao sexo masculino ou feminino.

Figura 13

Sexo dos participantes

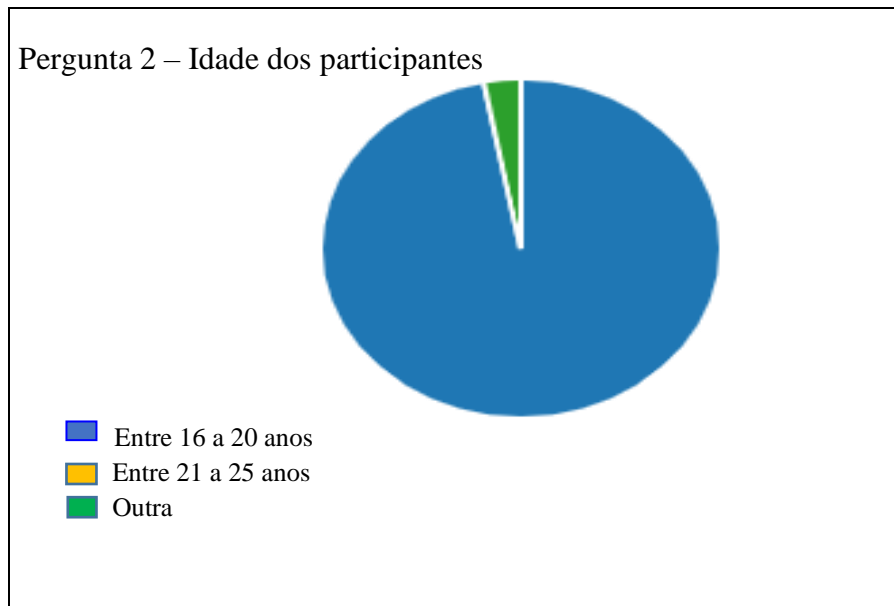


Nota. Fonte: dados da pesquisa elaborada pelo próprio autor (2023)

Ao fazer uma análise do gráfico acima, fica evidente que a pesquisa foi contemplada de maneira igualitária ao sexo masculino e feminino, com uma ligeira diferença de números a mais para o sexo feminino, o que não altera nenhum objetivo que se pretendia averiguar. Interessante que, ao examinar as respostas, pode-se verificar que 51% das pessoas responderam feminino para esta pergunta, a maioria respondeu "Sim" para a Pergunta 4. 50% das pessoas responderam Masculino para esta pergunta, a maioria respondeu "Não" para a Pergunta 10.

Figura 14

Idade dos participantes



Nota. Fonte: dados da pesquisa elaborada pelo próprio autor (2023)

Percebe-se ao analisar o gráfico 2 que as faixas etárias dos participantes são condizentes com o término do 3º ano do Ensino Médio. Acreditamos que no momento da pesquisa dois estudantes ainda não tinham completados 16 anos.

Figura 15

Sobre a obrigatoriedade do Ensino Religioso no Ensino Médio

Pergunta 3 - O Ensino Religioso é facultativo no 9º ano. Na sua opinião, o ensino religioso deve integrar o currículo do ensino médio, se transformando em disciplina permanente?



■ Sim 25
■ Não 42

Nota. Fonte: dados da pesquisa elaborado pelo próprio autor (2023)

Nesse terceiro gráfico, a questão formulada foi a respeito de uma possibilidade de uma disciplina específica para tratar sobre a temática religiosa no Ensino Médio. Os estudantes do ensino fundamental, ao chegar no 9º ano, podem optar de acordo com a BNCC, a ter aulas em uma disciplina específica chamada Ensino Religioso.

Podemos enfatizar que esses objetivos contemplados no ER visam, num primeiro momento, levar o educando e a educanda nos anos iniciais a conhecer e identificar as diferentes linguagens, o sistema religioso e não religiosos, assim como as manifestações nas diversas culturas como fenômenos socioculturais presentes em nosso cotidiano e, por isso, enfatiza o uso de verbos perceber, reconhecer compreender e identificar, entre outros. (Linz & Cruz 2017, p. 146)

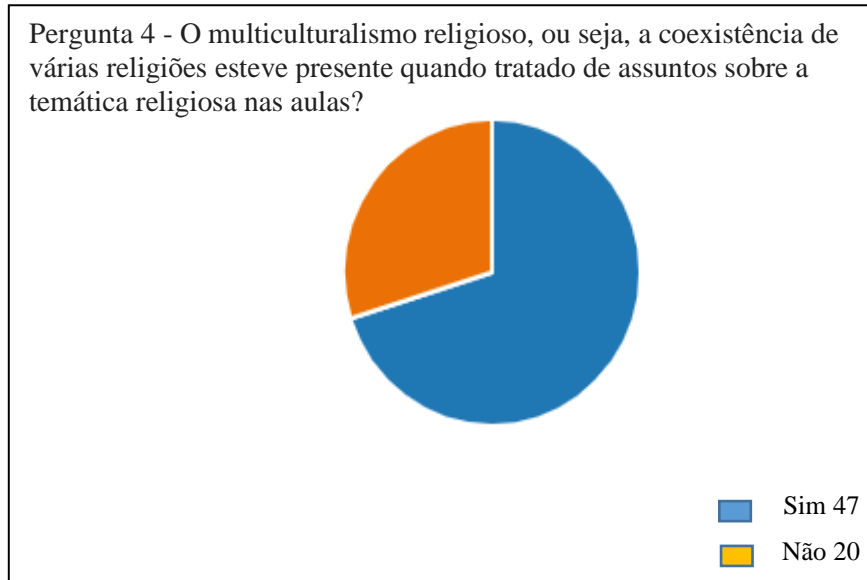
Porém essa disciplina é facultativa. Não existe a obrigatoriedade de ter aulas de Ensino Religioso. Como no Ensino Médio não existe essa opção, a pergunta realizada na pesquisa, busca

entender se o aluno considera importante uma cadeira permanente dessa disciplina. Cerca de 37% responderam afirmativamente, o que corresponde a um bom índice de pessoas entrevistadas, que é importante não desprezar. Os outros 63% acharam que não tem relevância uma disciplina específica, talvez considerando que o assunto sobre temática religiosa pode ser diluído nas outras disciplinas, como veremos nas questões seguintes. Importante frisar, para comparativos futuros que 63% das pessoas que responderam "Não" para esta pergunta, a maioria respondeu "Sim" para a Pergunta 9. Outros 38% das pessoas que responderam Sim para esta pergunta, a maioria respondeu "Sim" para a Pergunta 4. Saliento também em que 63% das pessoas responderam Não para esta pergunta, a maioria respondeu "Não" para a Pergunta 10.

O Ensino Religioso busca construir, por meio do estudo dos conhecimentos religiosos e filosofias de vida, atitudes de reconhecimento e respeito às alteridades. Trata-se de um espaço de aprendizagens, experiências pedagógicas, intercâmbios e diálogos permanentes, que visam o acolhimento das identidades culturais, religiosas ou não, na perspectiva da interculturalidade, dos direitos humanos e da cultura da paz. Tais finalidades se articulam aos elementos da formação integral dos estudantes, na medida que fomentam a aprendizagem da convivência democrática e cidadã, princípio básico à vida em sociedade. (Brasil, 2017, p. 435)

5.2.1 Objetivo Específico (a): Identificar se há espaço e tratamento igualitário para diversas religiões na sala de aula ou resquícios do pensamento hegemônico da herança colonial

Com relação ao objetivo número 1, na visão do aluno, buscou-se verificar de forma bastante concisa, sucinto, de forma simples e rápido se na mediação das aulas que adentraram temática religiosa há oportunidade igualitária para o conhecimento das várias religiões existentes.

Figura 16*A coexistência de várias religiões nas aulas*

Nota. Fonte: dados da pesquisa elaborado pelo próprio autor (2023)

O Multiculturalismo representa um importante instrumento de luta política”. Sendo assim, o termo Multiculturalismo não surge como conceito acadêmico, mas sim, como um termo de uso político e está ligado ao engajamento, à luta política, à organização de grupos sociais para reconhecimento de suas identidades e diferenças, e toda a diferença cultural que é a marca da nossa sociedade. (Silva 2011, p. 86)

A partir desse gráfico, já começa a vislumbrar com mais clareza se os objetivos da pesquisa foram alcançados. O gráfico quatro (4) remete ao objetivo específico 1 que trata a respeito da verificação, sempre tendo o aluno como o protagonista nas respostas, identificando na visão dele, se nas aulas há oportunidades semelhantes para estudo concernente as várias religiões. 70% dos alunos responderam afirmativamente que há espaço para o conhecimento e discussão de assuntos ligados as diversas religiões existentes. Os outros 30% não enxergam com bons olhos e sentem de alguma forma que não há espaço para o debate e entendimento sobre a

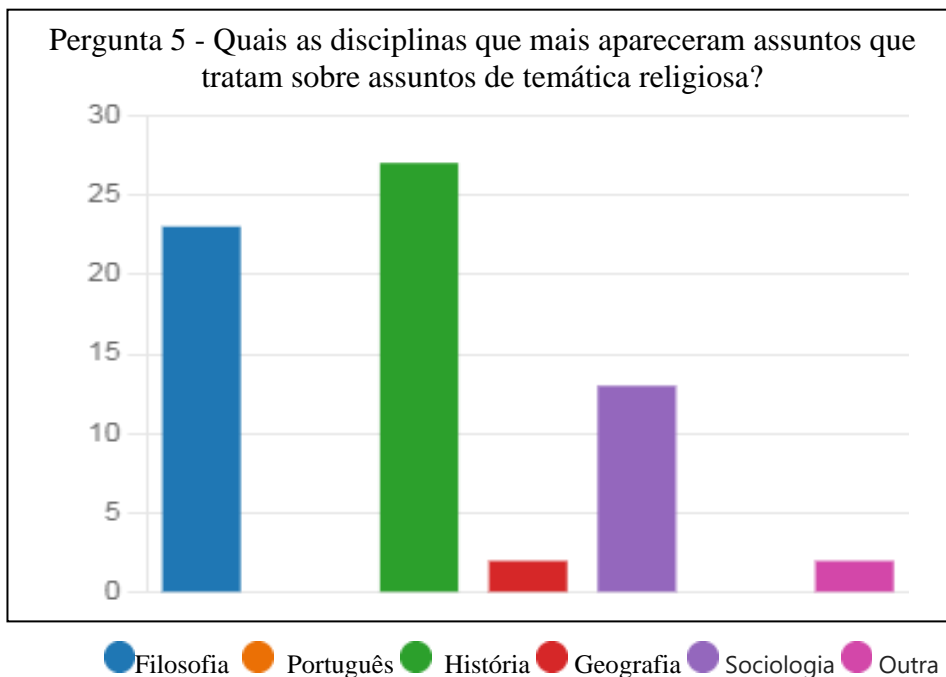
diversidade de religiões existentes. Importante frisar para grau comparativo que 71% das pessoas responderam “Sim” para esta pergunta, a maioria respondeu "Não" para a Pergunta 10 a respeito se já presenciou algum docente desrespeitar a sua religião ou crença.

Sobre o multiculturalismo Carvalho e Faustino (2016, p. 16) afirmam:

A proposta multicultural intercultural vai ao encontro dos desafios postos à educação escolar nos dias atuais que estão relacionados, especialmente, ao respeito e convivência com a diversidade (gênero, sexualidade, religião, raça, etc.). Qualquer disciplina escolar precisa, para ser bem-sucedida entre os estudantes, incorporar em seu currículo, temáticas ligadas a esta proposta.

Figura 17

As disciplinas que mais tratam da temática religiosa



Nota. Fonte: dados da pesquisa elaborado pelo próprio autor (2023)

Esse quinto gráfico é de suma importância para verificar onde há mais oportunidades de temas religiosos componentes curriculares do Ensino Médio. Verifica-se que na disciplina de

História os assuntos são mais trabalhados, seguido de Filosofia e Sociologia.

O ensino de história (e a história da historiografia) também poderia e deveria enfatizar a história como sendo um terreno a partir do qual se possa ver possibilidades diversas de realização humana, como um âmbito ideal à investigação e à produção de narrativas múltiplas em vez de narrativas unificadoras a serem evocadas, apreendidas e reproduzidas – nos termos de Laville, de modo que, assim, o ensino de história passaria da formação do “cidadão súdito” à do “cidadão participativo”, correspondendo a uma transformação da didática da história centrada no ensino para uma didática centrada no aprendizado. (Abreu & Rangel, 2015, pp. 9-10)

Verifica-se que vinte e sete (27) estudantes colocaram a disciplina de História como a que mais discute assuntos de temática religiosa, já 23 alunos apontaram a disciplina de Filosofia, 13 responderam o componente curricular de Sociologia, enquanto 2, apenas colocaram o componente de Geografia e outros 2 responderam que o assunto é mais tratado em outra disciplina. Merece destaque a disciplina de filosofia, que embora tenha apenas uma aula, semanalmente, sendo apenas, no segundo ano do Ensino Médio nas Escolas técnicas, teve o apontamento por uma grande parte da população participante.

A aula de Filosofia precisa ser vista como uma “oficina de conceitos” e nunca uma sala de museu, na qual se contemplem conceitos criados há muito tempo e que são vistos como meras curiosidades. Deve-se, sim, atuar como um meio de trabalho em que os conceitos se ofereçam como ferramentas manipuláveis, como um laboratório em que se permita e ofereça condições e meios para experiências e experimentações de acordo com os conceitos de que esse estudante se apropria. (Gallo, 2013, p.57)

Outras considerações importantes é que 41% das pessoas responderam História para esta

pergunta, a maioria respondeu "Sim" para a pergunta 9 sobre a empatia do professor quando tratam de assuntos ligados a temática religiosa na sala de aula. Dois por cento (2%) das pessoas responderam História e Filosofia para esta pergunta, a maioria respondeu "Raramente" para a Pergunta dezesseis (16), se assuntos ligados a temática religiosa aumentam a intolerância no ambiente escolar.

Trabalhar com a diversidade nas escolas é indispensável, para assegurar a igualdade sem aniquilar as diferenças. Em um país como o nosso, marcado por contraste e desigualdades de recursos, direitos e oportunidades de aprendizagem, de informação de voz ativa, a educação de qualidade para todos torna-se fundamental. (Junqueira, 2017, p. 22)

5.2.2 Objetivo Específico (b): Identificar se a temática religião tem servido para aprofundamento filosófico, haja vista a laicidade do Estado, isto é, na reflexão de elementos religiosos e não adesão, o que requer uma reflexão histórica e filosófica ampla e não confessional

Com relação ao objetivo número 2, buscou-se identificar de maneira mais aprofundada, a maneira que os temas religiosos são pautados dentro da sala de aula e se há aprofundamento ontológico, que faça necessidade para o ser, e não teológico ou confessional.

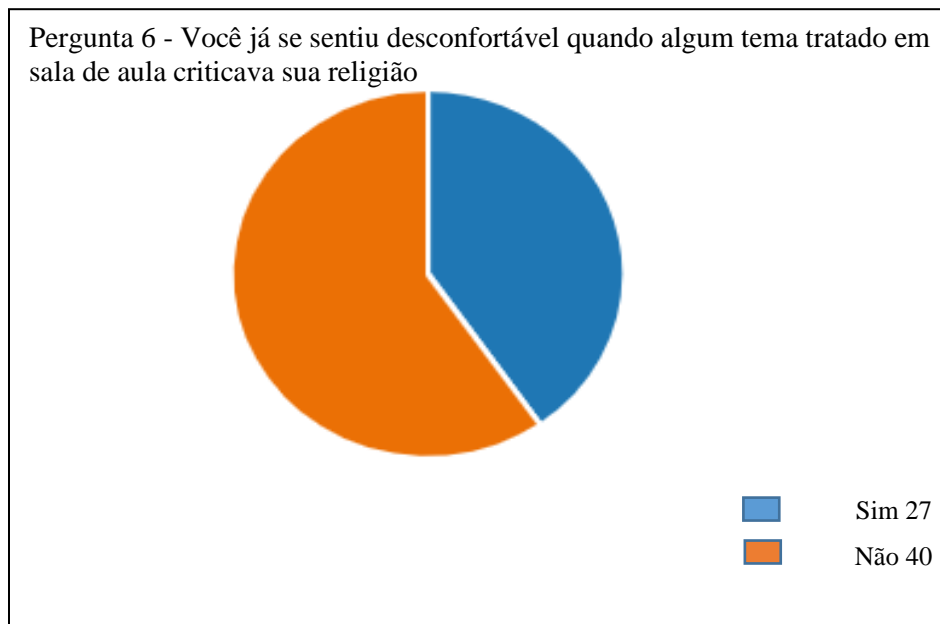
A constante busca do conhecimento das manifestações religiosas, a clareza quanto à sua própria convicção de fé, a consciência da complexidade da questão religiosa e a sensibilidade à pluralidade, são requisitos essenciais no profissional do ensino religioso. Desse profissional espera-se que esteja disponível para o diálogo e seja capaz de articulá-lo a partir de questões suscitadas no processo de aprendizagem do educando. Cabe a este educador escutar, facilitar o diálogo, ser interlocutor entre Escola e Comunidade e mediar os conflitos. O educador é alguém que naturalmente vive a reverência da alteridade e leva

em consideração que a família e comunidade religiosa são espaços privilegiados para a vivência religiosa e para a opção de fé. Assim, o educador coloca seu conhecimento e sua experiência pessoal a serviço da liberdade do educando. (Fonaper, 2009, p. 43)

Quando a temática religiosa aparece nas aulas pode gerar um clima de desconforto nos alunos, mediante a forma como pode ser transmitida ou recebida.

Figura 18

Sobre Constrangimento na sala



Nota. Fonte: dados da pesquisa elaborado pelo próprio autor (2023)

O gráfico acima mostra que a mediação de assuntos de temática religiosa tem ocasionado uma indisposição, um certo constrangimento, em algum momento, em pelo menos quarenta por cento (40%) dos estudantes.

Na atualidade, uma das maiores preocupações da educação escolar brasileira tem sido oferecer aos/às discentes um conhecimento sistematizado e uma profissionalização de qualidade que contribua para seu êxito pleno no mercado de trabalho e na vida social.

Entretanto, a grande questão que cá é se esses objetivos propostos pela educação escolar incluem em sua formação uma cultura da paz, pautada nos valores humanos, no respeito à diversidade, no perdão e amor ao próximo, ou seja, se incluem temáticas primordiais para uma educação de qualidade que prepara o ser humano para a vida, para o convívio social com o diferente. (Custódio, 2016, p. 30)

A carência de instrumentos reguladores gera tratamento desigual e as vezes tendencioso criando um clima de tensão em uma parcela significativa da sala. Em cerca de sessenta por cento (60%) dos participantes nunca se sentiram desconfortável ou pode ser que o professor soube mediar as discussões sobre essa temática. Sessenta por cento (60%) das pessoas que responderam “Não” para esta pergunta, a maioria respondeu "Sim" para a Pergunta nove (9) no que tange se os professores mostram empatia quando tratam de assuntos ligados a temática religiosa na sala de aula. Também, sessenta por cento (60%) das pessoas que responderam “Não” para esta pergunta, a maioria respondeu "Não" para a Pergunta dez (10), se já haviam presenciado algum docente desrespeitar a sua religião ou crença.

5.2.3 Objetivo Específico (c): Analisar as questões que envolverão a História Política e Religiosa da educação no Brasil e seus reflexos na sala de aula

Antes de dar continuidade às perguntas para análise do objetivo específico dois (2), analisaremos uma pergunta colocada propositalmente, no momento do questionário para chegar a um fim específico. Por isso diante de todas as etapas que se construíram o ensino no Brasil, desde da época da colonização portuguesa, com a vinda dos jesuítas e conseqüentemente a conversão ao catolicismo, nota-se no gráfico abaixo essa herança colonial, sendo que a maioria dos alunos e alunas são pertencentes a religião católica e analisando com mais critérios, apenas quinze (15) não seguem a tradição cristã. Católicos são maioria. Evangélicos tiveram um grande

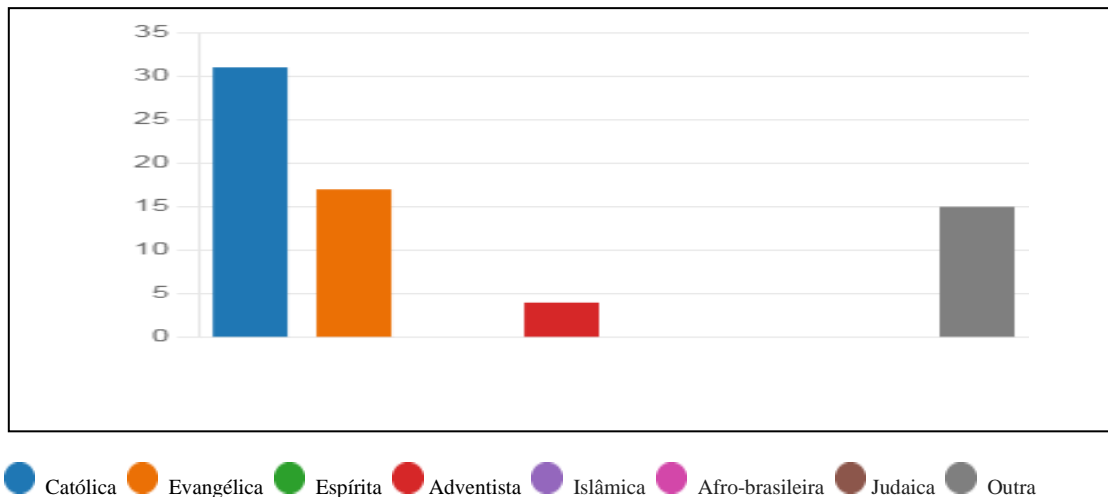
aumento de adeptos nos últimos anos, mas dificilmente passarão o número de católicos no Brasil.

Primeiro, o declínio católico terá um limite; há um núcleo sólido que não vai desaparecer, e no Brasil esse núcleo constitui mais ou menos 25% a 30% da população. Em segundo lugar, o protestantismo atualmente recebe pouco mais de uma em cada duas pessoas que abandonam o catolicismo. Em outras palavras, pelas tendências atuais, nunca haverá uma maioria protestante no Brasil. Além disso, a Igreja Católica está aprendendo (lentamente, é verdade) a competir melhor e a diversificar o seu apelo. Com isso, é difícil imaginar que a população que se declara católica caia abaixo, digamos, de uns 40%, o que colocaria um teto de mais ou menos 35% nas aspirações protestantes. (Freston, 2010, p. 24)

O Gráfico abaixo mostra o predomínio do catolicismo entre os alunos que frequentam a escola.

Figura 19

A religião do aluno



Nota. Fonte: dados da pesquisa elaborado pelo próprio autor (2023)

A análise que se faz após a interpretação dos dados é que os resquícios da época colonial são bastante fortes e vigentes na atualidade. A religião cristã que dominou o ensino até a transformação de um Estado Laico é sentida de forma clara. O que chama ainda mais atenção é

que não há nenhum participante de alguma religião afro-brasileira, sendo que a construção da identidade nacional teve como pilares a figura do europeu, indígenas e escravos vindo principalmente do continente africano. Como o Brasil recebeu um grande número de pessoas vindos da África, a tendência era que houvesse alguém ligado, membro ou simpatizante de alguma religião Afro. Revelou-se uma surpresa a análise desse gráfico. Ainda, quarenta e sete (47%) das pessoas responderam Católica para esta pergunta, a maioria respondeu "Sim" para a Pergunta nove (9), que trata se os professores mostram empatia quando tratam de assuntos ligados a temática religiosa na sala de aula.

Antes de dar continuidade ao objetivo específico número três (3), sentido, apresenta-se a seguir a tabulação de uma pergunta aberta, do questionário dos alunos, com objetivo de identificar de maneira mais abrangente o objetivo específico número dois (2), que trata de identificar se a temática religião tem servido para aprofundamento filosófico, haja vista a laicidade do Estado, isto é, na reflexão de elementos religiosos e não adesão, o que requer uma reflexão histórica e filosófica ampla e não confessional.

Na tabela 5 visualiza o objetivo específico b de identificar se a temática religião tem servido para aprofundamento filosófico, haja vista a laicidade do Estado, isto é, na reflexão de elementos religiosos e não adesão, o que requer uma reflexão histórica e filosófica ampla e não confessional, apesar do ensino no Brasil surgiu como confessional.

O ensino no Brasil nasceu confessional, se considerarmos o trabalho dos jesuítas. Existe toda uma literatura a respeito, apresentando e discutindo os métodos educacionais, os focos do trabalho, a abrangência, os sentidos e os significados. Ainda que esse seja o início da trajetória do ensino confessional, os conflitos com tal iniciativa também estiveram sempre presentes, a ponto de, em 1759, sob o domínio do Marquês de Pombal,

os jesuítas foram expulsos do país e tiveram suas propriedades confiscadas. (Castro, 2017, p. 122)

Tabela 5

Aplicabilidade da temática religiosa na sala

Pergunta 8 - Os temas religiosos na sala de aula servem para doutrinação e crítica apenas, ou para compor os conhecimentos necessários e sentido para o ser?

- P 1 Acredito que apenas pelo conhecimento
- P 2 De certa forma serve para compor conhecimentos e sentido de ser.
- P 3 para compor os conhecimentos necessários acredito eu
- P 4 Quando tive foi apenas para doutrinação. Mas uma aula que ensinasse sobre as demais religiões sem um posicionamento do "certo ou errado" seria muito interessante e acrescentaria muito aos alunos. Tanto ética, conhecimentos gerais, tolerância e respeito.
- P 5 para compor conhecimentos necessários e sentido para o ser
- P 6 um pouco dos dois, isso é inevitável
- P 7 Compor conhecimentos
- P 8 Para mim, apenas para doutrinação. Para conhecimento já existem igrejas, centros e etc.
- P 9 Para complementar o conhecimento necessário e auxiliar, no entanto, isso dependerá da forma que o educador estará abordando o assunto em questão.
- P 10 Creio que server somente em meio escolar para compor os conhecimentos necessários e sentido para o ser, além disso penso que o ensino de um cristianismo, onde não fosse específico numa religião específica na escola seria de grande valia para o amadurecimento de muitas mentes repletas de aversão ao mesmo.
- P 11 Creio que a segunda opção é mais válida.
- P 12 ambas as coisas, depende de como você aborda tal assunto

- P 13 Acredito que seja importante saímos da nossa bolha, e aprendermos também sobre outras crenças.
- P 14 Depende do contexto, há momentos adequados e inadequados
- P 15 Para compor os conhecimentos necessários e sentido para o ser
- P 16 Os professores explicavam muito bem sobre as religiões, não havia crítica alguma
- P 17 Para compor os conhecimentos necessários
- P 18 Dando sentido para o ser
- P 19 Compor conhecimentos necessários
- P 20 Segunda opção
- P 21 Compor conhecimentos necessários
- P 22 Acho que todos devem saber o que diz uma tal religião, então, para compor os conhecimentos necessários e sentido para o ser.
- P 23 Para compor
- P 24 Deveriam servir apenas para compor novos conhecimentos, mas, às vezes, se tornam críticas.
- P 25 Depende muito de quem está falando e qual o contexto, é totalmente possível agregar conhecimentos necessários para a sociedade, assim como é totalmente possível apenas criticar e invalidar.
- P 26 para compor conhecimentos
- P 27 acho que depende do contexto.
- P 28 Compor conhecimentos necessários e sentidos para o ser
- P 29 Acredito que seja para conhecimento, para descobrirmos as diversas religiões.
- P 30 Sem dúvida, uma maneira de promover a diversidade e minimizar o preconceito através do conhecimento.
- P 31 Segunda opção
- P 32 Para compor os conhecimentos necessários e também sentido para o ser

- P 33 Ao meu ver, apenas para doutrinação
- P 34 Para o conhecimento com toda certeza, a fim de saber sobre todas as religiões, e respeitá-las.
- P 35 Compor conhecimento da sua trajetória até hoje e toda a sua participação na vida humana.
- P 36 Compor os conhecimentos necessários
- P 37 Servem para compor os conhecimentos necessários.
- P 38 Serve para compor os conhecimentos necessários e sentido para o o ser
- P 39 A segunda opção
- P 40 Segunda opção
- P 41 Para compor conhecimentos a respeito do poder que as igrejas possuíam
- P 42 Quando se foi tocado em algum assunto religioso dentro de uma sala de aula que eu estava presente, sempre foi para expor um fato que ocorreu em algum momento da história, então sempre foi para compor os conhecimentos necessários.
- P 43 Para compor os conhecimentos necessários e sentido para o ser
- P 44 Acredito que servem para compor os conhecimentos necessários
- P 45 Apenas para conhecimento necessários, quando conhecemos de verdade aprendemos a respeitar
- P 46 Sim.
- P 47 para compor conhecimentos
- P 48 Sim
- P 49 Compor conhecimentos
- P 50 Concordo mais com a segunda opção, fora o fato de nos expor fatos históricos e as crenças paralelas às nossas.
- P 51 Segunda opção, conhecimentos necessários e sentido para o ser.
- P 52 Compor os conhecimentos e sentido para o ser
- P 53 Compor os conhecimentos necessários

- P 54 Compor conhecimentos
- P 55 alguns para críticas
- P 56 Para compor os conhecimentos necessários e sentido para o ser
- P 57 Para compor os conhecimentos necessários e sentido para o ser.
- P 58 Deveriam ser para o conhecimento
- P 59 Para compor os conhecimentos necessários e sentido para o ser
- P 60 Compor os conhecimentos necessários e sentido para o ser
- P 61 Doutrinação
- P 62 Eu gosto de como pode compor os conhecimentos dentro de uma aula.
- P 63 Doutrinação e crítica
- P 64 Em minha opinião, sinto que não deviam ser tratados assuntos sobre religião, ou política na sala de aula, são assuntos que geram discussões e ódio entre as pessoas
- P 65 Conhecimento, pois afinal religião é cultura. No entanto creio que cada um, professor, irá passar o seu pensamento e possivelmente doutrinar. No caso devemos ter muito cuidado na hora de colocar esses ensinamentos em prática.
- P 66 Compor os conhecimentos necessários.
- P 67 Em alguns casos haviam sim a intenção de doutrinar

Nota. Fonte: dados da pesquisa elaborado pelo próprio autor (2023)

Com o objetivo de possibilitar uma melhor compreensão dos dados foi feita, propositalmente, algumas questões abertas. A pergunta oito (8), se temas religiosos na sala de aula servem para doutrinação e crítica apenas, ou para compor os conhecimentos necessários e sentido para o ser, foi a primeira, aberta, do questionário aplicado aos alunos. A maioria dos alunos responderam que a temática religiosa quando aparecerem nas aulas servirão para compor conhecimentos, ou seja, um ensino fenomenológico. Junqueira explica de forma clara a maneira

que esse ensino deve ser:

Para tal é necessário proporcionar o conhecimento dos elementos básicos que compõem o fenômeno religioso, a partir das experiências religiosas percebidas no contexto do educando; assim como subsidiar o educando na formulação do questionamento existencial, em profundidade, para dar sua resposta devidamente informados; analisar o papel das tradições religiosas na estruturação e manutenção das diferentes culturas e manifestações socioculturais; facilitar a compreensão do significado das afirmações e verdades de fé das tradições religiosas; refletir o sentido da atitude moral como consequência do fenômeno religioso e expressão da consciência e da resposta pessoal e comunitária do ser humano; possibilitar esclarecimentos sobre o direito à diferença na construção de estruturas religiosas que têm na liberdade o seu valor inalienável.

(Junqueira & Rocha, 2017, p. 17)

Segundo o estudante P34, a temática em questão serve para “conhecimentos com toda certeza, a fim de saber sobre todas as religiões, e respeitá-las”. P66 respondeu “compor os conhecimentos necessários”. Entretanto, P4 respondeu “Quando tive foi apenas para doutrinação, mas uma aula que ensinasse sobre as demais religiões sem um posicionamento do "certo ou errado" seria muito interessante e acrescentaria muito aos alunos. Tanta ética, conhecimentos gerais, tolerância e respeito”. Seguindo esse mesmo posicionamento, P33 respondeu: “ao meu ver, apenas para doutrinação”, e P67 disse que “em alguns casos haviam sim a intenção de doutrinar”. Alguns responderam que a mediação do professor torna o assunto tanto para doutrinação como para compor conhecimentos. P12 escreveu: “ambas as coisas, depende de como você aborda tal assunto”. Para P25, “depende muito de quem está falando e qual o contexto, é totalmente possível agregar conhecimentos necessários para a sociedade, assim como

é totalmente possível apenas criticar e invalidar”. P65 respondeu da seguinte maneira:

“conhecimento, pois afinal religião é cultura. No entanto creio que cada um, professor, irá passar o seu pensamento e possivelmente doutrinar.

Crianças e adolescentes, ainda em fase de desenvolvimento de sua personalidade e autonomia, são especialmente influenciáveis por seus professores e colegas e querem sentir-se aceitos e integrados em suas turmas. A sensação de exclusão, por professarem crenças “diferentes” da maioria dos seus colegas, pode levá-los a não expressarem suas preferências religiosas, bem como produzir uma perniciosa diminuição de sua autoestima e estigmatização face à comunidade escolar. (Brasil, 2017, p. 17).

No caso devemos ter muito cuidado na hora de colocar esses ensinamentos em prática”.

Quarenta e três (43) respondentes (64%) responderam “Conhecimento” para esta pergunta.

Porém, nota-se que alguns enxergam que quando apareceu a temática sobre religião em sala de aula houve doutrinação, saindo do foco do objetivo de ensino elencado na BNCC que:

Deve visar à formação e ao desenvolvimento humano global, o que implica compreender a complexidade e a não linearidade desse desenvolvimento, rompendo com visões reducionistas que privilegiam ou a dimensão intelectual (cognitiva) ou a dimensão afetiva; [...] assumir uma visão plural, singular e integral da criança, do adolescente, do jovem e do adulto – considerando-os como sujeitos de aprendizagem – e promover uma educação voltada ao seu acolhimento, reconhecimento e desenvolvimento pleno, nas suas singularidades e diversidades. (BNCC, 2017, p. 14)

Figura 20

As palavras-chave das pesquisas selecionadas



Nota. Fonte: dados da pesquisa elaborado pelo próprio autor (2023)

Veremos a seguir o gráfico 8, voltando novamente para a análise do objetivo específico a.

Após a análise dos dados inseridos na questão aberta, voltamos nossa atenção para a verificação do espaço dedicado a discussão de diversas religiões na sala de aula. Depois de muitos debates, no Brasil, foi criada a Lei nº 10.639/2003, estabelecendo as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, ampliada pela Lei nº 11.645 de 10 de março de 2008 (Brasil, 2008). A Lei nº 11.645/08 (Brasil, 2008) assinala que:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena. § 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio

na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil. § 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras.

O gráfico abaixo mostra como religiões de tradição indígena e afro-brasileira, aparecem ou são mencionadas dentro da escola.

Os conteúdos elencados para o Ensino Religioso na BNCC valorizam o multiculturalismo e a diversidade religiosa. Destaque-se, nesse ínterim, a inserção das filosofias de vida no debate acerca das diferentes religiosidades. Percebe-se ainda que os objetivos de aprendizagem traçados priorizam o reconhecimento e a valorização da identidade do estudante, bem como sua reflexão crítica e posicionamento quanto à própria narrativa de sentido. (Santos, 2021, p.15)

Figura 21

Sobre a cultura indígena e afro-brasileira

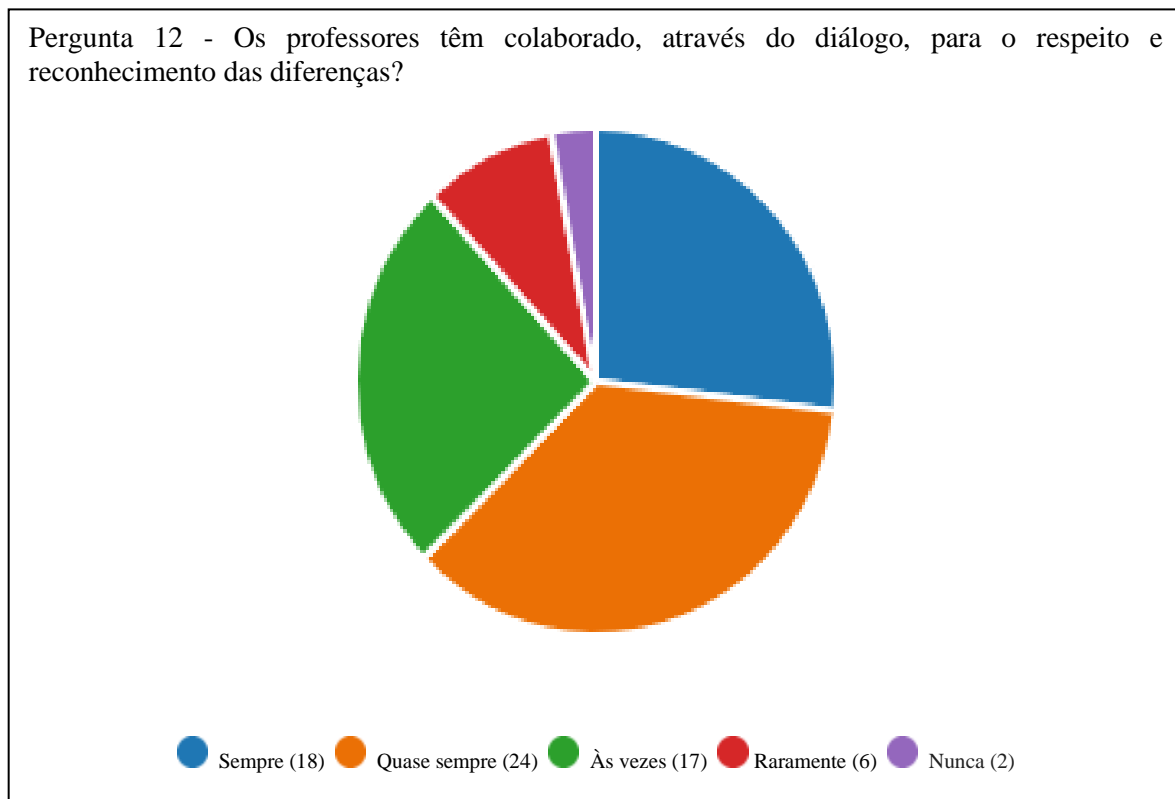


Nota. Fonte: dados da pesquisa elaborado pelo próprio autor (2023)

Ao analisar os dados inseridos, uma luz se acende diante das informações passadas, onde sessenta por cento (60%) dos alunos responderam que religiões de tradição indígena e afro-brasileira não são mencionadas em sala de aula. Para quarenta por cento (40%) dos entrevistados, são mencionados na sala de aula. Quarenta e um por cento (41%) das pessoas responderam “Sim” para esta pergunta, a maioria respondeu "Sim" para a Pergunta quatro (4), sobre se o multiculturalismo religioso, ou seja, a coexistência de várias religiões esteve presente quando tratado de assuntos sobre a temática religiosa nas aulas, mostrando uma relação correta nas respostas, pois quase a mesma porcentagem de entrevistados que relataram que o tema da pergunta onze (11) é mencionado nas aulas, equipara a mesma porcentagem daqueles que relataram que há, de certa forma, um pluralismo de temas ou assuntos de diversas religiões, ou seja, uma inter-relação de várias religiões em um mesmo ambiente. Aparentemente, quarenta e um por cento (41%) das pessoas responderam “Sim” para esta pergunta, a maioria respondeu "Não" para a Pergunta seis (6), já se sentiram desconfortáveis quando algum tema tratado em sala de aula criticava sua religião. Um dado ainda mais interessante sobre esse gráfico é que, também, quarenta e um por cento 41% das pessoas que responderam “Sim” para esta pergunta, a maioria respondeu "Católica" para a Pergunta sete (7). E, ainda, 60% das pessoas que responderam “Não” para esta pergunta, a maioria respondeu "Feminino" para a Pergunta 1.

5.2.4 Objetivo (b): Identificar se a temática religião tem servido para aprofundamento filosófico

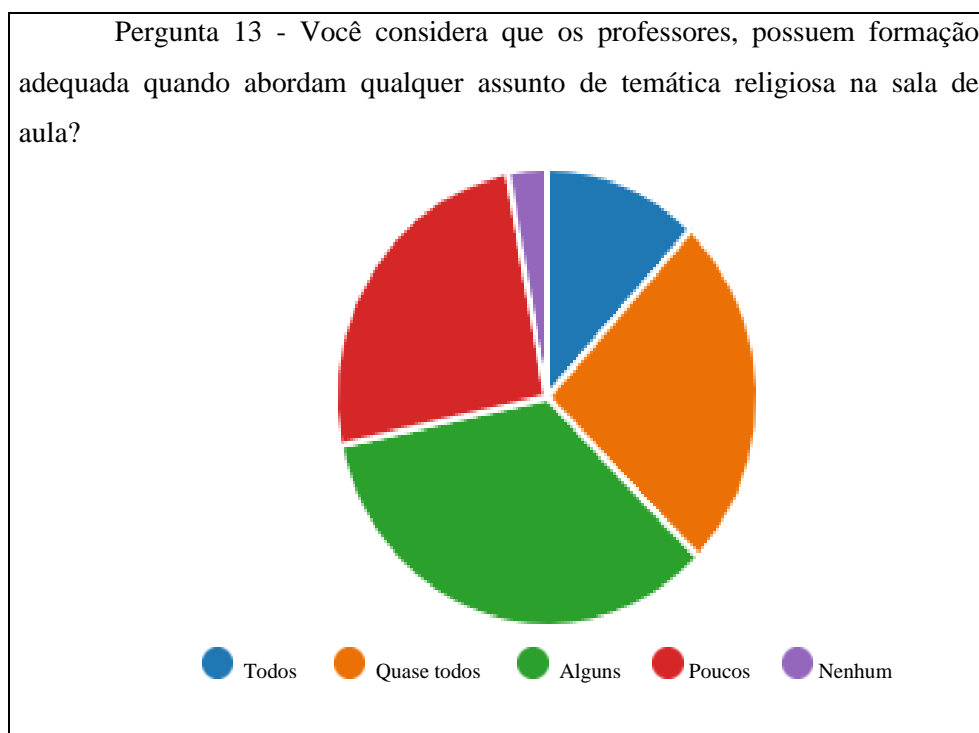
Nos próximos quatro gráficos, encerraremos a análise do objetivo específico 2 que tratou de analisar ou identificar se a temática religião tem servido para aprofundamento filosófico, haja vista a laicidade do Estado, isto é, na reflexão de elementos religiosos e não adesão, o que requer uma reflexão histórica e filosófica ampla e não confessional.

Figura 22*A atuação do docente na sala*

Nota. Fonte: dados da pesquisa elaborado pelo próprio autor (2023)

O gráfico acima refere-se a postura do professor, enquanto educador, para dirimir as possíveis diferenças que existem na sala de aula no tocante as diferenças religiosas.

Dezoito (18) alunos, correspondente a vinte e sete por cento (27%) da população da pesquisa, afirmaram que sempre os professores têm colaborado, através do diálogo, para o respeito e reconhecimento das diferenças no tocante a religião e religiosidade. Outros vinte e quatro (24) participantes, correspondente a trinta e seis (36%) por cento responderam que quase sempre. Uma fatia grande de participantes, correspondente a vinte e cinco por cento (25%) responderam “às vezes”. Apenas seis (6) participantes responderam “raramente” e dois (2), colocaram “nunca”.

Figura 23*A formação dos professores*

Nota. Fonte: dados da pesquisa elaborado pelo próprio autor (2023)

Na visão do aluno, quando perguntado sobre se os professores, possuem formação adequada quando abordam qualquer assunto de temática religiosa na sala de aula, num universo de sessenta e sete participantes, apenas oito (8), responderam que todos os professores são capacitados para tratar de assuntos de cunho religioso na sala. Dezesete (17), participantes, colocaram que quase todos possuem formação adequada sobre assuntos que ligam a religião, o que representa, no gráfico, vinte e cinco por cento (25%). Nota-se que aqueles que escolheram as opções “alguns ou poucos”, são maioria, somando um número de quarenta participantes, ou seja, cinquenta e nove (59%) por cento dos entrevistados através do questionário. Apenas dois (2), participantes responderam que os professores não possuem formação adequada quando abordam qualquer assunto de temática religiosa na sala de aula.

Se toda experiência social produz conhecimento uma das funções do tempo de escola será educar a sensibilidade dos (das) educadores (as) e dos (das) educandos (as) ao longo do percurso de formação para captar e conhecer a rica pluralidade de experiências sociais que tornam dinâmica e tensa a sociedade. Mostrar as relações sociais, políticas, culturais em que essa riqueza de experiências vai conformando nossa história. Em que se enreda a história dos (das) educadores (as) e dos (das) educandos (as) e as experiências individuais e coletivas que marcam suas experiências. (Arroyo, 2013. p. 124)

Tabela 6

A prática pedagogia que respeita as diferenças na sala de aula

Pergunta 14: Como construir uma prática pedagógica respeitosa, não proselitista, que respeite as diferenças religiosas no ambiente escolar?

- P 1 Não falando o que não sabe de uma religião
- P 2 O ideal seria a presença de mais de um professor, por conta de ser complicado apenas um abordar sobre todos de maneira igual, sempre haverá uma crença que será mais relevante de acordo com a pessoa
- P 3 Através do diálogo respeitoso, não um falar sobre os defeitos que a outra religião tem, mas sim expor as diferenças como forma de abranger o conhecimento. Não podemos apenas ficar presos em nossa Bolha Social, onde quem faz parte dela são só aqueles que pensam, agem, falam igual a você
- P 4 Mostrando e não impondo
- P 5 Primeiro preparar todos os professores para isso, ainda vejo muitos que agindo com pouco conhecimento ou preconceito, sarro de algumas religiões pouco conhecidas.
- P 6 Não faço a menor ideia
- P 7 Não sei responder
- P 8 Na minha opinião, como o estado é laico e existem diversas religiões

espalhadas por ele, o ambiente escolar não é lugar para ser abordado o tema de nem um tipo de religião, até porque não tem como ensinar sobre todas elas.

P 9 Abordando todos os tipos de crenças religiosas, sem exceção e semeando, no ambiente estudantil, a igualdade entre todos, fortalecendo as igualdades e não as diferenças. Por exemplo: os santos, que são cultuados em algumas religiões, mas em não. Deve-se procurar encontrar uma semelhança que supere a diferença encontrada e faça-os entender que apesar dessas diferenças, existem semelhanças maiores ainda.

P 10 Bom... se for aulas conhecendo todas as religiões tais com islamismo, budismo, cristianismo, tem se que demonstrar como funciona todas as religiões, talvez seus aspectos físicos e doutriniais, onde começaram e como estão atualmente, perguntar aos jovens seus pontos de vista, não gerar debates, mais sim troca de experiências, demonstrar a importância de se estar ligado a uma religião, buscar didáticas, estudar tais religiões com afinco, pois essas sem um pente fino são apenas coisas que jovens acham chatas.

P 11 Acredito que tratando todas religiões da mesma forma e buscando conhecimento sobre elas.

P 12 Sinceramente, eu não sei. É um assunto extremamente delicado de se lidar.

P 13 Expondo todos os tipos de religião que existem, com o intuito de fazer com que o aluno perca preconceitos construídos a partir da ignorância e evitando ao máximo a "catequização" dentro da sala de aula, para que o aluno seja livre para ter a sua fé

P 14 Falando sobre religião na construção dos indivíduos, dentro da matéria de sociologia por exemplo, sobre a diversidade de crenças e o respeito que deve existir sobre a escolha de cada um.

P 15 Com mais informações e diálogos sobre todas as religiões, tirando o tabu e o preconceito de muitas

P 16 Primeiramente, acho que precisamos de pessoas confiáveis

P 17 Temos que estudar absolutamente todas as religiões e nunca nos esquecermos só da nossa, vivemos em uma sociedade onde a intolerância religiosa é enorme. O respeito e o conhecimento devem vir acima de tudo.

P 18 Dando espaço para que todos se expressem.

- P 19 Quando falado em sala de aula sobre religião tratar como conhecimento necessário para a matéria
- P 20 Não sei responder
- P 21 Se falar somente das histórias de cada religião
- P 22 Todas religiões possuem história, então nunca vai ser demais cada um aprender sobre a religião do colega antes de julgar e não querer saber nada. Os professores devem sempre colocar acima o respeito e ensinar como uma matéria comum sem querer "cutucar" alguns alunos, e isso serve também aos alunos, respeitar sempre o que um colega acredita e professa.
- P 23 Entendendo que existe várias religiões, não só a sua!
- P 24 Inserir os professores num estudo aprofundado da área religiosa, durante sua licenciatura.
- P 25 Pra mim a religião de cada um é algo extremamente pessoal e não uma questão que é de extrema importância nesse tipo de ambiente, mas caso achem necessário, falando mais sobre todas as religiões presentes no país e até mesmo no mundo, mas por pessoas que realmente entendem do assunto.
- P 26 É difícil, mas pra tudo na vida dá um jeito
- P 27 Apenas ensinar e incentivar sobre seja o suficiente, o resto acredito depender dos alunos
- P 28 Creio que apenas respeitando as religiões diferentes já seja o bastante para isso.
- P 29 Abordando as mais diversas religiões, como forma de mostrar que a religião é uma expressão cultural como qualquer outra e não uma ferramenta de convencimento.
- P 30 Através da empatia com todos e que apresente as religiões, como forma de diminuir o preconceito
- P 31 Não quis responder essa pergunta
- P 32 Integrando no modelo de educação mais a respeito das diversas Religiões e Ideologias com respeito, através de atividades dinâmicas, considerando todas.
- P 33 Acho que informar sobre outras religiões não apenas a cristã

- P 34 Ensinando, e com todo respeito.
- P 35 Não criticar ou doutrinar uma religião, mostrar que todas as religiões são importantes em especial para aqueles que creem em alguma, dessa forma todos se sentem acolhidos.
- P 36 Não quis responder essa pergunta
- P 37 Acho que estudando, nem que seja superficialmente, algumas religiões e seus modos. Por que além de reforçar para alguns alunos e administrar bem a explicação (mostrando que se tem conhecimento sobre o que você está falando) você poderá ajudar alguns alunos que se sentem "perdidos" no assunto religião.
- P 38 Uma situação que considero muito complexa que exige muito conhecimento e tempo
- P 39 Com empatia e respeito com a religião alheia, visando assim o conhecimento e não ofensas (dizendo que religião X é melhor que Y).
- P 40 Falando de todas as religiões de forma igual
- P 41 Acredito que vai de cada um demonstrar seu respeito a outra religião
- P 42 Na minha opinião, uma em que abranja todas e não trate de nenhuma como superior
- P 43 Tendo apenas aula para isso
- P 44 Tomando cuidado com o que se fala, para não ofender a religião de ninguém
- P 45 Não quis responder essa pergunta
- P 46 Respeitando a todos
- P 47 Abrangendo todas as religiões
- P 48 Não soube responder
- P 49 Não quis responder essa pergunta
- P 50 Da mesma forma como em redações, por exemplo. Jamais usar a sua fé ou crença como argumento para diminuir a do próximo, sempre manter um "eu lírico".
- P 51 Uma opção é a comunicação aberta entre professores e estudantes. Se há diferenças culturais na sala, é melhor falar sobre elas

- P 52 Acho bem difícil, pois pela grande variedade de religiões, é bem possível acabar ensino algo contrário as suas doutrinas.
- P 53 Não soube responder
- P 54 Não soube responder
- P 55 Respeitando e entendendo cada um.
- P 56 Neste sentido é essencial compreendermos que os profissionais da educação da atualidade e, em especial o professor, necessitam de um engajamento profissional e pessoal diferente daquele que se tinha e bastava há alguns anos atrás. Educar é difícil, é trabalhoso, exige dedicação, sobretudo aos que mais necessitam.
- P 57 Respeitando as diferenças, aberto para ouvir outras opiniões divergentes da sua em relação a isso.
- P 58 Colocando uma pessoa que não siga/pratique nenhuma religião porém que entenda sobre o assunto
- P 59 Alguns deveriam parar de colocar sua religião como a melhor de todas, por que pessoas ficam ofendidas e independente da religião Deus é 1 só
- P 60 Trabalhando de forma em equidade, onde todas as opiniões podem ser validadas e levadas a respeito. Não sobrepondo alguma crença pessoal aos outros alunos
- P 61 Não falar sobre religião.
- P 62 Não é como construir, mas sim como agir.
- P 63 Deixando de lado a ignorância.
- P 64 Talvez um trabalho, um grupo de 6 pessoas, escolhe uma religião, e fala sobre ela
- P 65 Com um professor que não participe de nenhuma religião ensinada.
- P 66 Permitindo que cada indivíduo exponha sua opinião.
- P 67 Com os professores tendo mais formação sobre o assunto para falar sobre o tema.

Nota. Fonte: dados da pesquisa elaborado pelo próprio autor (2023)

A palavra que mais apareceu nessa pergunta foi “respeito”. Destaco a resposta do P22 que escreveu: “Todas as religiões possuem história, então nunca vai ser demais cada um aprender sobre a religião do colega antes de julgar e não querer saber nada. Os professores devem sempre colocar acima o respeito e ensinar como uma matéria comum sem querer "cutucar" alguns alunos, e isso serve também aos alunos, respeitar sempre o que um colega acredita e professa”. P56 escreveu: Neste sentido é essencial compreendermos que os profissionais da educação da atualidade e, em especial o professor, necessitam de um engajamento profissional e pessoal diferente daquele que se tinha e bastava há alguns anos atrás. Educar é difícil, é trabalhoso, exige dedicação, sobretudo aos que mais necessitam. Respeito, professor, pessoa e conhecimento, foram as palavras mais utilizadas nessa pergunta sobre como construir uma prática pedagógica respeitosa, não proselitista, que respeite as diferenças religiosas no ambiente escolar.

É preciso lembrar sempre que a intolerância religiosa se expressa em pequenos conflitos cotidianos, quando se desqualifica pessoas por não pensarem do mesmo modo de quem as desqualifica; ou quando se destroem locais de culto ou símbolos de religiões consideradas adversárias, inimigas, incorretas. Pior ainda quando o indivíduo se arroga o direito de qualificar a crença alheia de forma depreciativa se valendo de uma terminologia autoritária, como por exemplo, seita, pagão, não cristão, sem Deus. (Gabatz, 2012, p.63)

Figura 24

As palavras-chave das pesquisas selecionadas



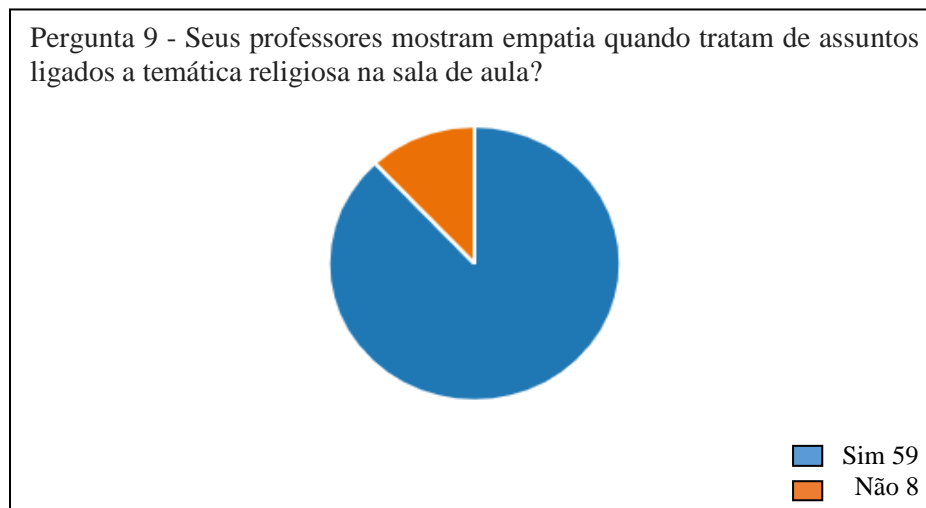
Nota. Fonte: dados da pesquisa elaborado pelo próprio autor (2023)

5.2.5 Objetivo específico (c)

Para o encerramento da pesquisa, após a análise dos dados inseridos na questão aberta, voltamos nossa atenção para a verificação e análise dos dados referentes ao bloco de perguntas elencados no objetivo específico três (3). Nesse ponto, trataremos de verificar os reflexos na sala de aula na maneira que o docente media o assunto.

Figura 25

Sobre a empatia dos professores

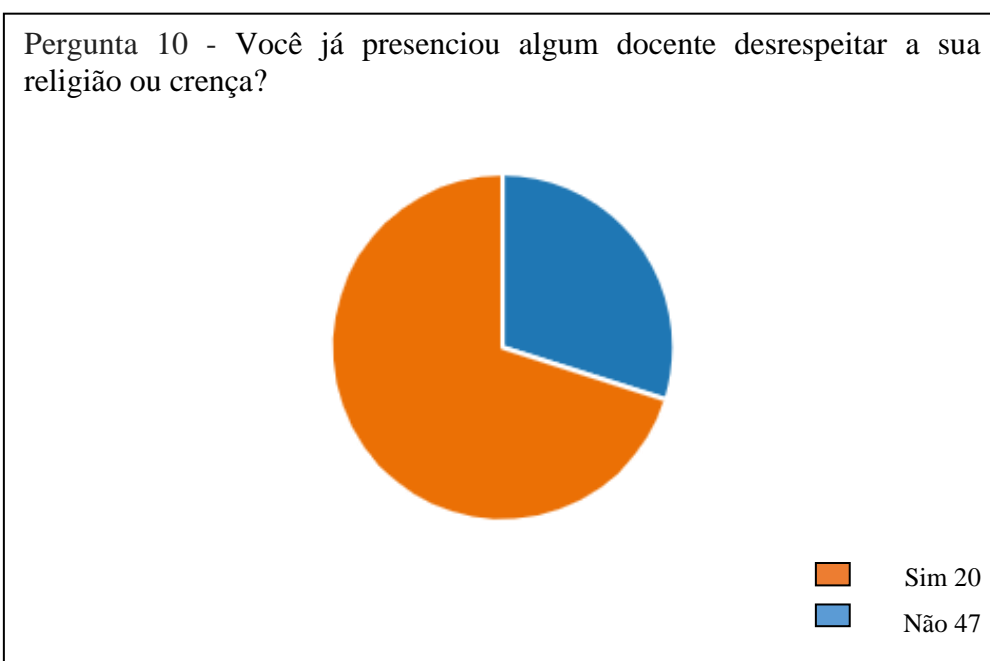


Nota. Fonte: dados da pesquisa elaborado pelo próprio autor (2023)

Analisando os dados inseridos, oitenta e oito por cento (88%) dos participantes da pesquisa acredita que os professores se colocam no lugar do outro quando tocam em algum assunto de temática religiosa. Para doze por cento (12%) dos participantes, os professores não têm capacidade de perceber e interpretar as emoções de terceiros ao se imaginar no lugar deles.

Figura 26

O desrespeito na sala por parte do docente



Nota. Fonte: dados da pesquisa elaborado pelo próprio autor (2023)

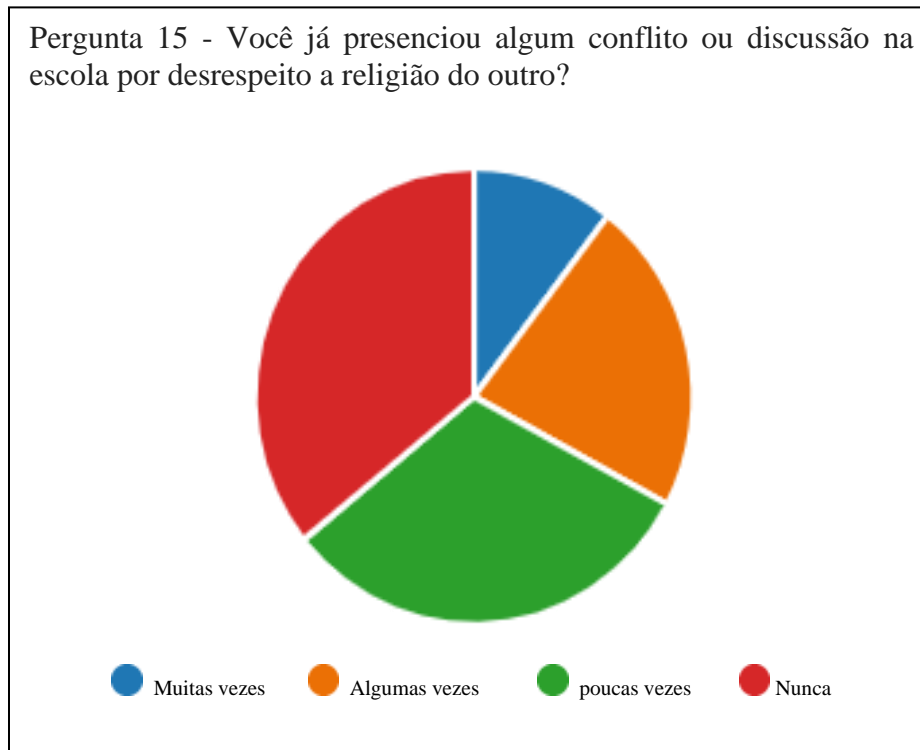
Ao analisar os dados inseridos pelos participantes é visível que ainda é sentida, por parte de alguns, que existe desrespeito e preconceito com a religião do outro.

Com tanta informação disponível, o importante para educar é encontrar a ponte motivadora para que o aluno desperte e saia do estado passivo, de espectador. Aprender hoje é buscar, comparar, pesquisar, produzir, comunicar. Só a aprendizagem viva e motivadora ajuda a progredir. (Moran, 2015, p. 34)

Este gráfico acima demonstra que em algum momento o pensamento de Moran tem sido deixado de lado. Trinta por cento (30%) dos participantes já presenciaram algum professor agir de forma não habitual, esquecendo-se de seu papel na educação e colocando uma marca negativa nesses participantes, pela forma que abordou algum assunto de natureza religiosa na sala. Para setenta por cento (70%) dos entrevistados, isso nunca ocorreu.

Figura 27

Conflitos e discussões na escola



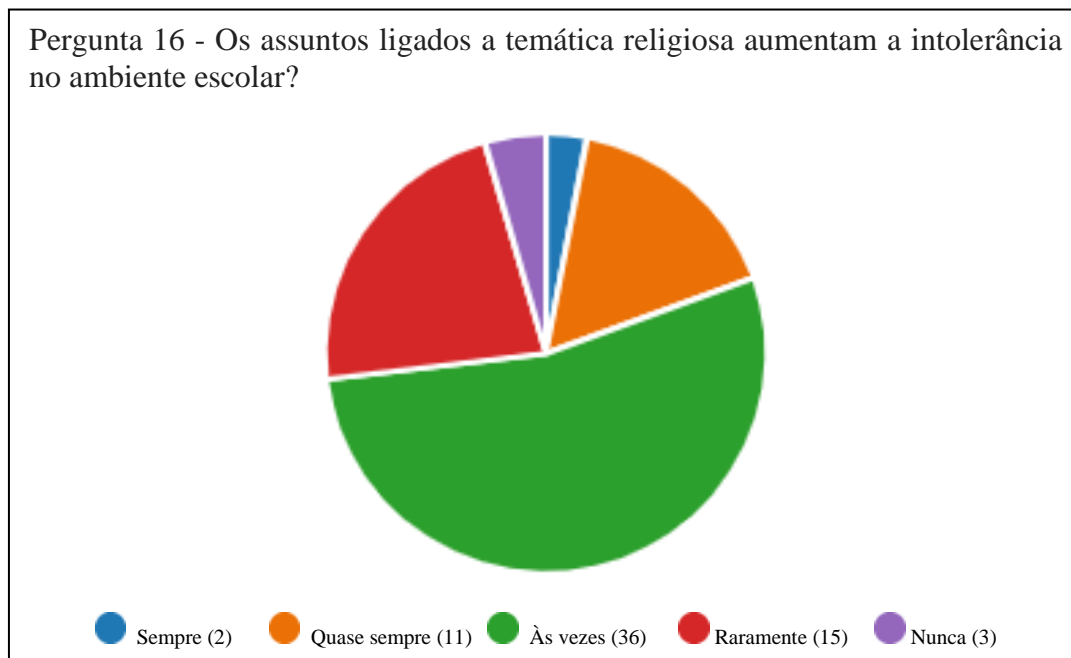
Nota. Fonte: dados da pesquisa elaborado pelo próprio autor (2023)

Em relação à pergunta sobre se já presenciou algum conflito ou discussão na escola por desrespeito a religião do outro, sete (7) participantes, correspondente a dez por cento (11%), disseram que sim, eles já presenciaram “muitas vezes” algum tipo de conflito ou discussão. Quinze participantes, que correspondem a vinte e dois por cento (22%) anotaram “algumas

vezes”. Vinte e um (21) participantes, que corresponde a trinta e um por cento (31%) do gráfico acima, responderam “poucas vezes”, e vinte e quatro (24), que corresponde a trinta e seis por cento (36%) colocaram que nunca viram qualquer conflito ligado a diferenças religiosas. Trinta e seis por cento (36%) das pessoas que responderam “Nunca” para esta pergunta, a maioria respondeu "Sim" para a Pergunta 9 que trata sobre se os professores mostram empatia quando tratam de assuntos ligados a temática religiosa na sala de aula. A maioria desses trinta e seis por cento (36%) responderam "Não" para a pergunta dez (10), se já presenciaram algum docente desrespeitar a sua religião ou crença. Todavia, nota-se que a porcentagem de participantes que já presenciaram algum conflito ou discussão na escola por desrespeito a religião do outro, é de sessenta e quatro por cento (64%).

Figura 28

A intolerância religiosa no ambiente escolar



Nota. Fonte: dados da pesquisa elaborado pelo próprio autor (2023)

Fazendo uma análise dos dados obtidos através da pesquisa sobre o aumento ou não da intolerância religiosa na escola no tocante a assuntos debatidos em sala na temática religiosa, percebe-se que para os participantes da pesquisa, apenas três por cento (3%), responderam que não aumentam a intolerância e vinte e dois por cento (22%) escreveram “raramente”. Geralmente as religiões de afro e tradição indígenas são aquelas que ainda sofrem com discriminação.

O preconceito, a discriminação, a intolerância e, no caso das tradições culturais e religiosas de origem africana, o racismo se caracterizam pelas formas perversas de julgamentos que estigmatizam um grupo e exaltam outro, valorizam e conferem prestígio e hegemonia a um determinado “eu” em detrimento de “outrem”, sustentados pela ignorância, pelo moralismo, pelo conservadorismo e, atualmente, pelo poder político – os quais culminam em ações prejudiciais e até certo ponto criminosas contra um grupo de pessoas com uma crença considerada não hegemônica. No cerne da noção de intolerância religiosa, está a necessidade de estigmatizar para fazer oposição entre o que é normal, regular, padrão, e o que é anormal, irregular, não padrão. Estigmatizar é um exercício de poder sobre o outro. Estigmatiza-se para excluir, segregar, apagar, silenciar e apartar do grupo considerado normal e de prestígio. (Nogueira, 2020, p. 19)

A maioria dos entrevistados responderam que os assuntos ligados a temática religiosa acabam causando o aumento da intolerância na escola. Cinquenta e quatro por cento (54%) disseram que as vezes contribui para a intolerância, outros dezesseis (16%) por cento assinaram que “quase sempre” e três por cento (3%), que correspondente a dois participantes, marcaram que sempre os assuntos ligados a temática religiosa aumentam a intolerância no ambiente escolar.

Tabela 7

A pedagogia jesuítica e sua presença em sala de aula

Pergunta 17: A pedagogia imposta pelos jesuítas no Brasil colonial, tendo o catolicismo como religião predominante, ainda é sentida na sala de aula?

P1 É falado na aula de uma forma boa e ciente

P2 Não

P3 sim

P4 Não

P5 Às vezes, pois sempre que tocamos no assunto religião é a primeira a ser comentada/discutida.

P6 Com total certeza

P7 Não respondeu

P8 Poucas vezes, mas sim.

P9 Em raras ocasiões, sim. Porém, provavelmente isso seja resultado de anos de represálias e imposição do ensino católico às crianças nascidas no início ou meio do século passado. Talvez isso possa ser visto como um aspecto cultural estruturado na educação religiosa.

P10 Bom... sou católico então estudo muito minha igreja, sendo assim já tenho conhecimento das catequeses, mas não sinto essa predominância no ambiente escolar.

P11 Acredito que não, o ambiente escolar para mim sempre pareceu

um lugar laico.

P12 Sim, bastante.

P13 O cristianismo é predominante no Brasil, por isso metade da sala é católica. Essa maioria com certeza é uma herança da catequização indígena, que nada tem a ver com o que é falado em sala de aula

P14 Como no Brasil a religião católica é a maior, ela aparece mais vezes na história e formação do país.

P15 Com certeza

P16 Sim

P17 O catolicismo antigo é citado nas aulas, com as torturas, assassinatos etc.

P18 Sim

P19 Sim

P20 Não respondeu

P21 Não

P22 Infelizmente alguns ainda insistem que esta é a única religião cabível.

P23 Creio que o catolicismo só nem tanto, mas a Cristã sim (católicos, evangélicos...)

P24 Sim, a maioria dos professores que tive aula, claramente, mantinham uma posição favorável ao catolicismo.

- P25 Em alguns lugares sim
- P26 Nos dias de hoje, não, mas antigamente sim
- P27 Não
- P28 Creio que não, mas dada a diversidade de religiões diferentes que existem dentre os alunos
- P29 Sim!
- P30 Não. A escola que frequento se preocupa em mostrar a importância do relativismo cultural, diferente dos jesuítas, que pretendiam catequizar os seus alunos
- P31 Não respondeu
- P32 Acredito que não!
- P33 Sim, as vezes infelizmente
- P34 Não.
- P35 Não.
- P36 Sim
- P37 Um pouco, mas nos dias atuais isso está sendo mudado.
- P38 Sim
- P39 Sim.

- P40 Sim, geralmente a maioria é católica
- P41 Sim
- P42 Ao meu ver, não mais
- P43 Sim
- P44 Em alguns momentos
- P45 Sim
- P46 Sim
- P47 Não
- P48 Sim
- P49 Não respondeu
- P50 Querendo ou não, sim. Pois pode-se ver em alguns casos preconceito, discretos e cochichados, mas ainda existem.
- P51 Talvez por alguns, particularmente não
- P52 Sim
- P53 Não
- P54 Não sei informar
- P55 Sim.

- P56 Nem sempre
- P57 Como forma de estudos e conhecimento de nossa história sim.
- P58 Sim
- P59 Um pouco sim
- P60 Sim
- P61 Sim
- P62 É meio que óbvio, mesmo você não seguindo tal religião todos conhecemos sobre
- P63 Quase sempre.
- P64 Sim
- P65 Claro, temos uma população predominantemente cristã, no caso não tem como não ser sentida, faz parte da cultura da maioria do povo brasileiro.
- P66 Não.
- P67 Em partes

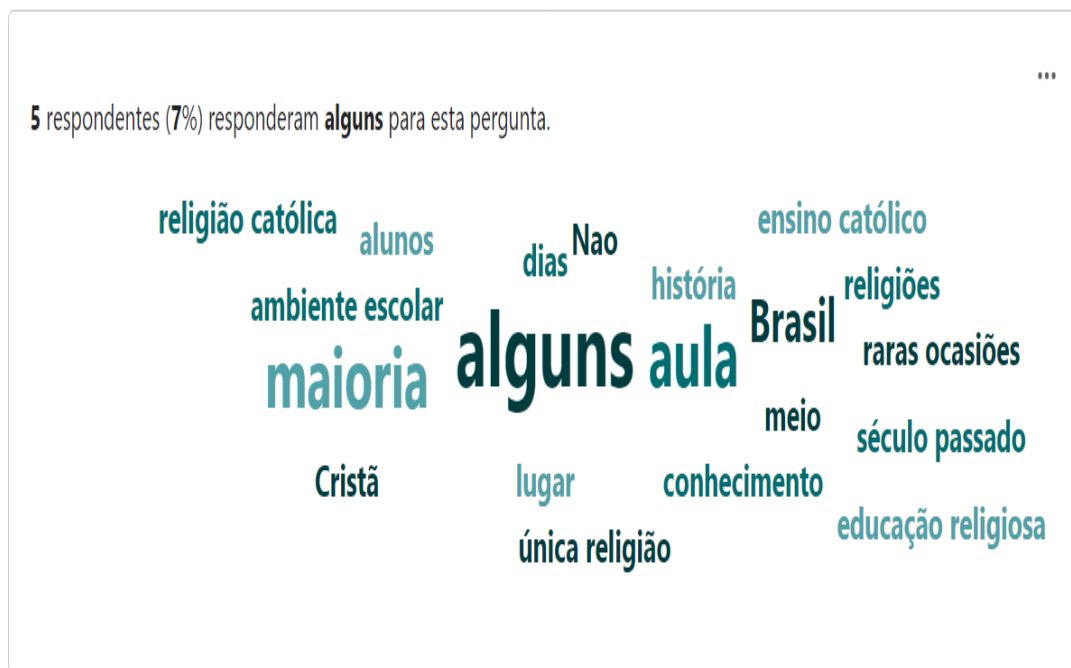
Nota. Fonte: dados da pesquisa elaborado pelo próprio autor (2023)

Analisando a terceira tabela percebe-se que a herança pedagógica jesuítica ainda permanece de forma clara em nossos dias. P 24 respondeu da seguinte maneira: "Sim, a maioria dos professores que tive aula, claramente, mantinham uma posição favorável ao catolicismo". Para vinte e oito (28) participantes da pesquisa a herança colonial trazida pela companhia de Jesus, idealizado por Ignácio de Loyola, a partir de 1534, com a chegada dos chamados soldados

de Cristo, a presença de uma pedagogia tendenciosa é bastante marcante na sala de aula. Cerca de catorze (14) participantes responderam que essa herança colonial não é mais sentida no ambiente escolar. P30 respondeu da seguinte forma: “Não. A escola que frequento se preocupa em mostrar a importância do relativismo cultural, diferente dos jesuítas, que pretendiam catequizar os seus alunos”. Para o restante dos entrevistados, que corresponde a vinte e cinco (25) participantes, a pedagogia imposta pelos jesuítas no Brasil colonial, tendo o catolicismo como religião predominante, é as vezes ou raramente sentida na sala de aula. P9 concluiu: “Em raras ocasiões, sim. Porém, provavelmente isso seja resultado de anos de represálias e imposição do ensino católico às crianças nascidas no início ou meio do século passado. Talvez isso possa ser visto como um aspecto cultural estruturado na educação religiosa”.

Figura 3

As palavras-chave da pergunta selecionada



Nota. Fonte: dados da pesquisa elaborado pelo próprio autor (2023)

Conclusão

Apresentaremos nesse capítulo, a conclusão deste trabalho investigativo, que teve como tema: “Educação e Religião: O impacto da temática religiosa na percepção dos alunos e alunas do terceiro ano do ensino médio na Escola Técnica Estadual Dr. Celso Charuri”. A dissertação apresentou como **objetivo geral** analisar o impacto da temática religiosa na sala de aula na perspectiva do aluno, durante a conclusão do Ensino Médio, e sua percepção sobre como tem sido trabalhado assuntos que abordam a religião.

Buscou-se nessa pesquisa, verificar o posicionamento do receptor, ou seja, do discente, sendo e atuando como protagonista e suas impressões em sala de aula, da ETEC Dr. Celso Charuri, localizada no município de Capão Bonito – SP. Todas as informações foram retiradas do questionário aplicado aos participantes, seja por via material impresso, ou através do *Forms*. Em primeiro momento foram distribuídos aos alunos o questionário impresso. Num segundo momento, os participantes foram direcionados a sala de informática para acessarem a conta institucional e responderem via *Forms*, o mesmo questionário, através de *link* disponibilizado. Apenas repassaram as respostas do material impresso.

Ao analisar os dados retirados do **objetivo específico (a)**, identificar se há espaço e tratamento igualitário para diversas religiões na sala de aula, ou a permanência da herança colonial, observou, nas questões que pertencem a esse objetivo, as perguntas quatro, cinco e onze, que ainda não há espaço para um debate aprofundado para diversas religiões. Quando perguntado sobre uma religião específica na questão onze, verificou que para sessenta por cento dos entrevistados, não existe esse espaço, não há tratamento igualitário, mesmo com Leis que regulamentam nesse quesito. Religiões citadas no questionário, como indígena e afro brasileira, que fazem parte do conjunto da formação do Estado Nacional e, também, da nação brasileira,

que fazem parte do conjunto da formação do Estado Nacional e, também, da nação brasileira, não é dado o mesmo grau de importância na sala de aula como o catolicismo por exemplo.

Verificou-se, ainda no objetivo específico (a), que temas ligados as religiões, no ensino médio, aparecem com maior impacto no componente curricular de História, seguido da disciplina de Filosofia. O espaço escolar por ser considerado um local muito amplo e propício para debates de temas polêmicos, principalmente com assuntos ligados a religião. Entre essas duas disciplinas, destacamos a Filosofia, que apesar de ter um número muito pouco de aula no currículo do Ensino Médio, foi escolhida disciplina que mais tratam sobre temas ligados a religião. A Filosofia não segue a linha habitual das ciências exatas que se fundam na experimentação e observação, todavia no pensamento reflexivo. Essa disciplina também se ocupa do entendimento e relacionamento de conceitos que fazemos uso no cotidiano sem que refletíssemos sobre eles, aprofundando a nossa percepção de mundo, das pessoas e de si próprio. Pode ser um processo árduo para os docentes, mas muito proveitoso de resultados impressionantes.

A Filosofia na escola média não é uma disciplina especial. É apenas mais uma no currículo e deve compor com as demais certas positivities curriculares. Entretanto, seu trabalho com conceitos fundadores e o questionamento da manutenção dos valores vigentes joga, fatalmente, a Filosofia na negatividade, no sentido de não aceitar como óbvias e evidentes as ideias, os fatos, as situações, os valores e os comportamentos de nossa existência sem investigação prévia. Essa negatividade da Filosofia pode ser usada no sentido de reafirmar sua positividade mediante as exigências atuais do mercado, mas ainda assim promoverá confronto e instabilidade – esse modo de ser da Filosofia angaria adversários, dentro e fora das instâncias decisórias da política educacional”.

O ensino nas aulas de Filosofia poderá acarretar dentro do espaço escolar uma maior

compreensão e leitura de mundo que vai além do nosso pensamento, seguindo para o entendimento de outros pensamentos que não são os nossos, tentando compreender situações e conflitos que fogem da nossa razão.

O trabalho com o texto clássico de Filosofia exige uso de mediações didático-pedagógicas, a fim de que ocorra uma aprendizagem significativa dos conceitos filosóficos.

Entendemos que o uso do mapa conceitual permite que o texto seja lido, compreendido e apropriado pelos alunos do Ensino Médio. O trabalho com esta técnica permite focar a aprendizagem de conceitos, mas para isso, é importante que sejam construídos colaborativamente pelos alunos sob a mediação do professor. É no processo de construção coletiva que os alunos poderão discutir a relevância dos conceitos que devem ser incluídos no mapa e como devem ser ordenados. Neste processo, devem discutir também quais termos de ligação são relevantes para realizar a conexão dos conceitos. Neste processo, os alunos começam a perceber que os conceitos são elementos importantes na construção do conhecimento filosófico. Assim, os materiais produzidos são tomados como um conjunto de documentos que acabam por constituir um dossiê do processo de aprendizagem. (Mendes; Rezende, 2017, p.40)

A Filosofia passou, nos últimos anos, a ter uma ascensão na educação brasileira. Através dela poderá ser aberto um leque de discussão concernente às religiões e sua tolerância, no qual o estudante poderá conhecer e refletir sobre diversas manifestações do fenômeno religioso que causa intolerância. Nota-se que o primeiro objetivo específico, diante das respostas, foi alcançado.

Neste sentido, mediante aos dados coletados, ficou explícito que a herança colonial é sentida pelos discentes, e não há espaço igualitário nas aulas quando assunto de temática

religiosa aparece ou é abordado pelo professor.

Com relação ao **objetivo específico (b)** sobre: identificar se a temática religião tem servido para aprofundamento filosófico, haja vista a laicidade do Estado, isto é, na reflexão de elementos religiosos e não adesão, o que requer uma reflexão histórica e filosófica ampla e não confessional, levando em consideração os dados coletados, conclui-se que, mesmo com a colaboração do professor, na tentativa de se construir um diálogo saudável, a temática religião ainda precisa construir um caminho que leve e sirva para aprofundamento filosófico, pois mesmo com um ensino aparentemente laico, em alguns momentos tem se deixado de ser para reflexão histórica e filosófica e se tornado doutrinador ou carregado de imposição mediante ao pensamento e mediação do educador, na visão do estudante. Há urgência para uma educação não confessional, não regido por normas ou valores religiosos e que não implique nenhuma postura comissiva de hostilidade, que possa gerar intolerância. Todo profissional da educação tende a olhar a partir das lentes da sua própria experiência, ou seja, quando é exposto o tema religião no espaço escolar ele tende a se basear e se apoiar nos fundamentos que ele possui. Faz-se necessário constantemente a capacitação desses profissionais.

Assuntos de ordem religiosa não são em si uma proposta intolerante, ou conservadora, radical, de esquerda ou direita, ela é aquilo que seus pertencentes desejam que elas sejam, pois cada um vê e a constrói no aspecto desejado, a intolerância é apenas um dos aspectos da religião e, é o que mais nos toca no presente momento. A intolerância pode se apresentar no ambiente escolar, principalmente dentro da sala de aula, a não ser que existam expressões públicas de opiniões ou sentimentos coletivos, seja dos alunos, dos docentes ou do poder público, contra todo tipo de intolerância que possa aflorar. Diminuir os conflitos é o que temos desejado, assim como a transformação do espaço escolar, na qual possa ser, realmente, um local em que os

frequentadores se sintam pertencentes, sem que existam reações intolerantes, sejam ela de ordem religiosa, racial, social, entre outras.

A rotina escolar, vivenciada no entorno do ambiente que marcam o espaço, é construído, refeito e alterado a partir de situações oriundas tanto do poder instituído quanto dos que percorrem tal local. A intolerância pode se apresentar no ambiente escolar, principalmente dentro da sala de aula, a não ser que existam expressões públicas de opiniões ou sentimentos coletivos, seja dos alunos, dos docentes ou do poder público, contra todo tipo de intolerância que possa aflorar em violência verbal, física ou psicológica.

A respeito do **objetivo específico (c)** sobre: analisar as questões que envolverão a História Política e Religiosa da educação no Brasil e seus reflexos na sala de aula, foi possível concluir que os reflexos ainda são presentes em sala de aula. Na verdade, esse objetivo mostrou como ainda estão entrelaçados, na educação brasileira, na visão do aluno concluinte do terceiro ano do ensino médio, religião e assuntos predominantemente ligados ao catolicismo com a educação. Essa predominância acerca de uma religião específica, tem causado atrito e foi apontado até mesmo conflitos no espaço escolar. E as vezes, segundo os participantes, contribuem para o aumento da intolerância.

A questão da intolerância, principalmente, de cunho religioso, tem assombrado os dias atuais. Estamos vivendo num tempo de profundas mudanças sociais, políticas, econômicas e religiosas com o aumento de reações fundamentalistas em diversos países. Esta pesquisa lembrou que as questões que envolvem intolerância religiosa sempre estiveram presentes na história da educação no Brasil desde chegada dos portugueses durante o processo de colonização. A religião no Brasil funcionou como uma maneira de doutrinar e impor ideologias do velho mundo carregadas de valores cristãos, fortalecendo uma visão eurocêntrica de mundo.

O problema levantado pela pesquisa foi: Educação e Religião: O impacto da temática religiosa na percepção dos alunos e alunas do terceiro ano do ensino médio na Escola Técnica Estadual do município de Capão Bonito.

Mediante esta investigação, procurou-se levantar dados a fim de verificar, como os estudantes enxergam, notam, percebem e são impactados na maneira que são abordados assuntos ligados a temática religiosa na sala. Concluimos o presente trabalho com a defesa de um ensino que auxilie em fornecer condições à formação de uma identidade sem constrangimentos e coações, à convivência pacífica e tolerante. As normas de convivência que encontramos em sociedade tem raízes na vida escolar. Por isso é fundamental analisarmos os acontecimentos que ocorrem dentro da sala de aula. Somente a formação e o conhecimento podem ser barreiras contra toda a injustiça praticada por atos violentos que tanto condenamos. A defesa de um ensino de assuntos religiosos, que abranja de maneira significativa diversas religiões e não apenas uma, deve ser levada à sala de aula para que desse espaço ela alcance a todos.

Precisamos desassociar religião de fundamentalismo religioso. O fundamentalismo religioso somado à diversidade religiosa gera intolerância, preconceito, violência, guerra e morte.

Esta pesquisa abrirá horizontes para novas vertentes e possibilidades sobre o tema em questão, na esfera da sociedade científica, sendo que a formulação de hipóteses favorece o sistema educacional. Espera-se que o impacto da temática religiosa na percepção dos alunos e alunas do terceiro ano do ensino médio e suas contribuições, possa criar um exame minucioso do assunto, levantando-se os prós e os contras.

Recomendações

Deseja-se mediante os dados levantados desta pesquisa que sirva de inspiração para o aparecimento de outras pesquisas levando em consideração o tema que foi proposto: “Educação e Religião: O impacto da temática religiosa na percepção dos alunos e alunas do terceiro ano do ensino médio na Escola Técnica Estadual do município de Capão Bonito”. No caminho percorrido pela pesquisa, apontamos as seguintes recomendações:

- 1) Colocar em prática a Lei nº10.639/2003, que estabeleceu as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, ampliada pela Lei nº 11.645 de 10 de março de 2008 (Brasil, 2008). A Lei nº 11.645/08 (Brasil, 2008)
- 2) Utilizar as aulas de Filosofia para dirimir as possíveis potencialidades de impacto negativo que surgem no espaço escolar. A Filosofia poderá ajudar a entender o fenômeno da intolerância enraizada na sociedade, desde tempos primórdios. O pensamento filosófico sobre o assunto pode dar um norte sobre a tentativa utópica de diminuir a intolerância, principalmente no espaço escolar. Ela propõe refletir sobre o conhecimento construído fazendo vir à mente, aventando e propondo o método de reflexão, discussão, debate e diálogo como uma maneira de intervir nos conflitos contemporâneos. A Filosofia é uma das ferramentas, imprescindíveis, capaz de preparar os alunos para uma formação crítica, com autonomia do pensamento, que contribui para formar pessoas com um preparo que resultará numa intervenção na sociedade de forma crítica e responsável. Portanto, diante das ações intolerantes que nos permeiam ou que chegam até nós, a filosofia contribuirá aquisição desses conhecimentos de uma forma ordenada e lógica, tornando o pensamento mais dinâmico que levem a uma tentativa de compreender

situações e conflitos que fogem da nossa razão. A reflexão filosófica abre oportunidades para a dúvida, para a criticidade e o levantamento de questões que até então eram inconvenientes, proporcionando um modo vislumbram-te de entender aspectos ligados à realidade do discente. O grande desafio dos docentes de filosofia será de introduzir uma metodologia que busque conciliar as crenças dos estudantes com aquilo que a Filosofia tem para oferecer. A proposta central é que o ensino de Filosofia seja dado como experiência filosófica.

- 3) O preparo do professor para a abordagem de um conteúdo que adentre na temática religiosa é de sua importância. O docente deve entender que a escola é um espaço carregado de crenças religiosas com uma diversidade de valores que poderão ser explorados nas aulas, porém sempre com empatia. O professor pode abrir um leque de discussão concernente às religiões e sua tolerância, no qual o estudante poderá conhecer e refletir sobre diversas manifestações do fenômeno religioso que causa intolerância. É necessário um ensino democrático. É preciso respeitar a identidade e a posição dos demais. O pressuposto para a ideia da tolerância é a democracia, pois sem o aspecto democrático a intolerância estará estabelecida, como regra institucional, como instituição social.
- 4) Educação em espaço não formal. Outra opção com ótima probabilidade de ser feita no ambiente escolar, visando a diminuição dos aspectos negativos que surgem na mediação dos temas ligados a religião é a educação em espaço não-formal, sendo essa praticada a partir da mudança formal do agrupamento de indivíduo, optando pela produção de atividades extracurriculares como oficinas, agrupamentos que se busque assimilar os

conhecimentos ou outros meios que saiam da monotonia da sala de aula, com o que se pretende alcançar, buscando a mudança de aspectos sociais no espaço e no tempo.

REFERÊNCIAS

- Abreu, M., & Rangel, M. (2015). *Memória, cultura histórica e ensino de história* Memory, historical culture, and the teaching of history in the contemporary world. *História e Cultura*, 4(2).
- Amado, J., & Ferreira, S. (2013). A entrevista na investigação educacional. *Manual de investigação qualitativa em educação*, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2ª edição
- Anjos, C. F. & Bregonci, A. M. (2016). As contribuições da cartografia na pesquisa em educação. In: 12º Reunião Científica Regional Sudeste da ANPED: *Diálogos entre pesquisa e as políticas de educação na atualidade*, Vitória, Anais, 16, pp.2159-2177
- Aranha, M. L. D. A. (2006). *História da Educação e da Pedagogia*. 3ª. Edição. São Paulo: Moderna.
- Arroyo, M. G. 2013 *Currículo, território em disputa*. Petrópolis, RJ: Vozes
- Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo* (L. de A. Rego & A. Pinheiro, Trans.). Lisboa: Edições 70, p.38
- Base Nacional Comum Curricular (BNCC, versão final) 2018. *Diário Oficial da União*. Brasília, Disponível em:
http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade líquida*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar.
- Beozzo, J. O. (2011) *O curso de verão e seus conteúdos*. Ceseep: um projeto de formação social e pastoral. In: Possani, L. de F. P. & Sanches, W. L. Formação ecumênica e popular feita em mutirão: Curso de Verão 25 anos. São Paulo: Paulus.
- Bortoli, K. F. S. (2003) O Ratio Studiorum e a missão no Brasil. *Revista História Hoje*, São Paulo, 2 (1).

Brandenburg, L. E., Campos, F. C & Souza P. R. C. C., (jul-dez 2019). A contribuição das dez competências gerais da BNCC na área do ensino religioso. *Princípios normativos de coesão e esperança. Revista de Cultura Teológica* 94 (24) 158-169.

<https://revistas.pucsp.br/culturateo>

Brandenburg, L. E. e Klein, Remí. (Orgs.) (2017). *Compêndio do Ensino Religioso*. São Leopoldo: Vozes, p.22.

_____(2015). Uma Ciência Como Referência: *Uma conquista para o ensino religioso. Revista rever,(1)* 15.

Bicudo, M. A. V. (2021). *Pesquisa em educação matemática: concepções e perspectivas*. Editora Unesp.

Brasil, Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2017.

_____*Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. LDB 9394, de 20 de dezembro de 1996.*

_____*Brasil, Ministério da Educação, Secretaria da Educação Média e Tecnológica.*

Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica / Brasília: Ministério da Educação, 1999.

Brasil (2008). Lei nº 11.645, de 10 março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Diário Oficial da União. Brasília.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato20072010/2008/Lei/L11645.htm

Brasil. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Imprensa Oficial, 1988

- Campoy, A. T. (2019). *Metodología de la investigación científica*. Manual para elaboración de tesis y trabajos de investigación. Marben. Asunción.
- Castro, A. G. (2017). A natureza do ensino religioso na escola confessional: contribuições de Mircea Eliade para os educadores. *Revista de EDUCAÇÃO do Cogeime*, 26(51).
- Chizzotti, A (2006). *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. São Paulo: Cortez.
- CNE. Resolução n. 3, de 21 de novembro de 2018. Atualiza as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. p. 6. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/novembro-2018-pdf/102481-rceb003-18/file>
- Custódio, E. S. (2016). Cultura de paz, perdão e valores humanos: um desafio para a educação escolar brasileira do século XXI. *Protestantismo em Revista*, 40.
- Calegari, R. P. (2014) *Os 210 anos de Pedagogia Jesuíta no Brasil*. In: *Seminário Internacional de Educação Superior*. 2. Uniso. Anais. Eletrônicos. P. 1-10. Disponível em: https://unisos.uniso.br/publicacoes/anais_eletronicos/2014/5_es_memoria/03.pdf
- Carvalho, E. J. G., & Faustino, R. C. (2016). Educação para a diversidade cultural: reflexões sobre as influências internacionais na atual política educacional. *Revista NUPEM*, 8(15).
- Chechite, E. & Pozzer, A. (2015). *Entre fechamentos e aberturas*. Ensino religioso na educação básica, fundamentos epistemológicos e curriculares. Florianópolis: Saberes em diálogos.
- Fare, M.; Machado, F. V.; Carvalho, I. C. M. (2014). *Breve revisão sobre regulação da ética em pesquisa*: subsídios para pensar a pesquisa em educação no Brasil. *Práxis Educativa*, v. 9, 1, p. 252.
- Fausto, B. (2010) *História do Brasil*. 13ª ed., São Paulo: EDUSP.
- Figueira, D. G. (2010). *História em foco*. São Paulo: Ática.
- Flores, L. F. B. N. (2003). *O altar e a coroa iluminada*: a educação de colonos e colonizados

- Educação no Brasil. História, cultura e política. Bragança Paulista: Edusf
- Freston, P. (2010). As duas transições futuras: católicos, protestantes e sociedade na América Latina. *Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, 12.
- Fonaper 2009. Ensino Religioso. *Fórum Nacional Permanente de Ensino Religioso. Caderno nº 1: Ensino Religioso – Capacitação para o Novo Milênio*
- Gabatx, C. (2012). Diversidade cultural e religiosa e os desafios para uma educação inclusiva. In *Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST*. Vol. 1.
- Gallo, S. (2009) *Subjetividade, ideologia e educação*. Campinas-SP Alínea
- Gallo, S. (2013). *A Filosofia e seu ensino: conceito e transversalidade*. In: Silveira, R J. T. *Metodologia do ensino de filosofia: uma didática para o ensino médio*. Campinas: Papyrus.
- Gil, A. C. (2011). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. Editora Atlas AS
- Giroux, H. A. (2002). *Praticando estudos culturais nas faculdades de educação*. In: Silva, T. T. Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação. 4. ed. Petrópolis: Vozes.
- Hansen, J. A (2010). *Manuel da Nóbrega*. Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, Recife, PE. (Coleção Educadores).
- Heinsfeld, A. *Fronteira Brasil/Argentina: a Questão de Palmas – de Alexandre Gusmão a Rio Branco*. Passo Fundo: Méritos, 2007.
- Boulos, A. (2012). *História Sociedade&Cidadania*. Edição reformulada. São Paulo: FTD, 2. ed.
- Junqueira, Sérgio. R. A. (2017) (Org.). *Introdução Geral*. In: Junqueira, Sérgio. R. A.; Brandenburg, L. E. e Klein, R. (Orgs.). *Compêndio do Ensino Religioso*. Vozes.

- Junqueira, S., & Rocha, T. S. (2017). Identity of Religious Education in School Space. *Revista Fragmentos de Cultura-Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas*, 27(4).
- Kauark, F. D. S., Manhães, F. C., & Medeiros, C. H. (2010). *Metodologia da pesquisa: um guia prático*. Itabuna: Via Litterarum.
- Kripka, R., Scheller, M., & Bonotto, D. L. (2015). *Pesquisa Documental: considerações sobre conceitos e características na Pesquisa Qualitativa*. CIAIQ, 2.
- Lins, E. S. & Cruz, J. S. (2017). *Objeto de estudo, objetivo e eixos do Ensino Religioso na Base Nacional Comum Curricular*. São Leopoldo: Sinidal, Petrópolis: Vozes.
- Leite, F. C. (2011). O Laicismo e outros exageros sobre a Primeira República no Brasil. *Religião & Sociedade*, 31(1)
- Mézáros, I. (2015). *A educação para além do capital*. Boitempo editorial.
- Mendes, A. A. P., & de Rezende, E. T. (2017). O uso de mapas conceituais para leitura de textos filosóficos em sala de aula no Ensino Médio. *Revista do NESEF*, 3(3).
- Mazzeo, A. C. (2015). *Estado e burguesia no Brasil: origens da autocracia burguesa*. 3. ed. São Paulo: Boitempo.
- Minayo, M. C. D. S. (2014). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec Editora, 14ª edição.
- Moraes, R., & Galiazzi, M. D. C. (2016). Análise textual discursiva. rev. *Ijuí: Ed. Unijuí*, 224.
- Morin, E. (2016) "Os Sete Saberes Necessários a Educação do Futuro." *Sustinere - Revista de Saúde e Educação*, vol. 4, no. 1, Jan.- 2016, p. 161. *Gale Academic OneFile*, link.gale.com/apps/doc/A569892251/AONE?u=egn&sid=googleScholar&xid=a5d11d44.
- Moran, J. M. (2015). *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. Campinas, SP: Papirus

- Mussi, F., Franklin, R., Assunção, E. T. C., & Nunes, C. P. (2019). Pesquisa Quantitativa e/ou Qualitativa: distanciamentos, aproximações e possibilidades. *Revista Sustinere*, 7(2), 427.
- Nogueira, S. (2020). *Intolerância religiosa*. Pólen Produção Editorial LTDA.
- Ocde (2018), *Students, computers and learning: Making the connection*. PISA, OECD Publishing, Paris. DOI: <https://doi.org/10.1787/ca768d40-en>.
- Oliveira, K. A. V. & Barros, M. C. M. S. (2010) Educação e processos de escolarização no Brasil: trajetória histórica. Educação e processos de escolarização no Brasil: trajetória histórica. *SEMPESQ* 12 (1).
- Oliveira, C. L. (2008). *Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características*. *Travessias*, 2(3).
- Oliveira, M. M. (2006). Os empresários de educação básica e a nova divisão de trabalho da educação nacional. In: Neves, L. *O empresariamento da educação: novos contornos do ensino superior no Brasil dos anos 1990*. São Paulo: Xamã.
- Oliveira, M. M. D. (2016). Como fazer pesquisa qualitativa. Revista e atualizada. *Petrópolis, RJ: Vozes*.
- Penido, A. (2018) Bncc na prática. *Aprenda tudo sobre as Competências Gerais*. Revista Nova Escola, p.14
- Perry, M. (2015) Civilização Ocidental: uma história concisa. *Trad. Waltensir Dutra, Silvana Vieira*, v. 2.
- Pessoa F. (1986). *Obra poética* (com atualização ortográfica). Rio de Janeiro: Nova Aguilar, p.82.
- Reclus, E. (2010) *O homem e a terra: educação*. Tradução Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Expressão & Arte; Editora Imaginário.

- Riga, V. M. (2013) *As concepções Jesuíticas acerca do indígena e de sua conversão à fé cristã - Breves considerações a partir da obra "Diálogo sobre a conversão do gentio*. Campinas, SP, Revista História e História - UNICAMP.
- Rosário, M. J. A. do, & Melo, C. N. (2015). A educação jesuítica no Brasil colônia. *Revista HISTEDBR*, 15 (61), pp. 379–389. <https://doi.org/10.20396/rho.v15i61.8640534>
- Rogers, C. & Tillich, P. (2008). *Diálogo*. Tradução: Marcos Ricardo Janzen Revisão Técnica: Gustavo Vieira da Silva e Adriano Holanda. *Revista da Abordagem Gestáltica – XIV* (1)
- Santos, F. M. T. D., & Greca, I. M. (2013). Metodologias de pesquisa no ensino de ciências na América Latina: como pesquisamos na década de 2000. *Revista Ciência & Educação*, 19(01).
- Santos, T. B. D. (2021). O Ensino Religioso na Base Nacional Comum Curricular: algumas considerações. *Educação em revista*, 37.
- Saviani, D. (2005). *Educação socialista, pedagogia histórico-crítica e os desafios da sociedade de classes*. Marxismo e Educação: debates contemporâneos Campinas, SP: Autores Associados.
- _____ (2013). *História das ideias pedagógicas no Brasil*. 4. ed. Campinas, SP: Autores Associados.
- Sampieri, R. H., Collado, C. F., & Lucio, P. B. (2006). *Metodologia de pesquisa*, 5. ed. Porto Alegre: Penso
- Schneeberger, C. A. (2010) *Minimanual compacto de história geral: teoria e prática*. 2.ed. São Paulo: Rideel
- Scussel, M. A. (2013) *O desenvolvimento de competências no Ensino Religioso e a formação para a cidadania*. Ensino Religioso e Docência e(m) formação. São Leopoldo: Sinodal.

- Severino, A. J. (2006). A busca do sentido da formação humana: tarefa da Filosofia da Educação. *Educação e pesquisa*, 32(03).
- Silva, J. A. (2010). *Curso de Direito Constitucional Positivo*. 34ª ed. São Paulo: Malheiros.
- Silva, G., & Amorim, S. S. (2017). Apontamentos sobre a educação no Brasil Colonial (1549-1759) pp.185-196. *Interações (Campo Grande)*, 18
- Silva, J. C. (2018) O Currículo e o Ensino Religioso na BNCC: reflexões e perspectivas. *Revista Pedagógica, Chapecó*, v. 20, n. 44.
- Silva, T. T. (2011). *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte, MG: Autêntica.
- Souza, F. S. & Viotto F. (2018, May). Pesquisa-intervenção formativa na escola: dialogando com gestores, professores e estudantes (pp. 105-118). In *Colloquium Humanarum*. ISSN: 1809-8207 Vol 15 (1)
- Tillich, P. (2009). *Teologia da cultura*. São Paulo: Fonte Editorial
- Trivinos, A. N. S. (2011) *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*, 1. São Paulo, Atlas.
- Todorov, T. (2008). *O espírito das luzes*. Barcarolla.
- Vale, R. M. (2015) A Dimensão da Fé na Perspectiva de Paul Tillich. In: *Congresso da associação nacional de pós-graduação e pesquisa em teologia e ciências da religião (anptecre)*, V, Curitiba.
- Valente, G. A. (2018). Laicidade, Ensino Religioso e religiosidade na escola pública brasileira: questionamentos e reflexões. *Proposições*, 29, p.109.
- Versaldi, G. (2017). *Congregação para educação católica. Educar ao humanismo solidário*. Roma: Vaticano. Disponível em:

https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20170416_educare-umanesimo-solidale_po.html.

- Vicentini, M. P. (2019). O desenho de métodos mistos convergente: comparação de resultados qualitativos e quantitativos. *Revista do seta-issn 1981-9153, V 9 (1)*.
- Tuzzo, S. A., & Braga, C. F. (2016). O processo de triangulação da pesquisa qualitativa: o metafenômeno como gênese. *Revista Pesquisa Qualitativa, São Paulo, SP, v.4, n.5*.
- Zylbersztajn, J. (2012). *O princípio da laicidade na Constituição de 1988, 248s* (Doctoral dissertation, Tese (Doutorado em Direito) Departamento de Direito do Estado, Faculdade de Direito da Universidade São Paulo, São Paulo).

APÊNDICES

APÊNDICE I– FORMULÁRIO DE VALIDAÇÃO DE INSTRUMENTOS DE PESQUISA



UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE ASUNCIÓN
FACULTAD DE CIENCIAS HUMANÍSTICAS Y DE LA COMUNICACIÓN
PROGRAMA DE MAESTRÍA EM CIENCIA DE LA EDUCACION

Prezado (a) Doutor (a),

Este formulário destina-se à validação do instrumento que será utilizado na coleta de dados da pesquisa de campo cujo tema é: “EDUCAÇÃO E RELIGIÃO: O impacto da temática religiosa na percepção dos alunos e alunas do terceiro ano do ensino médio na Escola Técnica Estadual do município de Capão Bonito”.

Objetivo geral

- Analisar o impacto da temática religiosa na sala de aula na perspectiva do aluno, durante a conclusão do Ensino Médio, e sua percepção sobre como tem sido trabalhado assuntos que abordam a religião.

Objetivo específico

- ✓ 1: Identificar se há espaço e tratamento igualitário para diversas religiões na sala de aula ou resquícios do pensamento hegemônico da herança colonial
- ✓ 2: Identificar se a temática religião tem servido para aprofundamento filosófico, haja vista a laicidade do Estado, isto é, na reflexão de elementos

religiosos e não adesão, o que requer uma reflexão histórica e filosófica ampla e não confessional.

- ✓ 3: Analisar as questões que envolverão a História Política e Religiosa da educação no Brasil e se os reflexos atuais em sala de aula, ainda geram conflitos.

Solicito, assim, que se possível, analise as questões propostas nos instrumentos de coleta dos dados e verifique se as mesmas estão correlacionadas ao objetivo geral e aos específicos propostos na pesquisa, observando ainda se existe: Coerência e Clareza nas questões propostas. A coluna I apresenta as questões que após esta validação serão utilizadas para a coleta dos dados e a coluna II e III deverão ser preenchidas utilizando uma escala de 1 a 5 pontos, sendo (1) sem importância ou coerência e (5) para indicar o máximo de importância e coerência das questões.

Sinta-se à vontade para fazer suas considerações e sugerir melhorias.

Sem mais para o momento, antecipadamente, agradeço por sua atenção e pela presteza em contribuir como desenvolvimento da minha pesquisa.

Jonatas Francisco Ferraz
Mestrando em Ciências da Educação
Universidade Autônoma de Assunção- Paraguai

**APÊNDICE II – PARECER DE AVALIAÇÃO DOS INSTRUMENTOS DA PESQUISA
REALIZADO PELOS ESPECIALISTAS**



Parecer da avaliação de instrumento da pesquisa EDUCAÇÃO E RELIGIÃO: O IMPACTO DA
TEMÁTICA RELIGIOSA NA PERCEPÇÃO DOS ALUNOS DO TERCEIRO ANO DO
ENSINO MÉDIO NA ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL DO MUNICÍPIO DE CAPÃO
BONITO

Pesquisador responsável: Jonatas Francisco Ferraz

Consideramos um instrumento apropriado para a pesquisa uma vez que atende aos requisitos
básicos.

Dr. Walter Martins de Oliveira

Dr. Fernando Batista de Campos

APÊNDICE II – QUESTIONÁRIO DIRIGIDO AOS ALUNOS

UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE ASUNCIÓN
FACULTAD DE CIENCIAS HUMANÍSTICAS Y DE LA COMUNICACIÓN
PROGRAMA DE MAESTRÍA EM CIENCIA DE LA EDUCACION

Instrumento de Coleta de Dados: Questionário dos alunos			
QUESTÕES E OPÇÕES DE RESPOSTAS	Objetivo específico	Coerência 1-5	Clareza 1-5
1 - Qual o seu sexo? <input type="checkbox"/> Masculino <input type="checkbox"/> Feminino			
2 - Qual a sua idade? <input type="checkbox"/> Entre 15 a 20 anos <input type="checkbox"/> Entre 21 a 25 <input type="checkbox"/> Outra			
3 - O Ensino Religioso é facultativo no 9ºano. Na sua opinião, o ensino religioso deve integrar o currículo do ensino médio, se			

<p>transformando em disciplina permanente?</p> <p>() sim () não</p>			
<p>4 - O multiculturalismo religioso, ou seja, a coexistência de várias religiões esteve presente quando tratado de assuntos sobre a temática religiosa nas aulas?</p> <p>() sim () não</p>	Objetivo específico a		
<p>5 - Quais as disciplinas que mais apareceram assuntos que tratavam sobre a religião?</p> <p>Requer resposta. Opção única.</p> <p>() Filosofia</p> <p>() Português</p> <p>() História</p> <p>() Geografia</p> <p>() Sociologia</p> <p>() Biologia</p> <p>() Outra</p>	Objetivo específico a		
<p>6 - Você já se sentiu desconfortável quando algum tema tratado em sala de aula criticava sua religião?</p> <p>() sim () não</p>	Objetivo específico b		
<p>7 - Qual a sua religião? Requer resposta. Opção única.</p> <p>() Católica</p> <p>() Evangélica</p>	Objetivo específico c		

<input type="checkbox"/> Espírita <input type="checkbox"/> Adventista <input type="checkbox"/> Islâmica <input type="checkbox"/> Judaica <input type="checkbox"/> Afro-brasileira <input type="checkbox"/> Outra			
8 - Os temas religiosos na sala de aula servem para doutrinação e crítica apenas, ou para compor os conhecimentos necessários e sentido para o ser?	Objetivo específico b		
9 - Seus professores mostram empatia quando tratam de assuntos ligados a temática religiosa na sala de aula?	Objetivo específico c		
10 - Você já presenciou algum docente desrespeitar a sua religião ou crença? Requer resposta. Opção única. <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não	Objetivo específico c		
11 - Religiões de tradição indígena e afro-brasileira, aparecem ou são mencionadas dentro da escola? Requer resposta. Opção única. <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não	Objetivo específico a		
12 - Os professores têm colaborados através do diálogo para o respeito e reconhecimento das diferenças? Requer resposta. Opção única. <input type="checkbox"/> Sempre	Objetivo específico b		

<input type="checkbox"/> Quase sempre <input type="checkbox"/> Às vezes <input type="checkbox"/> Raramente <input type="checkbox"/> Nunca			
<p>13 - Você considera que os professores, possuem formação adequada quando abordam qualquer assunto de temática religiosa na sala de aula? Requer resposta. Opção única.</p> <input type="checkbox"/> Todos <input type="checkbox"/> Quase todos <input type="checkbox"/> Alguns <input type="checkbox"/> Poucos <input type="checkbox"/> Nenhum	Objetivo específico b		
<p>14 - Como construir uma prática pedagógica respeitosa, não proselitista, que respeite as diferenças religiosas no ambiente escolar?</p>	Objetivo específico b		
<p>15 - Você já presenciou algum conflito ou discussão na escola por desrespeito a religião do outro? Requer resposta. Opção única.</p> <input type="checkbox"/> Muitas vezes <input type="checkbox"/> Algumas vezes <input type="checkbox"/> Poucas vezes <input type="checkbox"/> Nunca	Objetivo específico c		
<p>16 - Os assuntos ligados a temática religiosa aumentam a intolerância no ambiente escolar? Requer resposta. Opção única.</p> <input type="checkbox"/> Sempre <input type="checkbox"/> Quase sempre <input type="checkbox"/> Às vezes <input type="checkbox"/> Raramente	Objetivo específico c		

() Nunca			
17 - A pedagogia imposta pelos jesuítas no Brasil colonial, tendo o catolicismo como religião predominante, ainda é sentida na sala de aula?	Objetivo específico c		

Contribuições do Especialista Avaliador:

Doutores:

Walter Martins de Oliveira

Fernando Batista de Campos



Parecer da avaliação de instrumento da pesquisa EDUCAÇÃO E RELIGIÃO: O IMPACTO DA TEMÁTICA RELIGIOSA NA PERCEPÇÃO DOS ALUNOS DO TERCEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO NA ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL DO MUNICÍPIO DE CAPÃO BONITO

Pesquisador responsável: Jonatas Francisco Ferraz

Consideramos um instrumento apropriado para a pesquisa uma vez que atende aos requisitos básicos.



Dr. Fernando Batista de Campos

APÊNDICE II – PARECER DE AVALIAÇÃO DOS INSTRUMENTOS DA
PESQUISA REALIZADO PELOS ESPECIALISTAS



Parecer da avaliação de instrumento da pesquisa EDUCAÇÃO E RELIGIÃO: O
IMPACTO DA TEMÁTICA RELIGIOSA NA PERCEPÇÃO DOS ALUNOS DO
TERCEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO NA ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL DO
MUNICÍPIO DE CAPÃO BONITO

Pesquisador responsável: Jonatas Francisco Ferraz

Consideramos um instrumento apropriado para a pesquisa uma vez que atende aos
requisitos básicos.



Dr. Walter Martins de Oliveira

APÊNDICE VI – QUESTIONÁRIO DIRIGIDO AOS ALUNOS VIA FORMS



UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE ASUNCIÓN
FACULTAD DE CIENCIAS HUMANÍSTICAS Y DE LA COMUNICACIÓN
PROGRAMA DE MAESTRÍA EM CIENCIA DE LA EDUCACION



Este é um convite para você preencher o formulário:

1. Qual o seu sexo?

- Masculino
- Feminino

2. Qual a sua idade?

- Entre 15 a 20 anos
- Entre 21 a 25
- Outra

3. O Ensino Religioso é facultativo no 9º ano. Na sua opinião, o ensino religioso deve integrar o currículo do ensino médio, se transformando em disciplina permanente?

- Sim
- Não

4. O multiculturalismo religioso, ou seja, a coexistência de várias religiões esteve presente quando tratado de assuntos sobre a temática religiosa nas aulas?

- Sim
- Não

5. Quais as disciplinas que mais apareceram assuntos que tratavam sobre a religião?

- Filosofia
- Português
- História
- Geografia
- Sociologia
- Biologia



6. Você já se sentiu desconfortável quando algum tema tratado em sala de aula criticava sua religião?

- Sim
- Não

7. Qual a sua religião?

- Católica
- Evangélica
- Espírita
- Adventista
- Islâmica
- Judaica
- Afro-brasileira



8. Os temas religiosos na sala de aula servem para doutrinação e crítica apenas, ou para compor os conhecimentos necessários e sentido para o ser?

9. Seus professores mostram empatia quando tratam de assuntos ligados a temática religiosa na sala de aula?

- Sim
- Não

10. Você já presenciou algum docente desrespeitar a sua religião ou crença?

- Sim
- Não

11. Religiões de tradição indígena e afro-brasileira, aparecem ou são mencionadas dentro da escola?

- Sim
- Não

12. Os professores têm colaborado através do diálogo para o respeito e reconhecimento das diferenças?

- Sempre
- Quase sempre
- Às vezes
- Raramente
- Nunca

13. Você considera que os professores, possuem formação adequada quando abordam qualquer assunto de temática religiosa na sala de aula?

- Todos
- Quase todos
- Alguns
- Poucos
- Nenhum

14. Como construir uma prática pedagógica respeitosa, não proselitista, que respeite as diferenças religiosas no ambiente escolar?

15. Você já presenciou algum conflito ou discussão na escola por desrespeito a religião do outro?

- Muitas vezes
- Algumas vezes
- Poucas vezes
- Nunca

16. Os assuntos ligados a temática religiosa aumentam a intolerância no ambiente escolar?

- Sempre

- Quase sempre
- Às vezes
- Raramente
- Nunca

17.A pedagogia imposta pelos jesuítas no Brasil colonial, tendo o catolicismo como religião predominante, ainda é sentida na sala de aula?

Enviar

Este conteúdo foi criado pelo proprietário do formulário. Os dados que você enviar serão enviados ao proprietário do formulário. A Microsoft não é responsável pela privacidade ou práticas de segurança de seus clientes, incluindo aqueles do proprietário deste formulário. Nunca forneça sua senha.

Da plataforma Microsoft Forms | [Política de privacidade](#) | [Condições de uso](#)

**APÊNDICE V- CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO
SUJEITO DA PESQUISA**



**UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE ASUNCIÓN
FACULTAD DE CIENCIAS HUMANÍSTICAS Y DE LA COMUNICACIÓN
PROGRAMA DE MAESTRÍA EM CIENCIA DE LA EDUCACION**

Eu, _____ RG/ CPF

_____, abaixo assinado, responsável por

_____, autorizo

participação no estudo , como sujeito. Fui devidamente informado (a) e esclarecido(a) pelo pesquisador(a) sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da sua participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade ou interrupção do acompanhamento/ assistência/tratamento prestado ao sujeito pesquisado.

Local e data:

Nome e Assinatura do(a) Participante / Responsável:

**APÊNDICE VI: CARTA DE APRESENTAÇÃO À GESTÃO DA INSTITUIÇÃO DE
ENSINO, LÓCUS DA PESQUISA: ETEC DR. CELSO CHARURI.**



**UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE ASUNCIÓN
FACULTAD DE CIENCIAS HUMANÍSTICAS Y DE LA COMUNICACIÓN
PROGRAMA DE MAESTRÍA EM CIENCIA DE LA EDUCACION**

CARTA DE APRESENTAÇÃO

_____, ____ de _____ de 2022

Ilmo. (a) Sr. (a) Diretor (a)

Servimo-nos desta para apresentar o mestrando, pela Universidad Autónoma de Asunción, Jonatas Francisco Ferraz, que pretende realizar uma pesquisa junto aos alunos com o Tema: *EDUCAÇÃO E RELIGIÃO: O impacto da temática religiosa na percepção dos alunos e alunas do terceiro ano do ensino médio na Escola Técnica Estadual do município de Capão Bonito.*

Solicitamos a colaboração de V.Sa. No sentido de que seja autorizada a realização da pesquisa nesta Instituição, em cumprimento das exigências da realização do Mestrado em Ciências da Educação, favorecendo a oportunidade de conhecer a realidade educacional, condição imprescindível para a investigação do trabalho.

Sem mais para o momento,

Jonatas Francisco Ferraz
Mestrando em Ciências da Educação
Universidade Autônoma de Assunção- Paraguai



UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE ASUNCIÓN
FACULTAD DE CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN Y LA COMUNICACIÓN
MAESTRÍA EN CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN

SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA ACADÊMICO-CIENTÍFICA

Prezado Senhor, Alison Cesar Sudário de Freitas

Solicitamos autorização para realização de uma pesquisa integrante do Trabalho de Conclusão de Curso, modalidade Mestrado em Ciências da Educação: orientado pelo Professor Doutor Javier Numan Caballero Merlo, tendo como título preliminar "Educação E Religião: O Impacto Da Temática Religiosa na Percepção dos Alunos do Terceiro Ano do Ensino Médio da Escola Técnica Estadual Dr. Celso Charuri".

Salientamos que todos os dados e informações necessárias para a pesquisa serão previamente submetidos à aprovação do responsável pela instituição concedente.

A presente atividade é requisito curso de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Ciências Humanas e da Comunicação da Universidade Autónoma de Assunção como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Agradecemos a atenção e nos colocamos ao inteiro dispor para melhores esclarecimentos.

Capão Bonito, 10 de agosto de 2022

Acadêmico

Assinatura e carimbo do responsável pela instituição

Alison Cesar Sudário de Freitas
RG: 27.109.150-2
Diretor
Esc. Tec. Dr. Celso Charuri

ANEXOS

ANEXO 01: Currículo resumido dos Doutores que validaram os instrumentos da pesquisa

Walter Martins de Oliveira

Doutor em Educação pela Universidade Nove de Julho (UNINOVE) em São Paulo. Mestre em Gestão e Práticas Educacionais pela Universidade Nove de Julho (UNINOVE) em São Paulo. Pós-Graduado em Psicopedagogia (Lato Sensu). Graduado em Filosofia e Pedagogia. Bacharel em Teologia. Possui experiência como professor na Educação Básica e Ensino Médio Técnico e como gestor escolar da Rede Pública de Ensino do Estado de São Paulo.

Fernando Batista Campos

Doutor em Teologia, área de concentração Tradições e Escrituras Sagradas, pela Escola Superior de Teologia (EST) em São Leopoldo-RS. Possui graduação em Teologia pela PUC-SP (2007); Geografia pela Faculdade Paulista São José (2014); História pela Faculdade Paulista São José (2012); Filosofia pela Faculdade Entre Rios do Piauí (2016). Especialização em Interdisciplinaridade, Estudo de Geografia e História. Atualmente é padre - Diocese de Itapeva, professor do Instituto de Teologia São João Paulo II de Sorocaba. Tem experiência na área de Teologia, com ênfase em Teologia Bíblica, Hermenêutica Bíblica, Relação entre os Testamentos, Paulo, Intertextualidade e Dialogicidade, Martinho Lutero, Edith Stein, Diálogo Ecumênico (Comissões Mistas).

ANEXO 02: Imagem do Município de Capão Bonito

19/03/2023, 01:14

Google Earth



Anexo 03: Imagem da Etec

19/03/2023, 01:20

Google Earth

